



Clive Barker
RAÇA DA NOITE

EXILADO DOS
LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

Clive Barker

RAÇA DA NOITE

Tradução: Fábio Fernandes

Civilização Brasileira

Neste romance, tudo pode acontecer. E, de fato, acontece...

Como bem sabem os leitores dos quatro volumes já publicados de LIVROS DE SANGUE, contos, e do romance O JOGO DA PERDIÇÃO, a criatividade de Clive Barker não tem limites. Dominando o gênero "literatura de horror" com rara maestria, ele mereceu de seu colega Stephen King — outro mestre do gothic — o mais consagrador dos elogios: *"... ele não é apenas bom, ele é ótimo! Escritor absolutamente original, seus contos e romances me abalaram por completo: jamais fui submetido antes à combinação de espanto, prazer e revolta emocional que seus textos me proporcionaram"*.

Essa opinião alcança a quase totalidade a crítica em todo o universo cultural da língua inglesa, onde Clive Barker, trazendo à lembrança dos leitores o gênio torturado de Edgar Allan Poe, tem merecido comentários como estes:

"Ora sufocante, sempre perturbador, seus personagens são originais e memoráveis ..." — Publishers Weekly;

"Espantoso! Angustiante! Arrebatador! Barker nos garante uma emoção por minuto." — Chicago Sun Times;

"Com audácia que não conhece fronteiras, ele nos oferece alguns dos mais provocantes textos de terror jamais publicados. Chocante, grotesco, mas absolutamente imperdível!" — Washington Post;

"Um escritor fascinante, dotado de brilhante imaginação! Ele domina como poucos a arte de escrever!" —J..G. Ballard

Neste seu novo romance, *A RAÇA DA NOITE*, ele consegue dar forma e substância a um verdadeiro paradoxo: transformar o delírio em realidade palpável, assim como alguém que embarcasse numa "viagem" induzida por LSD e, depois, trouxesse souvenirs materiais para os amigos... Sim, porque Clive Barker dá plausibilidade às situações mais alucinantes, nas quais virtudes e fraquezas humanas são subitamente envolvidas e subvertidas pelo insólito, pelo inexplicável e, ainda assim, continuam perfeitamente compreensíveis e têm uma perversa lógica interior. O bem e o mal são duas faces da mesma moeda, e as situações que sua imaginação febril cria para nós, tanto potencializam o negativo quanto banalizam o positivo.

Três personagens centrais—Boone, Lori e Decker — vivem um drama inescapável: para Boone, não há lugar neste mundo onde possa encontrar felicidade, mesmo que acompanhado de Lori, sua amada. Decker, espécie de arqui-vilão metafísico, demonstrou-lhe — com fotografias horripilantes — a dupla personalidade de homem comum e de assassino sádico que havia em seu íntimo. Boone quer fugir da culpa angustiante. O céu e o inferno passaram a ser pequenos demais para absolvê-lo ou puni-lo, e ele se retira para Midian, a terra-de-ninguém onde só vicejam os que pairam acima do bem e do mal, da vida e da morte. Esperava encontrar ali um mínimo de paz interior. Ao chegar lá, porém, descobre com horror que o verdadeiro pesadelo ainda estava por vir...

Ênio Silveira

*"Somos todos animais
imaginários..."*

Domingo D'Ybarrondo,
Um Bestiário da Alma

Sumário

PARTE UM: LOCO

- I** A Verdade
- II** Academia
- III** O Rapsodo
- IV** Necrópole
- V** Um Macaco Diferente
- VI** Pés de Barro

PARTE DOIS: A MORTE É UMA CADELA

- VII** Estradas Difíceis
- VIII** Onde Ele Caiu
- IX** Tocado
- X** Sol e Sombra

PARTE TRÊS: IDADE DAS TREVAS

- XI** Terreno Perigoso
- XII** Acima e Abaixo
- XIII** A Criança Profética
- XIV** Tabernáculo

PARTE QUATRO: SANTOS E PECADORES

XV A Taxa

XVI Agora ou Nunca

XVII Delírio

XVIII A Fúria do Justo

PARTE CINCO: A BOA NOITE

XIX Cara de Poucos Amigos

XX Comandado

XX I Aquele Desejo

XXII O Triunfo da Máscara

XXIII Aflição

XXIV Cabala

XXV Fica Comigo

Parte Um

LOCO

*"Eu nasci viva.
Não é castigo suficiente?"*

Mary Hendrickson, em seu
julgamento por crime de parricídio



I

A Verdade

De todas as promessas precipitadas feitas de madrugada, em nome do amor, Boone sabia que nenhuma era mais certa de ser quebrada do que: *"Nunca te deixarei"*.

O que o tempo não roubava debaixo do nariz das pessoas, as circunstâncias tomavam. Inútil esperar outra coisa; inútil sonhar que o mundo, de algum modo, lhes quisesse bem. Tudo de valor, tudo em que nos agarramos para nos garantir a sanidade, apodreceria ou nos seria levado no fim das contas, e o abismo se abriria aos nossos pés, como se abria para Boone agora, e subitamente, sem sequer um gesto de explicação, acabamos caindo. Para o inferno ou pior ainda, juntamente com as juras de amor e todo o resto.

Suas perspectivas nem sempre haviam sido tão pessimistas. Houve um tempo — e nem fazia tanto tempo assim — em que sentia o peso de sua angústia mental diminuir. Tinha poucos surtos psicóticos, poucos dias em que sentia vontade de cortar os pulsos em vez de suportar horas até a próxima medicação. Parecia haver então uma chance de ser feliz.

E agora essa possibilidade que lhe garantira a declaração de amor, esse *"Nunca te deixarei"*, sussurrado no ouvido de Lori, deitada na

cama estreita que ele jamais sonhara poder abrigar duas pessoas. As palavras não haviam saído no auge de um grande momento de paixão. A vida amorosa dos dois, como tantas coisas entre eles, era repleta de problemas. Mas onde outras mulheres haviam desistido dele, sem perdoar-lhe falhas, ela perseverara: dissera-lhe que havia muito tempo para que tudo se resolvesse, todo o tempo do mundo. "Estou com você pelo tempo que você quiser que eu esteja", sua paciência parecia dizer.

Ninguém jamais sugerira tamanho compromisso; e ele queria oferecer um em troca. As palavras: ' 'Nunca te deixarei" eram esse compromisso.

A lembrança dessa frase e daquela pele quase luminosa na penumbra do seu quarto, e do som de respiração quando finalmente adormecia ao lado dele — tudo isso ainda tinha o poder de lhe cativar o coração, e apertá-lo até que doesse.

Ele desejava libertar-se tanto da lembrança quanto das palavras, agora que as circunstâncias lhe haviam tomado qualquer esperança de realizá-las. Mas não as esquecia. Demoravam-se, para atormentá-lo em sua fragilidade. O único pequeno consolo era que ela — agora sabendo o que devia saber a seu respeito — estaria lutando para apagá-lo da memória; e que no devido tempo conseguiria. Ele só esperava que ela compreendesse sua ignorância de si mesmo quando fizera a promessa. Jamais teria arriscado essa dor se duvidasse que a saúde finalmente estava ao seu alcance.

Ledo engano!

Decker trouxera um fim abrupto a essas ilusões no dia em que trancara a porta do escritório, descera as persianas tapando o sol de primavera de Alberta, e dissera, quase num sussurro:

— Boone, acho que você e eu temos um terrível problema.

Ele tremia, reparou Boone, um fato que não podia ser ocultado facilmente num corpo tão grande. Decker tinha o físico de um homem que dissipava toda a *angst* diária numa academia de ginástica. Nem mesmo os ternos sob medida, sempre pretos, podiam disfarçar sua massa. Isso havia incomodado Boone no início de seu trabalho juntos; sentira-se intimidado pela autoridade física e mental do doutor. Decker era uma Rocha; ele era a Razão, ele era a Calma. Essa ansiedade ia de encontro a tudo o que sabia sobre o homem.

— O que aconteceu? — perguntou Boone.

— Sente-se, está bem? Sente-se e eu explico.

Boone fez o que lhe foi dito. Naquele escritório, Decker era o senhor. O doutor recostou-se na poltrona de couro e respirou fundo pelo nariz, a boca selada numa curva para baixo.

— Me conte... — pediu Boone.

— Por onde começar?

— Por qualquer parte.

— Pensei que você estivesse ficando melhor — disse Decker. — Realmente pensei. Ambos pensamos.

— Eu ainda penso — disse Boone.

Decker balançou lentamente a cabeça. Era um homem de intelecto considerável, mas não mostrava muito disso em seus traços compactos, exceto talvez pelos olhos, que naquele momento não olhavam o paciente, mas a mesa entre os dois.

— Você começou a falar em suas sessões — disse o doutor — acerca de crimes que acha ter cometido. Lembra-se de alguma

coisa a respeito?

— Sabe que não. — (Os tranSES em que Decker o colocava eram profundos demais.) — Só me recordo quando você roda a fita.

— Não vou rodar mais nenhuma — Decker esclareceu. — Eu as apaguei.

— Por quê?

— Porque... estou com medo, Boone. Por você. — Ele parou. — Talvez por nós dois.

A rachadura na Rocha estava se abrindo, e não havia nada que Decker pudesse fazer para escondê-la.

— Que crimes são esses? — perguntou Boone, hesitando nas palavras.

— Assassinatos. Você fala deles obsessivamente. No início pensei que fossem crimes cometidos em sonhos. Você sempre teve um traço violento.

— E agora?

— Agora estou com medo de que você possa realmente tê-los cometido.

Houve um longo silêncio, enquanto Boone estudava Decker, mais com espanto do que com raiva. As persianas não haviam sido inteiramente puxadas. Uma faixa de sol caía sobre ele e a mesa entre os dois. Na superfície de vidro havia uma garrafa de água destilada, dois copos e um envelope grande. Decker inclinou-se sobre a mesa e apanhou-o.

— O que estou fazendo agora é provavelmente um crime — explicou a Boone. — Confidencialidade do paciente é uma coisa, proteger um assassino é outra. Mas parte de mim ainda espera que não seja verdade. Quero acreditar que conseguimos. Nós conseguimos. Juntos. Quero acreditar que esteja bem.

— Eu estou bem.

A guisa de resposta, Decker rasgou a beirada do envelope.

— Eu gostaria que desse uma espiada nisto para mim — disse ele, enfiando a mão no envelope e trazendo à luz um maço de fotografias. — Aviso-lhe que elas não são agradáveis.

Colocou-as sobre seu reflexo no tampo da mesa, viradas para o lado de Boone. Seu aviso fora apropriado. A foto no alto da pilha era como uma agressão. Face a face com ela, um medo que não sentia desde o início do tratamento com Decker o assaltou: de que a imagem pudesse possuí-lo. Ele construía muros contra essa superstição, tijolo por tijolo, mas agora eles balançavam, e ameaçavam cair.

— E só uma foto.

— Isso mesmo — replicou Decker. — Só uma foto. O que está vendo?

— Um homem morto.

— Um homem assassinado.

— Sim. Um homem assassinado.

Não apenas assassinado: chacinado. A vida arrancada de dentro dele numa fúria de cortes e estocadas, o sangue na lâmina que cortara seu pescoço, arrancara-lhe o rosto e manchara a parede

atrás dele. Usava apenas shorts, de forma que as feridas em seu corpo podiam ser facilmente contadas, apesar do sangue. Foi o que Boone fez, para evitar que o horror o tomasse de assalto.

Mesmo ali, naquela sala onde o doutor havia esculpido outro ser a partir do bloqueio que era a condição de seu paciente, Boone nunca sentira tanto terror quanto agora. Sentiu o gosto do café da manhã na- garganta, ou da refeição da noite passada, subindo de seus intestinos, contrariando a natureza. Merda em sua boca, como a sujeira daquele ato.

Conte as feridas, disse a si mesmo, fingindo que eram contas num ábaco. Três, quatro, cinco no abdômen e peito: uma particularmente rasgada, mais dilaceramento do que corte, tão aberta que as entranhas do homem apontavam para fora. Mais duas no ombro. E então o rosto, desmanchado pelos cortes. Tantos que o número não podia ser calculado, nem mesmo pelo observador mais minucioso. Eles deixaram a vítima à prova de qualquer reconhecimento: olhos arrancados, lábios lascados, nariz em fatias.

— Chega? — perguntou Decker, como se a pergunta precisasse ser feita.

— Chega.

— Há muito mais que ver.

Mostrou a segunda, pondo a primeira ao lado da pilha. Esta era a de uma mulher, esparramada num sofá, a metade-superior e a inferior contorcidas de um jeito que a vida teria proibido. Embora ela provavelmente não fosse relacionada à primeira vítima, o carniceiro havia criado uma semelhança cruel. Nascidos de pais diferentes, eram irmãos na morte, destruídos pela mesma mão.

(E sou eu o pai deles?, Boone se descobriu pensando.)

(— Não — foi a resposta de seu interior. — Eu não fiz isso.)

Mas duas coisas o impediram de verbalizar a negativa. Primeiro, ele sabia que Decker não poria em risco o equilíbrio de seu paciente a menos que tivesse bons motivos. Segundo, de nada valia negar quando ambos sabiam como o espírito de Boone havia, no passado, facilmente enganado a si mesmo. Se ele fosse responsável por aquelas atrocidades, não havia como saber com certeza.

Então ficou em silêncio, sem se atrever a olhar para Decker, com medo de ver a Rocha em pedaços.

— Outra? — perguntou Decker.

— Se for preciso.

— E preciso.

Mostrou uma terceira foto, e uma quarta, dispondo as imagens sobre a mesa como cartas numa leitura de taro, só que todas elas eram A Morte. Na cozinha, deitada aos pés da porta aberta da geladeira. No quarto, ao lado do abajur e do despertador. No alto das escadas; à janela. As vítimas eram de todas as idades e cores; homens, mulheres e crianças. O demônio responsável por tudo aquilo tomara o cuidado de não fazer distinções. Simplesmente erradicava a vida, onde quer que a encontrasse. Os aposentos em que aquelas pessoas haviam morrido eram o testemunho de como o assassino, em seu humor, brincara com elas. Móveis virados durante tentativas de fugir ao golpe de misericórdia, impressões em sangue deixadas nas paredes e quadros. Uma perdera os dedos para a lâmina, talvez tentando agarrá-la; a maioria havia perdido os olhos. Mas nenhuma havia escapado, por mais corajosa que fosse a resistência. Todas caíram no final, tropeçando nas roupas ou buscando refúgio atrás de uma cortina. Caíram chorando; caíram vomitando.

Eram onze fotografias ao todo. Cada uma diferente da outra — quartos grandes e pequenos, vítimas nuas e vestidas. Mas cada uma semelhante à outra: todas eram imagens da realização de uma loucura, tiradas após a saída do autor.

(Deus todo-poderoso, seria ele o homem?)

Sem resposta para si mesmo, fez a pergunta à Rocha, sem tirar os olhos das cartas brilhantes.

— Eu fiz isso? — perguntou.

Ouviu Decker suspirar, mas não houve resposta, então arriscou um olhar para seu acusador. Enquanto as fotos eram postas à sua frente, sentia o olhar atento do homem como uma dor formigando no crânio. Mas agora descobria uma vez mais esse olhar desviado.

— Me diga, por favor — pediu. — Fui eu?

Decker limpou as bolsas úmidas sob os olhos cinzentos. Não tremia mais.

— Espero que não — respondeu.

A resposta parecia ridícula de tão fraca. Não estavam falando de qualquer infraçãozinha da lei. Era a morte multiplicada por onze. Quantas mais poderia haver, não registradas, insuspeitadas?

— Me conte as coisas que eu disse — pediu ele. — Quais as palavras...

— Palavras desconexas, em sua maioria.

— Então o que o faz pensar que sou responsável? Deve ter motivos para isso.

— Levei tempo — explicou Decker — para juntar os pedaços.

Olhou para o cemitério sobre a mesa, alinhando com o dedo médio uma foto meio torta.

— Tenho que fazer um relatório trimestral sobre nosso progresso. Você sabe disso. Então toco todas as fitas de nossas sessões anteriores em sequência, para ter noção de como estamos... Você falava devagar, cansado... e reparei as mesmas frases aparecendo em suas respostas. Implícitas a maior parte das vezes; noutras, concretas, mas ali. Era como se você estivesse confessando alguma coisa; mas uma coisa tão abjeta para você que, mesmo num estado de transe, não conseguia exprimi-la. Em vez disso, saía tudo nesse... código.

Boone conhecia códigos. Ouvira-os por toda parte nos tempos ruins. Mensagens do inimigo imaginário entre as estações do rádio; ou no murmúrio do tráfego antes do amanhecer. O fato de que ele próprio havia aprendido a arte não o surpreendia.

— Fiz umas investigações casuais — continuou Decker — entre policiais que tratei. Nada específico. E me contaram sobre os homicídios. Eu já tinha lido alguns detalhes, claro, na imprensa. Parece que isso vem acontecendo há dois anos e meio. Vários aqui em Calgary; o resto, a menos de uma hora da cidade. Trabalho de um homem só.

— Eu?

— Não sei — confessou Decker, finalmente encarando Boone. — Se tivesse certeza, teria relatado tudo...

— Mas não relatou.

— Também não quero acreditar nisso. Não vou ficar satisfeito se for verdade. — Ele não conseguia esconder a raiva. — Foi por isso que esperei. Torcendo para que você estivesse comigo quando acontecesse o próximo.

— Quer dizer que algumas dessas pessoas morreram no período em que você já sabia de tudo?

— Sim — a voz de Decker era neutra.

— Jesus!

O pensamento fez Boone pular da cadeira, a perna batendo na mesa. As fotos dos assassinatos voaram.

— Fale baixo — exigiu Decker.

— Pessoas morreram, e você esperou!

— Assumi esse risco por você, Boone. Respeite isso.

Boone deu as costas para o homem. Um fio gelado de suor correu por sua espinha.

— Sente-se — disse Decker. — Por favor, sente-se e me diga o que essas fotos significam para você.

Involuntariamente, Boone pôs a mão sobre a metade inferior do rosto. Sabia, pelas conversas com Decker, o que aquela peça particular de linguagem corporal queria dizer. Sua mente estava usando o corpo para disfarçar alguma revelação, ou silenciá-la completamente.

— Boone, preciso de respostas.

— Elas não significam nada — respondeu Boone, sem se virar.

— Nada mesmo?

— Nada mesmo.

— Olhe novamente para elas.

— Não — resistiu Boone. — Não posso.

Ouviu o doutor respirar fundo, e esperou uma ordem para enfrentar novamente aqueles horrores. Mas o tom de voz de Decker foi apaziguador.

— Tudo bem, Aaron — disse ele. — Está tudo bem. Vou guardá-las.

Boone apertou os olhos fechados com as palmas das mãos. As pálpebras estavam quentes e molhadas.

— Elas não estão mais aqui, Aaron — disse Decker.

— Estão sim.

Ainda estavam com ele, perfeitamente lembradas. Onze quartos e onze corpos, fixos em sua mente, além de qualquer exorcismo. O muro que Decker levara cinco anos para construir fora derrubado em alguns minutos, e pelo mesmo arquiteto. Boone estava à mercê de sua loucura novamente. Ele a ouvia gemer em sua cabeça, a música de um órgão com onze tubos que saíam de onze ventres rasgados. Hábitos e gases estomacais cantando as velhas e loucas canções.

Por que suas defesas haviam tombado tão facilmente, depois de tanto trabalho? Seus olhos sabiam a resposta, derramando lágrimas para admitir o que a língua não conseguia. Ele era culpado. O que mais? Mãos que nesse exato instante ele secava nas calças haviam

torturado e chacinado. Se fingisse que não, só as tentaria a cometer outros crimes. Melhor confessar, embora de nada se lembrasse, do que oferecer a elas outro momento de descuido.

Virou-se e encarou Decker. As fotos haviam sido recolhidas e viradas contra a mesa.

— Você se lembra de alguma coisa? — perguntou o doutor, lendo a mudança no rosto de Boone.

— Sim — respondeu ele.

— Do quê?

— Fui eu — Boone disse simplesmente. — Eu fiz

II

A Academia

Decker foi o promotor mais benevolente que qualquer acusado poderia querer. As horas que passara com Boone depois daquele primeiro dia foram repletas de perguntas cuidadosamente elaboradas à medida que — homicídio por homicídio — examinaram juntos as evidências da vida secreta de Boone. Apesar da insistência do paciente em que os crimes haviam sido cometidos por ele, Decker aconselhou cautela. Confissões de culpa não eram prova concreta. Tinham de ter certeza de que aquela confissão não era simplesmente a tendência autodestrutiva de Boone em ação, que o fazia admitir o crime por vontade de ser punido.

Boone não estava em condições de discutir. Decker o conhecia melhor do que ele mesmo. Não que tivesse esquecido a observação do doutor de que, se acontecesse o pior, sua reputação seria atirada aos cães: nenhum dos dois se podia permitir estar errado. A única forma de ter certeza era repassar os detalhes dos assassinatos — datas, nomes, lugares — na esperança de que Boone fosse levado a se lembrar. Ou que descobrissem um homicídio ocorrido quando ele estava indiscutivelmente na companhia de outras pessoas.

A única parte do processo que paralisava Boone era reexaminar as fotografias. Resistira às pressões sutis de Decker por quarenta e oito horas, cedendo apenas quando a sutileza falhou e o doutor o encarou, acusando-o de covardia e falsidade. Será que aquilo tudo era apenas um jogo, perguntou-lhe Decker, um exercício de auto-mortificação que terminaria sem que os dois tivessem ficado mais informados? Se fosse isso, Boone podia cair fora de seu escritório agora e ir tomar o tempo de outro.

Boone concordou em estudar as fotos.

Não havia nada nelas que mexesse com sua memória. A maior parte dos detalhes dos aposentos havia sido apagada pelo flash da câmera; o que restava era lugar-comum. A única coisa que poderia ter conseguido uma reação dele — os rostos das vítimas — havia sido apagada pelo assassinato, mutilados além do reconhecimento; o legista mais experiente não seria capaz de juntar novamente os pedaços daqueles rostos destroçados. Então tudo ficava restrito aos pequenos detalhes de onde Boone havia estado nessa ou naquela noite, e com quem, fazendo o quê. Ele jamais tivera um diário, o que tornava difícil verificar os fatos, mas a maior parte do tempo — excetuando-se as horas que passava com Lori ou Decker, nenhuma das quais parecia coincidir com as noites das mortes — ele estivera sozinho, sem álibi. Ao fim do quarto dia, o caso contra ele começava a parecer muito convincente.

— Chega — disse ele a Decker. — Já fizemos o bastante.

— Eu gostaria de repassar tudo mais uma vez.

— Para quê? — perguntou Boone. — Quero terminar isso tudo.

Nos últimos dias — e noites — a maioria dos velhos sintomas, os sinais da doença que ele quase pensara ter eliminado para sempre,

retornaram. Não conseguia dormir por mais que alguns minutos antes que visões assustadoras o fizessem despertar atordoado; não conseguia comer direito; tremia por fora e tinha convulsões estomacais o dia inteiro. Queria dar um fim a isso; queria contar a história e ser castigado.

— Dê-me um pouco mais de tempo — pediu Decker.

— Se formos à polícia agora, eles vão tirar você de minhas mãos. Provavelmente nem vão me permitir ter acesso a você. Ficará sozinho.

— Já estou — replicou Boone. Desde que vira pela primeira vez as fotos, rompera todos os contatos, mesmo com Lori, temendo por sua capacidade de cometer atrocidades.

— Sou um monstro — declarou. — Nós dois sabemos disso. Temos todas as provas de que precisamos.

— Não é apenas uma questão de provas.

— O que é, então?

Decker recostou-se contra o quadro da janela; ultimamente sua massa lhe pesava como um fardo.

— Não entendo você, Boone — ele disse.

O olhar de Boone passou do homem para o céu. Naquele dia soprava um vento sudoeste; fiapos de nuvens corriam dele, apressados. Uma boa vida, pensou Boone, seria estar lá, mais leve que o ar. Ali tudo era pesado; carne e culpa quebrando sua espinha.

— Passei quatro anos tentando compreender sua doença, esperando poder curá-la. E achei que estava conseguindo. Achei que havia uma chance de que tudo viesse às claras...

Calou-se, mergulhado no abismo de suas falhas. Boone não estava tão imerso nas próprias agonias que não pudesse ver como era profundo o sofrimento do homem. Mas nada podia fazer para mitigar aquela dor. Ficou ali, simplesmente olhando as nuvens passarem, lá em cima, na luz, e sabendo que só havia um tempo escuro adiante.

— Quando a polícia levar você... — murmurou Decker — ... não será o único a ficar sozinho, Boone. Eu também ficarei sozinho. Você será o paciente de outro: algum psicólogo criminal. Não terei mais acesso a você. E por isso que lhe peço... Me dê mais algum tempo. Deixe-me entender o quanto puder, antes que tudo acabe entre nós.

Ele fala como um namorado, pensou Boone vagamente, como se o que há entre nós fosse sua vida.

— Sei que você sente dor — continuou Decker. — Portanto, arrumei medicação para você. Pílulas, para afastar a pior parte. Só até acabarmos...

— Não confio em mim mesmo — disse Boone. — Poderia machucar alguém.

— Não machucará — replicou Decker, com uma certeza bem-vinda. — As drogas o manterão tranquilo à noite. Ficará comigo o resto do tempo. Estará seguro comigo.

— De quanto tempo mais você precisa?

— No máximo de alguns dias. Não é pedir muito, é? Preciso saber por que falhamos.

O pensamento de retragar aquele terreno cheio de sangue era abominável, mas ali havia uma dívida a ser paga. Com a ajuda de

Decker ele tivera um vislumbre de novas possibilidades; devia ao doutor a chance de aproveitar algo das ruínas daquela visão.

— Que seja rápido — ele falou.

— Obrigado — disse Decker. — Isso significa muito para mim.

— E vou precisar das pílulas.

2

As pílulas ele teve, Decker assegurou-se disso. Pílulas tão fortes que era difícil até pronunciar o nome delas um instante depois que as tomava. Pílulas que tornavam o sono fácil, e o acordar, uma visita a uma meia-vida da qual ficava feliz por poder escapar novamente. Pílulas que em vinte e quatro horas o viciaram.

Decker tinha palavra. Sempre que Boone pedia mais o médico lhe dava, e sob a influência soporífera das pílulas eles retornavam ao trabalho das provas, em que o doutor repassava e repassava os detalhes dos crimes, na esperança de compreendê-los. Mas nada se esclarecia. Tudo o que a mente cada vez mais passiva de Boone podia recuperar dessas sessões eram imagens borradas de portas por que havia passado e escadas que havia subido, no desempenho dos assassinatos. Estava cada vez menos consciente de Decker, ainda lutando para salvar alguma coisa de valor da mente fechada de seu paciente. Tudo o que conhecia agora era sono e culpa, assim como a esperança, cada vez mais acalentada, de pôr fim a ambos.

Apenas Lori, ou melhor, as lembranças dela, ia de encontro ao regime das drogas. As vezes podia ouvir-lhe a voz, dentro do ouvido, clara como um sino, repetindo palavras que ela lhe dissera em alguma conversa casual, que ele agora desenterrava do passado. Não havia nada de importante nessas frases; estavam

talvez associadas a um olhar que ele guardara com carinho, ou a um toque. Agora não conseguia se lembrar nem do olhar nem do toque — as drogas haviam removido muito de sua capacidade de imaginar. Tudo o que lhe restara eram aquelas frases deslocadas, que o perturbavam não apenas porque eram ditas como se alguém estivesse às suas costas, mas porque não pertenciam a qualquer contexto de que pudesse se lembrar. E, pior que isso tudo, o som delas fazia com que recordasse a mulher que amara e não veria novamente, a não ser num tribunal. Uma mulher a quem fizera uma promessa quebrada depois de semanas. Em seu estado arrasado, os pensamentos mal se concatenando, aquela promessa quebrada era tão monstruosa quanto os crimes nas fotografias. E o tornava adequado para o Inferno.

Ou para a morte. Melhor a morte. Não estava inteiramente certo de quanto tempo se havia passado desde que fizera o trato com Decker, trocando mais alguns dias de investigação por aquele estupor, mas sabia que tinha mantido sua parte da barganha. Fora dissuadido. Não havia nada mais a dizer, nem a ouvir. Tudo que restava era apresentar-se diante da lei e confessar seus crimes, ou fazer o que o Estado não tinha mais o poder de fazer, e matar o monstro.

Não tinha coragem de contar seu plano a Decker; sabia que o doutor faria tudo que lhe estivesse ao alcance para impedir o suicídio do paciente. Então continuou fazendo o papel do indivíduo submisso por mais um dia. E, prometendo a Decker que estaria no consultório na manhã seguinte, voltou para casa e se preparou para o suicídio.

Havia outra carta de Lori a aguardá-lo, a quarta desde que se ausentara, exigindo saber o que havia de errado. Lera-a da melhor forma que seus pensamentos aturdidos permitiram, e tentou uma resposta, mas não conseguia dar sentido algum às palavras que tentava escrever. Em vez disso, enfiando no bolso o apelo que ela lhe enviara, saiu para o crepúsculo, procurando a morte.

3

O caminhão na frente do qual se atirou foi ingrato. Tirou-lhe o ar dos pulmões, mas não a vida. Cheio de escoriações e sangrando por vários arranhões e cortes, foi levado a um hospital. Posteriormente, ele acabaria entendendo como tudo isso se encaixava no plano geral das coisas, e que sua morte debaixo das rodas do caminhão lhe fora negada por um motivo. Mas, acamado no hospital, esperando num quarto branco até pessoas em piores condições que ele serem atendidas, tudo o que podia fazer era amaldiçoar seu azar. Podia tirar outras vidas com terrível facilidade, mas a sua própria resistia. Mesmo nisso ele se dividia.

Mas aquele quarto — embora não soubesse quando fora levado para lá — continha uma promessa que as paredes nuas não diziam. Ali dentro ele ouviria um nome que, com o tempo, faria dele um novo homem. Ao seu chamado ele iria como o monstro que era, à noite, e se encontraria com o milagroso.

Esse nome era Midian.

Os dois tinham muito em comum, inclusive o poder de fazer promessas. Mas, enquanto as juras de amor eterno de Boone haviam provado ser vazias em questão de semanas, Midian fazia promessas — à meia-noite, como as suas — que nem mesmo a morte podia quebrar.

III

O Rapsodo

Nos anos de sua doença, dentro e fora de alas psiquiátricas e hospícios, Boone conhecera muito poucos sofredores que não se agarrassem a algum talismã, algum sinal ou lembrança que guardasse os portais de seus corações e mentes. Ele aprendera logo a não desprezar esses símbolos. O que puder fazê-lo suportar a noite era uma axioma que aprendera com a dura experiência.

A maioria dessas salvaguardas contra o caos eram pessoais, servindo só para aqueles que as portavam. Badulaques, chaves, livros e fotos: lembranças de bons tempos guardadas como uma defesa contra os maus. Mas alguns pertenciam à mente coletiva. Eram palavras que ele ouviria mais de uma vez: rimas sem sentido cujo ritmo mantinha a dor distante; nomes de deuses.

Entre eles, Midian.

Ouvira o nome desse lugar dito talvez cerca de meia dúzia de vezes por gente que conhecera ao longo de seu caminho, normalmente as pessoas cuja força havia se esvaído por completo.

Quando apelavam para Midian era como um lugar de refúgio; um lugar para se ser levado. E mais: um lugar onde quaisquer pecados que houvessem cometido — reais ou imaginários — seriam perdoados. Boone não conhecia as origens dessa mitologia; tampouco se interessara o suficiente para investigar. Agora pensava diferente. Tinha muito o que procurar limpar; obscenidades que sua mente mantivera distante até que Decker as revelara, e que agora nada que conhecesse podia tirar dele. Havia passado a pertencer a outra classe de criaturas.

Midian chamava.

Trancado em sua angústia, não se dera conta de que mais alguém dividia agora com ele o quarto branco, até ouvir a voz rascante:

— Midian...

Primeiro pensou que fosse outra voz do passado, como a de Lori. Mas quando voltou a ouvi-la, não era em seu ombro, como fora a dela, mas do outro lado do quarto. Abriu os olhos, a pálpebra esquerda gosmenta de sangue devido a um corte na têmpora, e olhou na direção da voz. Outro dos feridos ambulantes da noite, aparentemente, trazido para reparos e solto à própria sorte até que as costuras pudessem ser feitas. Estava sentado no canto próximo à porta, na qual seus olhos loucos se fixavam como se a qualquer momento seu salvador fosse aparecer por ela.

Era virtualmente impossível adivinhar sua idade ou verdadeira aparência: sujeira e sangue pisado ocultavam ambas. Devo estar parecendo tão mal quanto ou pior, pensou Boone. Não se importava muito; as pessoas estavam sempre olhando para ele. Em seu presente estado, ele e o homem no canto eram o tipo de gente que as pessoas atravessavam a rua para evitar.

Mas enquanto ele, em sua calça jeans, botas surradas e camiseta preta, era apenas outro ninguém, havia alguns sinais sobre o

homem que o marcavam. O casaco comprido que usava tinha uma austeridade monacal; seus cabelos grisalhos estavam puxados para trás com firmeza, presos no meio das costas por um rabo-de-cavalo. Seu pescoço trazia jóias, quase ocultas pelo colarinho alto, e em seus polegares, duas unhas artificiais que pareciam ser de prata, curvas formando garras.

Finalmente, aquele nome, que novamente saía da boca do homem.

— ... Você me leva? — ele perguntou calmo. — Me leva para Midian?

Seus olhos não deixavam a porta por um instante. Parecia ter se esquecido de Boone, até que, sem avisar, virou a cabeça ferida e cuspiu. O catarro ensanguentado caiu no chão, aos pés de Boone.

— Vá embora daqui, porra! — gritou. — E você que está afastando eles de mim. Não virão enquanto estiver aqui.

Boone estava fraco demais para discutir, e machucado demais para se levantar. Deixou o homem vociferar.

— Saia! — ele tornou a gritar. — Eles não vão se mostrar para gente da sua laia. Não vê isso?

Boone levantou a cabeça e tentou impedir que a dor do homem o invadisse.

— Merda! — xingou o outro. — Eu perdi eles. Eu perdi eles!

Levantou-se e foi à janela. Do lado de fora, uma escuridão sólida.

— Eles passaram — murmurou, subitamente queixoso. No momento seguinte estava a um metro de Boone, sorrindo entre a sujeira.

— Tem algo pra passar a dor? — ele quis saber.

— A enfermeira me deu algo — replicou Boone.

O homem tornou a cuspir; não em Boone desta vez, mas no piso.

— Bebida, cara... — ele disse. — Tem uma bebida?

— Não.

O sorriso evaporou-se instantaneamente, e o rosto começou a desmoronar com as lágrimas que o tomaram de assalto. Virou-se para o outro lado, soluçando, e recomeçou sua ladainha.

— Por que eles não vêm me levar? Por que não vêm?

— Talvez venham depois — disse Boone. — Quando eu tiver partido.

O homem tornou a olhar para ele.

— O que sabe? — perguntou.

Muito pouco, era a resposta; mas Boone manteve esse fato para si. Havia fragmentos suficientes da mitologia midiana em sua cabeça para o fazerem querer mais. Não era um lugar onde aqueles sem qualquer esperança de refúgio podiam encontrar um lar? E não era essa a sua condição agora? Não tinha mais fonte de conforto. Nem Decker, nem Lori, nem mesmo a Morte. Muito embora Midian fosse apenas outro talismã, ele queria ouvir sua história.

— Conte-me — pediu.

— Eu perguntei o que você sabe — replicou o outro homem, pegando a carne embaixo de seu queixo barbado com a garra da mão esquerda.

— Eu sei que ela faz sumir a dor — respondeu Boone.

— E?

— Sei que não despreza ninguém.

— Não é verdade.

— Não?

— Se não desprezasse ninguém, acha que eu já não estaria lá? Acha que não seria a maior cidade da Terra? Claro que ela despreza pessoas...

Os olhos brilhantes de lágrimas do homem estavam fixos em Boone. Será que ele sabe que eu nada sei?, perguntou-se Boone. Parecia que não. O homem continuava a falar, feliz por discutir o segredo. Ou, mais particularmente, seu medo dele.

— Não vou porque posso não ser digno — ele disse. — E isso eles não perdoam fácil. Não perdoam mesmo. Sabe o que fazem... àqueles que não são dignos?

Boone estava menos interessado nos ritos de passagem de Midian do que na certeza do homem de que ela existia. Não falava de Midian como se fosse uma Shangri-lá lunática, mas como um lugar a ser encontrado, um lugar com que se reconciliar.

— Sabe como chegar até lá? — perguntou.

O homem virou a cara. A perda de contato visual, Boone sentiu uma onda de pânico: temeu que o filho-da-puta guardasse o resto da história para si mesmo.

— Preciso saber — pediu Boone.

O outro homem olhou para cima.

— Isso eu posso ver — ele respondeu, e a mudança em sua voz sugeria que o espetáculo do desespero de Boone o divertia.

— Fica a noroeste de Atabasca — respondeu.

— Sim?

— Foi o que ouvi.

— Aquilo é terra deserta — retrucou Boone. — Dá pra se perder lá se não tiver um mapa.

— Midian não está em mapa algum — disse o homem. — Tem que procurar a leste de Peace River, perto de Shere Neck, a norte de Dwyer.

Não havia a menor hesitação no ensino do caminho. Ele acreditava na existência de Midian tanto quanto, ou talvez mais do que, nas quatro paredes que o prendiam.

— Qual é o seu nome? — perguntou Boone.

A pergunta pareceu desconcertá-lo. Havia muito tempo desde a última vez em que alguém se importara em perguntar seu nome.

— Narcisse — respondeu afinal. — E o seu?

— Aaron Boone. Ninguém me chama de Aaron. Só Boone.

— Aaron — disse o outro. — Onde é que ouviu falar de Midian?

— No mesmo lugar que você — disse Boone. — No mesmo lugar que todos. De outros. Gente sofrida.

— Monstros — disse Narcisse.

Boone não havia pensado dessa forma, mas talvez a olhos desapaixonados eles fossem isso; os que falam sem sentido e os que choram, incapazes de trancar seus pesadelos a sete chaves.

— Eles são os únicos bem-vindos a Midian — explicou Narcisse. — Se não for um monstro, você é uma vítima. Não é verdade? Só se pode ser um dos dois. Por isso não me atrevo a ir sem companhia. Espero que amigos venham me buscar.

— Pessoas que já foram?

— Isso — respondeu Narcisse. — Uns estão vivos. Outros morreram, e foram depois.

— Foram *depois*? — perguntou.

— Não tem nada para passar a dor, cara? — perguntou Narcisse, mudando novamente de tom, dessa vez mais suave.

— Tenho umas pílulas — disse Boone, lembrando-se do resto do suprimento de Decker. — Quer essas aqui?

— O que você tiver.

Boone ficou feliz por se livrar delas. Mantinham sua cabeça acorrentada, levando-o ao ponto de não se importar em viver ou morrer. Agora ele se importava. Tinha um lugar para ir, onde poderia encontrar finalmente alguém que compreendesse os horrores que estava suportando. Não precisaria das pílulas para chegar a Midian. Precisaria de força, e a vontade de ser perdoado. Esta última ele tinha. A primeira, seu corpo ferido teria de encontrar.

— Cadê elas? — perguntou Narcisse, o rosto iluminado pelo apetite.

A jaqueta de couro de Boone havia sido tirada de suas costas quando fora admitido, para um exame completo do estrago que havia inflingido a si próprio. Estava pendurada nas costas de uma cadeira, uma pele duas vezes descartada. Meteu a mão no bolso interno, mas descobriu, para seu choque, que o familiar vidrinho não estava mais lá.

— Alguém mexeu na minha jaqueta.

Vasculhou o restante dos bolsos. Todos vazios. As cartas de Lori, sua carteira, as pílulas: tudo sumira. Levara segundos somente para perceber por que queriam evidências de quem ele era e a consequência disso. Havia tentado suicídio; sem dúvida achavam que estava preparado para repetir a dose. Em sua carteira estava o endereço de Decker. O doutor provavelmente já estava a caminho, para apanhar seu paciente pródigo e levá-lo à polícia. Uma vez nas mãos da lei, jamais veria Midian.

— Você disse que tinha pílulas! gritou Narcisse.

— Levaram elas!

Narcisse arrancou a jaqueta das mãos de Boone e começou a puxar os bolsos com violência.

— *Onde estão?* — gritou. — *Onde?*

Seu rosto tornou a desmoronar quando percebeu que não ia conseguir dar um jeito de ficar em paz. Largou a jaqueta e afastou-se de Boone, as lágrimas tornando a aparecer, mas deslizando pelo seu rosto para encontrar um sorriso largo.

— Eu sei o que está fazendo — ele disse, apontando para Boone. Gargalhadas e lágrimas vinham em quantidades iguais. — Midian

mandou você. Para ver se sou digno. Você veio ver se eu era um de vocês ou não!

Não ofereceu a Boone a chance de contradizê-lo, sua animação se transformando em histeria.

— Estou sentado aqui rezando para que alguém venha; implorando; e você aqui o tempo todo, vendo eu me cagar. Vendo eu me *cagar!*

Soltou uma enorme gargalhada. Então, terrivelmente sério:

— Jamais duvidei. Nem uma vez. Sempre soube que alguém viria. Mas estava esperando um rosto familiar. Marvin, talvez. Devia saber que mandariam alguém novo. Faz sentido. E você viu, certo? Você ouviu. Não tenho vergonha. Nunca fizeram eu sentir vergonha. Pode perguntar a qualquer um. Eles tentaram. Cansaram de tentar. Entraram na minha cabeça de merda e tentaram me partir ao meio, tentaram tirar os Selvagens de dentro de mim.

Mas aguentei firme. Sabia que viria mais cedo ou mais tarde, e queria estar preparado. Por isso coloquei estes.

Ergueu os polegares na frente do rosto.

— Para poder lhe mostrar.

Virou a cabeça para a direita e para a esquerda.

— Quer ver? — perguntou.

Não precisava de resposta. Suas mãos já estavam nas faces, as garras tocando a pele na base de cada orelha. Boone observava, sem palavras de negação ou apelos inúteis. Aquele era um momento que Narcisse ensaiara incontáveis vezes; não lhe seria negado. As garras, afiadas como navalhas, cortaram sua pele sem fazer um ruído, mas o sangue começou a fluir instantaneamente,

escorrendo pelo pescoço e braços. A expressão em seu rosto não mudou, apenas intensificou-se: uma máscara em que se juntavam as musas da tragédia e da comédia. Então, dedos abertos em cada lado do rosto, desceu as presas afiadas pela linha do maxilar. Tinha a precisão de um cirurgião. As feridas abriram-se com perfeita simetria, até que as garras gêmeas encontraram-se em seu queixo.

Só então ele deixou cair uma das mãos ao lado do corpo, sangue pingando de sua mão, a outra movendo-se por seu rosto para procurar a aba de pele que seu trabalho havia aberto.

— Quer ver? — ele tornou a perguntar.

Boone murmurou:

— Não faça isso.

Narcisse não ouviu. Com um puxão para cima, destacou a máscara de pele dos músculos por baixo, e começou a rasgar, descobrindo seu verdadeiro rosto.

Por trás, Boone ouviu alguém gritar. A porta havia sido aberta, e uma das enfermeiras estava na entrada. Viu, pelo canto dos olhos, seu rosto mais branco que o uniforme, a boca aberta, escancarada; e além dela o corredor, e a liberdade. Mas não conseguia desviar os olhos de Narcisse; não enquanto o sangue que preenchia o ar entre eles ocultasse a revelação. Queria ver o rosto secreto do homem: o Selvagem sob a pele que o tornava adequado para Midian. A chuva vermelha estava se dispersando. O ar começou a clarear. Agora já via o rosto, um pouco, mas não conseguia compreender sua complexidade. Seria aquilo à sua frente a anatomia de uma besta que resfolegava e se contorce em nós, ou tecido humano agonizante devido à auto-mutilação? Mais um instante e ele saberia...

Então alguém o agarrou pelos braços e arrastou para a porta. Teve um vislumbre de Narcisse levantando as garras para manter seus salvadores afastados, e logo os uniformes o tomaram de assalto e o eclipsaram. No calor do momento, Boone aproveitou a chance. Empurrou a enfermeira para o lado, agarrou sua jaqueta de couro e correu para a porta desguarnecida. O corpo machucado não estava preparado para ação violenta, tropeçou, a náusea e dores dardejantes em seus braços feridos competindo pela honra de fazê-lo cair, mas a visão de Narcisse cercado e amarrado foi o suficiente para dar-lhe forças. Fugiu pelo corredor antes que alguém tivesse chances de ir atrás dele.

Quando alcançou a porta que dava para a noite, ouviu a voz de Narcisse elevar-se em protesto; um uivo de fúria piedosamente humano.

IV

Necrópole

Embora a distância entre Calgary e Atabasca não chegasse a quinhentos quilômetros, a jornada levava um viajante às fronteiras de outro mundo. Ao norte dali as rodovias eram escassas, e os habitantes mais escassos ainda, à medida que as ricas pradarias da província davam firme passagem a florestas, pantanais e sertões. Ela também marcava os limites da experiência de Boone.

Um breve período como caminhoneiro aos vinte e poucos anos o levava até Bonnyville a sudeste, Barrhead a sudoeste e até mesmo a Atabasca. Mas o território além lhe era desconhecido, exceto como nomes num mapa. Ou, mais corretamente, como uma ausência de nomes. Ali havia grandes extensões de terra, salpicadas com pequenos povoados, um dos quais levava o nome que Narcisse utilizara: Shere Neck.

O mapa que continha essas informações ele encontrara, junto com dinheiro suficiente para comprar uma garrafa de brandy, em cinco minutos de furtos nos arredores de Calgary. Saqueara três veículos deixados num estacionamento subterrâneo e escapulira, com mapa e dinheiro, antes que a fonte dos alarmes dos carros fosse traçada pela segurança.

A chuva lavara-lhe o rosto; jogou fora sua blusa ensanguentada, feliz por ter sua amada jaqueta colada à pele. Então conseguiu uma carona para Edmonton, e outra que o levou até High Prairie, passando por Atabasca. Foi fácil.

2

Fácil? Ir em busca de um lugar do qual só ouvira rumores entre lunáticos? Talvez não fosse fácil. Mas era necessário; talvez até inevitável. Desde o momento em que o caminhão sob o qual escolhera morrer o deixara de lado, aquela jornada o convidava. Talvez desde muito antes disso, só que nunca vira o convite. O senso que tinha de sua justiça poderia ter feito dele um fatalista. Se Midian existisse, e quisesse recebê-lo, então ele estava viajando para um lugar onde finalmente encontraria paz e compreensão sobre si mesmo. Se não — se existisse apenas como um talismã para os apavorados e os perdidos — então aquilo também seria justo, e ele enfrentaria qualquer extinção que o aguardasse em sua busca por lugar nenhum. Melhor isso que as pílulas, melhor isso que a infrutífera perseguição de Decker a quês e porquês.

A peregrinação do doutor para extirpar o monstro que havia em Boone era fadada ao fracasso. Isso era claro como o céu sobre sua cabeça. O homem Boone e o monstro Boone não podiam ser divididos. Eram um só; viajavam pela mesma estrada na mesma mente e no mesmo corpo. E o que quer que estivesse ao fim dessa estrada, morte ou glória, seria o destino de ambos.

3

A leste de Peace River, Narcisse dissera, perto da cidade de Shere Neck; a norte de Dwyer.

Teve de encarar um sono difícil em High Prairie, até a manhã seguinte, quando achou uma carona até Peace River. A motorista era uma mulher de cinquenta e tantos anos, orgulhosa da região na qual vivia desde a infância e feliz por lhe dar uma rápida aula de geografia. Ele não mencionou Midian, mas Dwyer e Shere Neck ela conhecia — esta última era uma cidade de cinco mil almas bem a leste da Rodovia 67. Ele teria poupado uns bons trezentos e cinquenta quilômetros se não tivesse ido até High Prairie, disse ela, mas tomado a direção norte antes. Não importava, ela disse; conhecia um lugar em Peace River onde os fazendeiros paravam para comer antes de voltarem a suas propriedades. Lá ele encontraria uma carona, para levá-lo onde quisesse.

— Conhece alguém lá? — ela perguntara. Ele disse que sim.

O sol estava quase se pondo quando a última carona o deixou a cerca de dois quilômetros de Dwyer. Viu o caminhão pegar uma estrada de terra que se perdia no azul cada vez mais escuro, e então começou a percorrer a pequena distância até o vilarejo.

Uma má noite de sono e viagens em carros de fazenda, que já haviam visto melhores dias, cobraram seu preço de um organismo já prejudicado. Levou uma hora para avistar os arredores de Dwyer, e a essa altura a noite havia caído completamente. O destino estava mais uma vez a seu lado. Sem a escuridão, ele poderia não ter visto as luzes piscando adiante; não como boas vindas, mas como um aviso.

A polícia estivera ali antes dele; três ou quatro carros, ele julgava. Era possível que perseguissem outra pessoa, mas duvidava. O mais provável era que Narcisse, perdido em si mesmo, tivesse recitado a ladainha que dissera para Boone. Nesse caso, aquele era um comité de recepção. Já deviam andar procurando por ele, de casa em casa.

E, se estavam ali, estariam em Shere Neck também. Ele era esperado.

Agradecido pelo manto protetor da noite, saiu da estrada e entrou no meio de um campo de sementes de colza, onde podia se deitar e pensar no próximo movimento. Certamente não era sábio tentar entrar em Dwyer. Melhor partir para Midian naquele instante, deixando a fome e o cansaço de lado e confiando nas estrelas e no instinto para lhe darem direções.

Levantou-se, cheirando à terra, e partiu no que julgou ser a direção norte. Sabia muito bem que podia desviar-se de seu destino por quilômetros com tão poucas referências para viajar, ou simplesmente deixar de vê-las na escuridão. Não importava; não tinha outra chance, o que era uma espécie de conforto.

Em sua euforia de cinco minutos como ladrão, ele não achara um relógio para roubar, e por isso o único senso que tinha da passagem do tempo era a lenta progressão das constelações sobre sua cabeça. O ar foi ficando frio, e depois gelado, mas ele continuou seu ritmo doloroso, evitando as estradas sempre que possível, embora tivesse sido mais fácil caminhar nelas do que no terreno arado e semeado. Essa cautela provou ser bem fundamentada num certo momento, quando dois veículos da polícia, com uma limusine entre eles, passaram silenciosamente por uma estrada que havia atravessado há um minuto. Não tinha evidências que justificassem a sensação que o acometera quando os carros passaram, mas sentia com muita força que o passageiro da limusine era Decker, o bom doutor, ainda em busca de compreensão.

4

Então, Midian.

Surgida do nada, Midian. Num instante a noite à sua frente era uma escuridão disforme, no seguinte um aglomerado de edifícios no horizonte, suas paredes pintadas cintilando azul-cinzentas à luz das estrelas. Boone parou por minutos, estudando a cena. Não havia qualquer iluminação nas janelas, ou nas entradas. Já passava muito da meia-noite, e os homens e mulheres da cidade, com trabalho a fazer na manhã seguinte, estariam dormindo. Mas nem uma única luz? Isso lhe pareceu estranho.

Midian podia ser pequena — esquecida por cartógrafos e pintores de placas — mas não tinha uma pessoa que sofresse de insônia? Ou uma criança que precisasse do conforto de uma lâmpada acesa noite afora? O mais provável era que estivessem esperando por ele — Decker e a lei — escondidos nas sombras até que ele fosse tolo o bastante para pisar na armadilha. A solução mais simples seria dar meia volta e deixá-los em sua vigilância, mas não tinha muita energia de sobra. Se fugisse agora, quanto teria de esperar antes de tentar uma volta, se cada hora tornava mais provável o reconhecimento e mais necessário um descanso?

Decidiu percorrer os arredores da cidade e ter alguma ideia do que se escondia por ali. Se não conseguisse encontrar sinais de presença policial ele entraria, e assumiria as consequências. Não tinha ido até lá para virar-se e ir embora.

Midian não revelava nada de si na volta pelo seu flanco sudeste, exceto talvez seu vazio. Não só não via sinal de veículos de polícia nas ruas, ou ocultos entre as casas, como não enxergava qualquer automóvel de qualquer espécie: nenhum caminhão, nenhum veículo rural. Começou a se perguntar se a cidade não seria uma daquelas comunidades religiosas sobre as quais havia lido, cujos dogmas vetavam o uso da eletricidade ou do motor a combustão.

Mas, à medida que ia subindo na direção de uma pequena colina em cujo cume Midian ficava, ocorreu-lhe uma segunda e mais óbvia explicação. Não havia ninguém em Midian. O pensamento

paralisou-o no ato. Ficou olhando para as casas, procurando algum sinal de decadência, mas não viu nenhum. Os telhados estavam intactos, até onde podia ver, e não havia prédio que parecesse estar à beira do desabamento. Com a noite tão silenciosa que podia ouvir o ruído distante de estrelas cadentes sobre sua cabeça, não ouvia nada vindo da cidade. Se alguém em Midian gemesse durante o sono, a noite teria levado o som ali, mas só havia silêncio.

Midian era uma cidade fantasma.

Nunca em sua vida sentira tamanha desolação. Ficou ali parado, como um cão que tivesse voltado para casa e descoberto que os donos haviam partido, sem saber o que era ou o que seria sua vida.

Levou vários minutos para se desprender de onde estava e continuar seu circuito da cidade. Entretanto, a vinte metros de onde estava, a altura da colina lhe fornecia a visão de um cenário ainda mais misterioso do que a vazia Midian.

No outro lado da cidade havia um cemitério. Sua posição estratégica dava-lhe uma visão completa dele, apesar dos muros altos que circundavam o lugar. Presumivelmente ele havia sido construído para servir a toda a região, pois era muitíssimo maior do que uma cidade do tamanho de Midian podia necessitar. Mesmo àquela distância ele podia ver que muitos dos mausoléus eram construídos numa escala impressionante. O traçado das avenidas, árvores e túmulos emprestava ao cemitério a aparência de uma cidadezinha.

Boone começou a descer a encosta do morro na direção do cemitério, sua rota o separando da própria cidade. Após o fluxo súbito de adrenalina para encontrar e aproximar-se de Midian, sentiu as reservas de força caírem rápido; a dor e a exaustão que a expectativa havia amenizado agora retornavam como uma vingança. Não podia demorar muito, Boone sabia, antes que seus músculos cedessem completamente e ele desabasse. Talvez atrás

dos muros do cemitério ele fosse capaz de encontrar um nicho para se esconder de seus perseguidores e descansar os ossos.

Havia dois meios de acesso. Um pequeno portão no muro lateral e grandes portões duplos voltados para a cidade. Escolheu o primeiro. Estava fechado, mas não trancado. Empurrou-o devagar e ele se abriu; entrou. A impressão que tivera do alto do morro, do cemitério como cidade, confirmava-se ali, os mausoléus altos como casas ao seu redor. Sua escala, e, agora que podia estudá-los mais de perto, sua elaboração, o intrigavam. Que grandes famílias haviam ocupado a cidade ou arredores, com dinheiro suficiente para enterrar seus mortos com tamanho esplendor? As pequenas comunidades da pradaria agarravam-se à terra como forma de sustento, mas ela raramente os tornava ricos; e nas poucas ocasiões em que isso acontecia, com petróleo ou ouro, nunca era nessa proporção. Mas ali havia tumbas magníficas, avenidas e mais avenidas delas, construídas em toda sorte de estilos, do clássico ao barroco, e marcadas — embora não tivesse certeza de que seus sentidos fatigados lhe dissessem a verdade — com motivos de teologias conflitantes.

Isso lhe escapava. Precisava de sono. Os túmulos haviam estado naquele lugar por um século ou mais; o enigma ainda estaria ali ao amanhecer.

Achou para si um leito escondido, entre dois túmulos, e deitou-se. A grama de primavera cheirava doce. Já havia dormido em colchões bem piores, e ainda o faria.

V

Um Macaco Diferente

O ruído de um animal o despertou, seus grunhidos penetrando nos sonhos flutuantes de Boone e chamando-o de volta à terra. Abriu os olhos e sentou-se. Não conseguia ver o cão, mas ainda o ouvia. Estaria atrás dele? A proximidade das tumbas lançava ecos adiante e para trás. Muito devagar, ele se virou para olhar atrás. A escuridão era profunda, mas não escondia o grande animal, de uma espécie impossível de distinguir. Não havia como confundir, entretanto, os sinais de ameaça que sua garganta proferia. A julgar pelo agudo de seus grunhidos, não gostava do escrutínio de Boone.

— Calma, rapaz... — ele disse baixinho. — Tudo bem.

Ligamentos estalando, Boone começou a se levantar, sabendo que se ficasse no chão o animal teria fácil acesso à sua garganta. Suas pernas tinham ficado rígidas no chão frio; ele andava como um velho. Talvez fosse isso que mantinha o animal afastado, pois ele simplesmente o observava, os crescentes dos brancos de seus olhos — o único detalhe que conseguia distinguir — aumentando enquanto o olhar o seguia até ficar de pé. Assim que se levantou, Boone virou-se para encarar a criatura, que começou a andar em sua direção. Havia algo na forma como avançava que dava a

entender que estava ferida. Podia ouvi-la arrastando um dos membros, a cabeça baixa, o passo irregular.

Tinha já palavras de conforto nos lábios quando um braço enganchou seu pescoço, tirando-lhe tanto as palavras quanto o fôlego.

— *Um movimento e eu te estripo.*

Com a ameaça, um segundo braço deslizou ao redor de seu corpo, os dedos enterrando-se em seu estômago com tanta força que ele não teve dúvidas de que o homem concretizaria a ameaça com a mão nua.

Boone respirou fundo. Mesmo esse pequeno movimento intensificou o aperto mortal em seu pescoço e abdômen. Sentiu o sangue descer pela barriga e entrando nas calças jeans.

— Quem é você, merda? — quis saber a voz.

Não sabia mentir direito; a verdade era mais segura.

— Meu nome é Boone. Vim aqui... Vim para encontrar Midian.

A mão em sua barriga não havia relaxado um pouco quando ele dissera ao que viera.

— Por quê? — agora era uma segunda voz que perguntava.

Boone não levou mais de um segundo para perceber que a voz tinha vindo das sombras à sua frente, onde estava a besta ferida. Na verdade, a voz vinha da besta.

— Meu amigo lhe fez uma pergunta — disse a voz em seu ouvido.
— Responda.

Boone, desorientado pelo ataque, fixou o olhar novamente no que quer que ocupava as sombras e percebeu que duvidava de seus olhos. A cabeça de seu interrogador não era sólida; parecia quase estar inalando as feições redundantes; as substâncias escurecendo e fluindo pelas órbitas, narinas e boca, de volta para dentro de si.

Todo pensamento de estar correndo perigo desapareceu; o que o possuía agora era a alegria. *Narcisse não havia mentido.*

Ali estava a verdade transformadora.

— Vim para estar entre vocês — ele disse, respondendo a pergunta do prodígio. — Vim porque pertencço a este lugar. Uma pergunta emergiu do riso suave atrás dele.

— Como ele é, Peloquim?

A coisa havia bebido seu rosto de fera. Havia feições de gente por baixo, postas sobre um corpo que era mais réptil do que mamífero. O membro que arrastava atrás de si era uma cauda; seu passo ferido, o de um lagarto que se arrasta. Isso também estava mudando, à medida que o tremor de mutação descia por sua espinha saliente.

— Ele parece um Natural — replicou Peloquim. — Não que isso importe muito.

Por que seu atacante não podia ver por si mesmo?, Boone perguntou-se.

Olhou para a mão em sua barriga. Ela tinha seis dedos, equipados não com unhas, mas com garras, agora enterradas meio centímetro em sua musculatura.

— Não me mate — pediu. — Andei muito para chegar aqui.

— Ouviu isso, Jackie? — perguntou Peloquim, dando um impulso do chão com as quatro patas para ficar de pé na frente de Boone. Seus olhos, agora na altura dos de Boone, eram de um azul brilhante. Seu hálito, quente como o ar que sai de uma fornalha aberta.

— Então que tipo de monstro é você? — ele quis saber. A transformação havia terminado. O homem sob o monstro não tinha nada de especial. Tinha cerca de quarenta anos, era magro e chupado.

— Devíamos levá-lo para baixo — disse Jackie. — Lylesburg vai querer vê-lo.

— Provavelmente — disse Peloquim. — Mas acho que vamos desperdiçar o tempo dele. Este aqui é um Natural, Jackie. Posso sentir o cheiro deles.

— Eu derramei sangue... — murmurou Boone. — Matei onze pessoas.

Os olhos azuis o perscrutaram. Havia humor neles.

— Acho que não — respondeu Peloquim.

— Não cabe a nós decidir — interrompeu Jackie. — Não pode julgá-lo.

— Tenho olhos na minha cabeça, não tenho? — perguntou Peloquim. — Conheço um homem limpo quando vejo um. — Brandiu o dedo para Boone. — Você não é da Raça da Noite — ele disse. — Você é carne. E o que você é. Carne para o monstro.

O humor sumiu de sua expressão enquanto falava, substituído pela *fome*.

— Não podemos fazer isso — protestou a outra criatura.

— Quem vai saber? — perguntou Peloquim. — Quem é que vai saber?

— Estamos violando a lei.

Peloquim parecia indiferente a isso. Mostrou os dentes, uma fumaça negra escoando das falhas e subindo sobre seu rosto. Boone sabia o que vinha em seguida. O homem estava, através da respiração, colocando para fora o que momentos antes inalara: sua porção lagarto. As proporções de sua cabeça já se alteravam subitamente, como se seu crânio estivesse desmanchando e se reorganizando sob o manto de sua carne.

— Não podem me matar! — ele disse. — Eu pertenço a vocês.

Houve uma negação na fumaça à sua frente? Se houve, perdeu-se na tradução. Não ia haver mais discussão. O monstro pretendia comê-lo...

Sentiu uma dor aguda na barriga, e olhou para baixo, para ver a mão com garras se destacar de sua carne. A pressão em seu pescoço acabou, e a criatura atrás dele disse:

— *Vá.*

Não precisou de incentivo. Antes que Peloquim pudesse completar sua reconstituição, Boone deslizou do abraço de Jackie e correu. Qualquer senso de direção que pudesse ter tido fora esquecido no desespero do momento, um desespero alimentado pelo rugido de fúria do monstro faminto, e o som — quase instantâneo, ao que parecia — de perseguição.

A necrópole era um labirinto. Correu as cegas, virando a direita e à esquerda sempre que uma abertura se oferecia, mas não precisava olhar para trás para saber que o devorador se aproximava.

Ouvia sua acusação na cabeça enquanto corria:

Você não é da Raça da Noite. Você é carne. Carne para o monstro.

As palavras eram uma agonia mais profunda que a dor em suas pernas ou pulmões. Mesmo ali, entre os monstros de Midian, *não era o seu lugar*. E, se não era ali, onde era? Ele corria, como a caça sempre correu quando perseguida pelo caçador, mas era uma corrida que não poderia vencer.

Parou. Virou-se.

Peloquim estava cinco ou seis metros atrás dele, seu corpo ainda humano, nu e vulnerável, mas a cabeça inteiramente bestial, a boca aberta e coroada de dentes que pareciam espinhos.

Ele também parou de correr, talvez esperando que Boone sacasse uma arma. Quando isso não aconteceu, levantou os braços na direção de sua vítima. Atrás dele, Jackie apareceu cambaleante, e Boone teve a primeira visão daquele homem. Ou seriam *homens*?

Havia duas faces em sua cabeça atarracada, ambas profundamente distorcidas; olhos deslocados de forma tal que olhavam para todos os lados menos para a frente, bocas que colidiam num único rasgo, narizes sem cartilagem que as cobrisse. Era a face de um feto de circo dos horrores.

Jackie tentou um último apelo, mas os braços estendidos de Peloquim já se transformavam da ponta dos dedos até o cotovelo, a delicadeza dando lugar a um poder formidável.

Antes que os músculos estivessem fixos ele chegou perto de Boone, dando um salto para derrubar sua vítima. Boone caiu à sua frente. Agora era tarde demais para lamentar a passividade.

Sentiu as garras rasgarem-lhe a jaqueta para expor a carne farta do peito. Peloquim ergueu a cabeça e sorriu, uma expressão para a qual aquela boca não havia sido feita; e então mordeu. Os dentes não eram compridos, mas eram muitos. Doeu menos que Boone esperava, até que Peloquim puxou-os, rasgando um bocado de músculo, levando pele e mamilo juntos.

O choque da dor tirou Boone da resignação; ele começou a se debater sob o peso de Peloquim. Mas o monstro cuspiu o pedaço de carne dos dentes e voltou para pegar um melhor, exalando o cheiro de sangue no rosto de sua presa. Havia motivo para a exalação; em sua próxima respiração, ele sugaria o coração e os pulmões de Boone para fora do peito. Boone gritou por socorro, e ele veio. Antes que o hálito fatal pudesse ser inspirado, Jackie agarrou Peloquim e arrastou-o para longe de sua refeição.

Boone sentiu o peso da criatura sumir, e por entre as nuvens de agonia que lhe cobriam os olhos, viu seu campeão lutar com Peloquim, os braços de ambos entrelaçados. Não esperou para saudar o vencedor. Pressionando a palma da mão sobre a ferida no peito, levantou-se.

Não havia segurança para ele ali; Peloquim certamente não era o único ocupante com apetite de carne humana. Podia sentir outros observando-o enquanto cambaleava entre os prédios da necrópole, esperando que caísse para poderem pegá-lo impunemente.

Mesmo assim, seu sistema, ainda que traumatizado, não lhe falhou. Havia um vigor em seus músculos que ele não sentira desde que atentara contra a própria vida, um pensamento que agora o revoltava como nunca. Até mesmo a ferida que pulsava sob sua mão tinha vida, e ele a celebrava. A dor havia desaparecido, substituída não por dormência, mas por uma sensibilidade quase erótica, tentando Boone a enfiar a mão dentro do peito e acariciar o coração. Entretido por essas bobagens, ele deixou o instinto guiar-lhe os pés e levá-lo aos portões duplos. A tranca venceu suas mãos

escorregadias de sangue; ele teve de subir, escalando os portões com uma facilidade que o fez gargalhar. Então seguiu para Midian, correndo não por medo da perseguição, mas pelo prazer de suas pernas em correr, e de seus sentidos, em saborear a velocidade.

VI

Pés de Barro

A cidade estava de fato vazia, como ele já sabia. Embora as casas tivessem aparentado boa forma a um quilômetro de distância, um exame mais de perto revelou que estavam bem piores, abandonadas há tempos. A sensação de bem estar ainda tomava conta dele, mas temia que a perda de sangue acabasse matando-o. Precisava de algo para fechar a ferida, por mais primitivo que fosse. Em busca de um pedaço de cortina ou algum lençol esquecido, abriu a porta de uma das casas e mergulhou na escuridão de seu interior.

Não se dera conta, até entrar, de como seus sentidos haviam sofrido uma estranha atenuação. Seus olhos cortaram prontamente a penumbra, descobrindo as ruínas miseráveis que os inquilinos de algum dia deixaram, cobertas de pó que anos de pradaria haviam trazido pela janela quebrada e pela porta que não fechava.

Havia tecidos; um pedaço de linho úmido e manchado que rasgou com os dentes e a mão direita, fazendo tiras, enquanto mantinha a esquerda sobre o ferimento.

Estava no meio do processo quando ouviu a madeira da soleira ranger. Deixou as bandagens caírem dos dentes. A porta se abriu. No umbral, a silhueta de um homem, cujo nome Boone conhecia, embora o rosto fosse tudo escuridão. Era o cheiro da colônia de Decker que ele sentia, o coração de Decker que ele ouvia, o suor de Decker que ele provava no ar entre os dois.

— Então — disse o doutor. — Você está aqui.

Havia forças reunindo-se na rua iluminada pelas estrelas. Com ouvidos sobrenaturalmente aguçados, Boone captou o som de sussurros nervosos, e do ar saído de intestinos agitados, e de armas sendo preparadas para derrubar o lunático caso ele tentasse escapar.

— Como me encontrou? — ele perguntou.

— Narcisse, não era o nome dele? — disse Decker. — Seu amigo do hospital?

— Ele está morto?

— Receio que sim. Morreu lutando.

Decker deu um passo para dentro.

— Você está machucado — disse o médico. — O que fez para ficar assim?

Algo impediu Boone de responder. Os mistérios de Midian seriam tão bizarros que não acreditariam nele? Ou sua natureza não seria da conta de Decker? Certamente não era a última opção. O compromisso de Decker em compreender o monstruoso não poderia ser posto em dúvida. Quem melhor, então, para partilhar a revelação? Mesmo assim hesitou.

— Me conte — Decker disse. — Como conseguiu essa ferida?

— Mais tarde — disse Boone.

— Não haverá mais tarde. Acho que sabe disso.

— Vou sobreviver — disse Boone. — Não é tão ruim quanto parece. Pelo menos não sinto tanto.

— Não falei do ferimento. Falei da polícia. Estão esperando por você.

— Eu sei.

— E você não vai sair por bem, vai?

Boone não tinha mais certeza. A voz de Decker fazia com que se lembrasse tanto da segurança que quase acreditava que isso fosse novamente possível, se o doutor assim o quisesse.

Mas Decker não falava mais em segurança. Só em morte.

— Você é um serial killer, Boone. Desesperado. Perigoso. Foi difícil convencê-los a me aproximar de você.

— Fico feliz que tenha conseguido.

— Eu também — respondeu Decker. — Queria uma chance de dizer adeus.

— Por que tem de ser assim?

— Você sabe.

Ele não sabia. Não mesmo. O que sabia, com uma certeza cada vez maior, era que Peloquim havia dito a verdade.

Você não é da Raça da Noite, ele dissera.

Não era; era inocente.

— Não matei ninguém — murmurou.

— Eu sei — replicou Decker.

— Por isso não pude me lembrar de nenhum dos quartos. Nunca estive neles.

— Mais agora se lembra — disse Decker.

— Só porque... — parou Boone, e olhou para o homem de terno preto. — ...porque você me mostrou.

— Eu o ensinei — corrigiu Decker.

Boone ficou olhando para ele, esperando uma explicação que não fosse a que estava na sua cabeça. Não podia ser Decker. Decker era a Razão, Decker era a Calma.

— Há duas crianças mortas em Westlock esta noite — dizia o doutor. — Estão culpando você.

— Nunca estive em Westlock — Boone protestou.

— Mais eu sim — respondeu Decker. — Certifiquei-me de que aqueles homens lá fora vissem as fotos. Assassinos de crianças são os mais odiados. Seria melhor você morrer aqui do que ser entregue a eles.

— Você? — perguntou Boone. — Foi você?

— Sim.

— Todos eles?

— E mais.

— Por quê?

Decker ponderou isso por um momento.

— Porque gosto — respondeu sem emoção.

Ainda parecia tão sadio, metido em seu terno bem feito. Nem mesmo o rosto, que Boone agora podia ver com clareza, mostrava qualquer pista visível da loucura que havia por trás dele. Quem teria duvidado, vendo o homem ensanguentado e o limpo, de qual era o lunático e qual seu médico? Mas as aparências enganavam. Era apenas o monstro, o filho de Midian, que realmente podia alterar a carne para revelar o verdadeiro eu. Os outros escondiam-se por trás de sua calma, planejando as mortes de crianças.

Decker tirou uma arma do paletó.

— Eles me deram isso — ele disse. — Em caso de você se descontrolar.

Sua mão tremia, mas a uma distância daquelas ele dificilmente erraria. Em instantes tudo estaria acabado. A bala voaria e Boone estaria morto, com tantos mistérios a serem resolvidos.

A ferida, Midian, Decker. Tantas questões que nunca responderia.

Não havia outro momento senão o agora. Jogando para Decker a bandagem que ainda tinha na mão, atirou-se para o lado logo depois. Decker atirou; o disparo encheu o quarto de som e luz.

Quando o pano caiu no chão Boone estava na porta. A menos de um metro dela, a luz da arma se acendeu novamente. E um instante depois, o som. E com o som, um impacto nas costas de Boone que o jogou para a frente, passando pela porta, parando na soleira.

O grito de Decker veio logo atrás.

— *Ele está armado!*

Boone ouviu as sombras se prepararem para derrubá-lo. Ergueu os braços em sinal de rendição; abriu a boca para protestar sua inocência.

Os homens agrupados atrás de seus carros viram apenas suas mãos ensangüentadas; era culpa suficiente. Atiraram.

Boone ouviu as balas vindo em sua direção — duas à esquerda, três à direita e uma exatamente à sua frente, indo para o coração. Teve tempo de se espantar com a lentidão delas, e com a música que faziam. Então elas o atingiram: alto da coxa, virilha, baço, ombro, rosto e coração. Permaneceu de pé por vários segundos; alguém tornou a disparar, e gatilhos nervosos liberaram uma segunda saraivada. Dois desses tiros passaram ao largo. O resto foi direto: abdômen, joelho, dois no peito, um na têmpora. Dessa vez ele caiu.

Ao tocar o chão sentiu a ferida que Peloquim lhe fizera convulsionar-se como um segundo coração, sua presença curiosamente reconfortando-o em seus momentos finais.

Em algum lugar perto ele ouviu a voz de Decker, e seus passos aproximando-se ao emergir da casa para olhar o corpo.

— Pegamos o filho-da-puta — disse alguém.

— Está morto — disse Decker.

Não estou não, pensou Boone.

E então não pensou mais.

Parte Dois

A MORTE É UMA CADELA

*"O milagroso também nasce,
tem sua vida, e morre ..."*

Carmel Sands, Orthodoxies



VII

Estradas Difíceis

Saber que Boone tinha se afastado dela já era ruim o bastante, mas o que veio depois foi muito pior. Primeiro, claro, aquela ligação telefônica. Ela encontrara Philip Decker apenas uma vez, e não reconheceu sua voz até que ele se identificou.

— Receio ter más notícias.

— Você encontrou Boone.

— Sim.

— Ele está machucado?

Houve uma pausa. Antes que o silêncio se quebrasse ela já sabia o que viria.

— Receio que ele esteja morto, Lori.

Pronto, a notícia que ela pressentira, porque fora feliz demais, e isso não podia durar. Boone lhe havia mudado completamente a

vida. Sua morte faria o mesmo.

Ela agradeceu ao doutor pela gentileza de lhe dizer isso ele mesmo, em vez de deixar a tarefa para a polícia. Então desligou o telefone, e esperou para ver se acreditava.

2

Entre os seus amigos, havia quem dissesse que ela jamais teria sido paquerada por um homem como Boone se ele fosse são; isso não significava que a doença o fizesse escolher qualquer uma, mas que um rosto como o dele, que inspirava tanta bajulação às pessoas suscetíveis a aparências, teria estado na companhia de alguma beldade se o espírito por trás dele não estivesse desequilibrado.

Esses comentários doíam fundo, porque em seu íntimo ela os achava acertados. Boone não tinha muitos bens, mas o rosto era sua glória; exigia tão dedicado estudo a ponto de deixá-lo embaraçado e desconfortável. Ele não sentia prazer em que o olhassem. Na verdade, Lori mais de uma vez temera que ele se desfigurasse a fim de frustrar o que quer que chamasse atenção para si, uma necessidade fundada em sua total falta de interesse na aparência. Sabia que ele ficava dias sem tomar banho, semanas sem fazer a barba, seis meses sem cortar o cabelo. Mas nem isso conseguia dissuadir suas entusiastas. Ele as obcecava porque ele próprio, por sua vez, era obcecado, simplesmente isso.

Ela não perdeu tempo tentando persuadir seus amigos do fato. Na verdade, falava o mínimo possível sobre ele, em particular quando a conversa era sobre sexo. Só dormira três vezes com Boone, cada ocasião um desastre. Ela sabia quais seriam as fofocas a respeito. Mas o jeito carinhoso e ansioso que ele tinha com ela sugeria que seu jogo amoroso era mais que pura obrigação. Ele simplesmente

não conseguia levá-lo adiante, o que o deixava irado, e caía em tamanha depressão que ela também acabara por se conter, esfriando os contatos para não provocar mais fracassos.

Muitas vezes sonhava com ele; cenários inequivocamente sexuais. Ali não havia simbolismo. Somente ela e Boone em quartos quase vazios, trepando. Às vezes pessoas batiam na porta para entrar e ver, mas não entravam. Ele pertencia completamente a ela, em toda a sua beleza e desgraça.

Mais apenas em sonhos. Agora mais do que nunca, apenas em sonhos.

Sua história juntos havia acabado. Não haveria mais dias negros, quando a conversa dele era um círculo de derrota, não mais momentos de súbito nascer do sol porque ela pronunciara casualmente alguma frase que lhe dera esperanças. Ela não estivera despreparada para um fim brusco. Mas não desse jeito. Não Boone desmascarado como assassino e fuzilado numa cidadezinha da qual nunca ouvira falar. Aquele fora um final errado.

Mas, por pior que fosse, ainda aconteceriam coisas piores.

Depois da ligação, o inevitável interrogatório policial: algum dia ela suspeitara que ele estivesse cometendo atividades criminosas? Ele fora violento no trato com ela? Ela lhes disse uma dezena de vezes que ele nunca a tocara exceto com amor e, mesmo assim, à custa de alguma indução. Aparentemente eles encontraram uma confirmação implícita na descrição das tentativas dele, trocando olhares cúmplices quando ela lhes fez um relato envergonhado das suas relações sexuais. Quando terminaram as perguntas, pediram-lhe que identificasse o corpo. Ela concordou com a tarefa. Embora advertida de que não seria agradável, queria dizer-lhe adeus.

Foi então que as coisas, que vinham sendo estranhas ultimamente, ficaram ainda mais estranhas.

O corpo de Boone havia desaparecido.

A princípio, ninguém disse a ela por que o processo de identificação estava sendo atrasado; ela era despachada com desculpas que não soavam muito verdadeiras. Finalmente, entretanto, não tiveram opção senão dizer-lhe a verdade. O cadáver, que havia sido deixado no necrotério da polícia para lá passar a noite, simplesmente sumira. Ninguém sabia como havia sido roubado — o local fora trancado, e não havia sinais de arrombamento — ou mesmo por quê. Efetuaram uma busca, mas, a julgar pelos rostos irritados que deram a notícia, não parecia haver muita esperança de encontrar os ladrões de corpos. O inquérito sobre Aaron Boone teria de prosseguir sem o cadáver.

3

O fato de que ele jamais pudesse vir a ser enterrado a atormentava. Pensar no corpo dele como um brinquedo nas mãos de algum perverso, ou pior, como algum ícone terrível, assustava-a dia e noite. Ela ficou chocada com sua capacidade de imaginar as utilidades da carne do coitado, sua mente ajustada numa espiral descendente de morbidez que a fazia temer — pela primeira vez na vida — seus próprios processos mentais.

Boone havia sido um mistério em vida, sua afeição um milagre que lhe dava um senso de si mesma que ela nunca havia experimentado. Agora, com sua morte, o mistério se aprofundara. Era como se ele não o tivesse sequer conhecido, nem mesmo naqueles momentos de lucidez traumática entre eles, quando ele estivera prestes a explodir o próprio crânio até que Lori conseguisse

afastar-lhe a tensão; mesmo nesses momentos Boone ocultara dela uma vida secreta de homicídios.

Quase não parecia possível. Quando o imaginava agora, fazendo caras bobas para ela, ou chorando em seu colo, pensar que nunca o conhecera de fato era como uma dor física. De algum modo, tinha de curar essa dor, ou se preparar para carregar a ferida daquela traição para sempre. Tinha de saber por quê sua outra vida o havia levado aos confins do mundo. Talvez a melhor solução fosse procurar no lugar onde ele havia sido encontrado: em Midian. Talvez lá encontrasse a solução do mistério.

A polícia a instruíra a não deixar Calgary até depois da investigação, mas, como sua mãe, ela era uma criatura impulsiva. Acordara às três da manhã com a ideia de ir até Midian. As cinco estava fazendo as malas, e tomou a Rodovia 2 na direção norte uma hora após o amanhecer.

4

No princípio as coisas correram bem. Era bom estar longe do escritório — onde sentiriam sua falta, mas, que diabos!... — e do apartamento, com todas as lembranças dos momentos com Boone. Não estava dirigindo às cegas, mas faltava pouco para isso; nenhum dos mapas em que conseguira botar as mãos tinha referências a qualquer cidade chamada Midian. Ouvira menção de outras cidades, no entanto, conversando com a polícia. Shere Neck era uma delas, lembrava-se — e essa estava marcada nos mapas.

Agora esse era seu alvo.

Sabia pouco ou nada acerca da paisagem que atravessava. Sua família viera de Toronto — o leste civilizado, como sua mãe o chamara no dia da morte, lamentando que o marido a tivesse feito se mudar para aquela terra desolada. O preconceito havia acabado. Os campos de trigo se estendendo até onde se podia ver nunca haviam feito muito pela imaginação de Lori, e nada do que via enquanto viajava a fazia mudar de ideia. Os grãos estavam ali para crescer, seus plantadores e colhedores cuidando de outras coisas. A monotonia do cenário a cansou mais do que havia imaginado. Interrompeu a viagem em McLennan, a uma hora de Peace River, e dormiu uma noite inteira numa cama de motel, sem ser perturbada, para levantar-se cedo na manhã seguinte, e, disposta, partir novamente. Estimava chegar a Shere Neck ao meio-dia.

Mas as coisas não foram bem assim. Em algum lugar a leste de Peace River ela perdeu a rota, e teve de dirigir sessenta quilómetros no que suspeitava ser a direção errada até encontrar um posto de gasolina, e alguém que a ajudasse a prosseguir.

Havia dois garotos gêmeos brincando com soldadinhos de plástico na soleira empoeirada do escritório do posto. Seu pai, cujos cabelos louros haviam herdado, jogou um cigarro no meio dos batalhões e foi até o carro.

— Deseja o quê?

— Gasolina, por favor. E informações.

— Vai ter que pagar por isso também — disse ele sem sorrir.

— Estou procurando uma cidade chamada Shere Neck. Conhece?

Os jogos de guerra aumentaram de volume atrás dele. Virou-se para as crianças:

— Querem calar a boca? — gritou.

Os garotos olharam meio de banda um para o outro, e ficaram quietos, até ele se voltar para Lori. Muitos anos trabalhando ao sol de verão o haviam envelhecido prematuramente.

— O que quer em Shere Neck? — ele perguntou.

— Estou tentando... achar alguém.

— E mesmo? — replicou o homem, claramente intrigado. Deu-lhe um sorriso feito para dentes em melhores condições. — Alguém que eu conheça? — perguntou. — Não recebemos muitos forasteiros por aqui.

Não havia mal em perguntar, ela supôs. Meteu a mão dentro do carro e tirou da bolsa uma fotografia.

— Você não viu este homem, não é mesmo?

O apocalipse estava a ponto de acontecer no alpendre. Antes de olhar para a foto de Boone ele virou-se para as crianças.

— Já falei pra calarem a boca, merda! gritou, e virou-se de novo para estudar a foto. Sua reação foi imediata. — Sabe quem é este sujeito?

Lori hesitou. O rosto curtido à frente dela fazia uma careta. Mas era tarde demais para alegar ignorância.

— Sim — respondeu, tentando não parecer ofensiva. — Eu sei quem é.

— E sabe o que ele fez? — O lábio do homem se curvou enquanto ele falava. — Havia fotos dele. Eu as vi. — Tornou a gritar para as crianças: — *Querem calar a boca?*

— Não fui eu — protestou um dos dois.

— Fodam-se, não me interessa quem foi! — disse em resposta.

Foi na direção deles, o braço levantado. Sumiram dali num segundo, esquecendo os exércitos por medo dele. Sua raiva das crianças e seu nojo pela foto fundiram-se numa revolta só.

— Um animal danado — ele disse, virando-se para Lori. — É isso o que ele era. Um animal danado!

Jogou a foto de volta para ela.

— Matá-lo foi a melhor coisa que fizeram. Quer fazer o quê, abençoar o local?

Ela tirou a foto de entre aqueles dedos oleosos sem responder, mas ele leu-lhe a expressão bastante bem. Continuou seu discurso sem se abalar.

— Homens que nem esse deviam ser mortos como *cachorros*, dona. Que nem esses cachorros de merda.

Ela recuou ante sua veemência, as mãos tremendo tanto que mal podia manter aberta a porta do carro.

— Não vai querer gasolina? — ele perguntou subitamente.

— Vá para o inferno — respondeu Lori.

Ele parecia espantado.

— Qual é o problema? — cuspiu de volta.

Ela girou a chave na ignição, rezando entre dentes para que o carro não demorasse a pegar. Teve sorte. Arrancando dali, viu pelo

espelho o homem gritando para ela na poeira que havia levantado.

Não sabia de onde a raiva dele havia surgido, mas sabia para onde iria: para as crianças. Não havia porque se preocupar demasiado a respeito. O mundo estava cheio de pais brutais e mães tirânicas; e, pensando bem, de crianças cruéis e indiferentes. Era assim que as coisas eram. Não podia policiar a espécie.

O alívio pela escapada afastou quaisquer outras reações por dez minutos, mas então se acabou, e uma tremedeira tomou conta dela, tão violenta que teve de parar ao primeiro sinal de civilização e achar algum lugar para se acalmar. Havia uma pequena lanchonete entre as dez ou doze lojas, onde pediu café e um pedaço de torta doce; então se retirou para o banheiro, para jogar um pouco de água fria nas faces coradas. A solidão, ainda que forçada, era a única deixa de que suas lágrimas precisavam. Olhando as próprias feições borradas e agitadas no espelho rachado, começou a chorar com tanta insistência que nada — nem mesmo a entrada de outra freguesa — conseguia envergonhá-la a ponto de parar.

A recém-chegada não fez como Lori teria feito nessas circunstâncias: retirado-se. Em vez disso, olhando pelo espelho nos olhos de Lori, perguntou:

— O que foi? Homens ou dinheiro?

Lori enxugou as lágrimas com a mão.

— Desculpe? — perguntou.

— Quando eu choro — disse a garota, passando um pente pelos cabelos cheios de henna — é por dinheiro ou homens.

— Ah. — A curiosidade descarada da garota ajudou-a a evitar novas lágrimas. — Um homem — respondeu.

— Ele te deixou?

— Não exatamente.

— Jesus — disse a garota. — Ele voltou? Pior ainda.

O comentário fez brotar um pequeno sorriso de Lori.

— São geralmente aqueles que a gente não quer, certo? — a garota continuou. — Você manda eles à merda, e eles continuam voltando que nem cachorros...

A menção aos cachorros lembrou Lori da cena do posto, e ela sentiu as lágrimas voltando a dominá-la.

— Ah, cale a boca, Sheryl — disse a recém-chegada para si mesma.
— Está piorando as coisas.

— Não — disse Lori. — Não mesmo! Preciso conversar com alguém.

Sheryl sorriu.

— Tanto quanto eu preciso de café?

Seu nome era Sheryl Margaret Clark, e era capaz de arrancar confidências até de anjos. Em duas horas de conversa, e cinco cafés, Lori lhe contou toda a lamentável história, do seu primeiro encontro com Boone ao momento em que ela e Sheryl haviam trocado olhares no espelho do banheiro. A própria Sheryl tinha uma história para contar — mais comédia do que tragédia — sobre a paixão que seu namorado tinha por carros e a que ela tinha pelo irmão dele, o que terminara com palavras duras e separação. Ela havia se mandado para espairer.

— Não faço isso desde garotinha — disse ela — simplesmente ir onde me der na telha. Tinha me esquecido de como é bom. Talvez pudéssemos ir juntas. A Shere Neck. Sempre quis conhecer esse lugar.

— Sério?

Sheryl deu uma gargalhada.

— Não. Mas é um lugar tão bom quanto qualquer outro. Todas as direções são iguais para quem está sem destino.

VIII

Onde Ele Caiu

Então viajaram juntas, depois de pedir informações ao dono do restaurante, que alegava ter uma ideia razoável a respeito da localização de Midian. As instruções foram boas. A rota seguida levou-as até Shere Neck, que era maior do que Lori esperava, e depois descendo por uma estrada sem sinalizações, que teoricamente levava a Midian.

— Por que quer ir até lá? — o dono da lanchonete quis saber.

— Ninguém vai mais lá. Está vazia.

— Estou escrevendo um artigo sobre a corrida do ouro — Sheryl respondera com uma mentira entusiasmada. — Ela está fazendo turismo.

— Que turismo! — foi a resposta.

O comentário havia sido irônico, mas tinha mais verdade do que o homem imaginara. A tarde estava caindo, a luz dourada sobre a estrada de terra, e de repente a cidade surgiu. Até chegarem às ruas propriamente ditas tiveram a certeza de que aquele não podia

ser o lugar certo, pois que cidade fantasma pareceria tão acolhedora? Sem o sol, entretanto, a impressão mudou. Havia algo de desoladamente romântico nas casas abandonadas, mas finalmente essa visão se tornou depressiva e um pouco mais do que assustadora. Vendo o lugar, o primeiro pensamento de Lori foi:

"Por que Boone teria vindo para cá?"

O segundo:

'Ele não veio por vontade própria. Foi caçado. Chegou até aqui por acidente."

Estacionaram o carro no meio da rua principal, que era, tirando um beco ou outro, a única rua.

— Não precisa trancar — disse Sheryl. — Ninguém vai roubá-lo.

Agora que estavam ali, Lori estava mais feliz que nunca pela companhia de Sheryl. Seu pique e bom humor eram uma afronta para aquele local sombrio; afastavam qualquer coisa que pudesse torná-lo assustador.

Fantasmas podiam ser afastados com gargalhadas; angústia era coisa mais forte. Pela primeira vez desde a ligação de Decker Lori sentiu algo próximo da perda. Era tão fácil imaginar Boone ali, sozinho e confuso, sabendo que seus perseguidores estavam chegando perto. E mais fácil ainda encontrar o local onde o fuzilaram. Os buracos que as balas perdidas haviam feito estavam assinalados com círculos de giz; manchas e respingos de sangue haviam marcado as tábuas da varanda. Ficou longe do ponto por vários minutos, incapaz de se aproximar mas igualmente incapaz de se retirar. Sheryl tivera a presença de espírito de explorar as redondezas: não havia ninguém para quebrar o vínculo hipnótico que a visão do leito de morte de Boone exercia sobre ela.

Sentiria uma saudade eterna dele. Mas não houve lágrimas. Talvez as tivesse chorado todas no banheiro da lanchonete. O que ela sentia, em vez disso, alimentando sua perda, era o mistério de como um homem que conhecido e amado — ou amado e achado que conhecido — podia ter morrido ali por crimes dos quais ela não suspeitara. Talvez fosse a raiva que sentia com relação a ele que impedisse as lágrimas, sabendo que apesar de suas promessas de amor ele escondera tanto dela, e estava agora além do alcance de suas exigências de explicação. Será que não podia pelo menos ter deixado uma mensagem? Ela se descobriu olhando fixo para as manchas de sangue, imaginando se olhos mais agudos que os dela poderiam ter encontrado algum sentido nelas. Se profecias podiam ser lidas nas borras de uma xícara de café, certamente a última marca que Boone deixara no mundo continha algum significado. Mas ela não era intérprete. Os sinais eram apenas alguns de muitos mistérios não resolvidos, sendo o maior dentre eles o sentimento que ela verbalizou, olhando os degraus:

— Ainda te amo, Boone.

Agora sim, havia um enigma, o fato de que, apesar de sua raiva e espanto, teria dado a vida que lhe restava só para que ele pudesse sair por aquela porta agora e abraçá-la.

Mas não houve resposta à sua declaração, por mais oblíqua que fosse. Nenhum espectro respirou contra seu rosto; nenhum soluço foi sussurrado dentro de seu ouvido. Se Boone ainda estivesse ali sob alguma forma fantasmagórica, era mudo e não respirava; e tampouco havia sido libertado pela morte, mas era dela prisioneiro.

Alguém falou seu nome. Levantou a cabeça.

— ... não acha? — dizia Sheryl.

— Desculpe?

— Hora de ir — repetiu Sheryl. — Não acha que está na hora de irmos?

— Ah.

— Se não se importa que eu diga, você está um cocô.

— Obrigada.

Lori estendeu a mão, pedindo apoio. Sheryl agarrou-a.

— Você viu tudo que precisava, querida — ela disse.

— Vi...

— Vamos.

— Sabe, ainda não parece bem *real* — disse Lori. — Mesmo estar de pé aqui. Mesmo vendo o lugar. Não consigo acreditar. Como ele pode estar tão... inalcançável?. Devia haver alguma forma de podermos alcançar, não acha, alguma forma de alcançarmos e tocarmos eles.

— Quem?

— Os mortos. Senão não faz sentido, não é? É tudo uma falta de sentido sádica. — Largou a mão de Sheryl; levou a mão à testa e esfregou-a com as pontas dos dedos. — Sinto muito — disse. — Não estou falando coisa com coisa, estou?

— Honestamente? Não.

Lori olhou como quem pede desculpas.

— Escute — disse Sheryl. — A velha cidade não é mais o que costumava ser. Acho que devíamos sair daqui e deixá-la cair aos

pedaços. O que me diz?

— Concordo plenamente.

— Fico pensando... — Sheryl parou.

— No quê?

— Em toda essa gente morta — ela disse.

— Que gente morta?

— Em cima do morro. Tem um cemitério horroroso.

— Mesmo?

— Não é uma boa visitá-lo no momento que você está passando

— Sheryl apressou-se em dizer. Mas podia dizer, pela expressão do rosto de Lori, que não devia ter passado essa informação.

— Você não quer ver — disse. — Não quer mesmo.

— Só um minuto ou dois — disse Lori.

— Se ficarmos muito mais tempo, vamos dirigir no escuro.

— Eu nunca mais vou voltar aqui.

— Ah, claro. Você devia ver a vista. Grande vista. Casas de pessoas mortas.

Lori deu um sorrisinho.

— Serei breve — disse, começando a descer a rua na direção do cemitério. Sheryl hesitou. Havia deixado o suéter no carro, e estava

ficando frio. Mas todo o tempo em que estivera ali, não fora capaz de afastar a suspeita de que estavam sendo observadas. Com a noite chegando, ela não queria ficar sozinha na rua.

— Espere por mim — disse, e alcançou Lori, que já podia ver o muro do cemitério.

— Por que é tão grande? — Lori pensou em voz alta.

— Só Deus sabe. Talvez tenham todos morrido de uma vez.

— Tantos assim? A cidade é tão pequena.

— E verdade.

— E olhe o tamanho dos túmulos.

— Eu deveria ficar impressionada?

— Você entrou?

— Não. E nem quero.

— Só um pouquinho.

— Onde é que eu já ouvi isso antes?

Lori não respondeu. Estava agora nos portões do cemitério, esticando a mão por entre as grades de ferro para abrir a trava. Conseguiu. Empurrando um dos portões o suficiente para se esgueirar, entrou. Sheryl seguiu-a, relutante.

— Por que tantos? — Lori tornou a perguntar. Não fizera a pergunta movida só pela curiosidade; aquele estranho espetáculo fazia com que pensasse outra vez se Boone fora simplesmente acuado aqui por acaso ou se Midian era seu destino. Será que havia alguém

enterrado aqui que ele esperasse encontrar com vida? Ou em cuja tumba desejasse confessar seus crimes? Embora não passasse de conjecturas, as avenidas de túmulos pareciam oferecer uma breve esperança de compreensão que o sangue derramado por Boone não teria fornecido, ainda que ela o estudasse até o fim dos tempos.

— Já é tarde — Sheryl lembrou-a.

— É.

— E estou com frio.

— Está?

— Quero ir *embora*, Lori.

— Ah... Desculpe. Sim. Claro. Também, está ficando muito tarde para se ver alguma coisa.

— Você reparou.

Começaram a subir de volta o morro na direção da cidade, Sheryl marcando o passo. A pouca luz que restava estava quase no final quando alcançaram os limites da cidade. Deixando Sheryl marchar de volta ao carro, Lori parou para dar uma última olhada no cemitério.

Daquele ponto de observação, ele lembrava uma fortaleza. Talvez os muros altos mantivessem os animais à distância, embora parecesse uma precaução desnecessária. Os mortos certamente estavam seguros, sob suas pedras memoriais. O mais provável era que os muros fossem o jeito que os vivos haviam encontrado de evitar que os mortos tivessem poder sobre eles. Dentro daqueles portões, o terreno era sagrado para os falecidos, criado em seu nome. Do lado de fora, o mundo pertencia aos vivos, que não tinham nada mais a aprender com aqueles que haviam perdido.

Ela não era tão arrogante. Havia muito que desejava dizer aos mortos aquela noite; e muito que ouvir. Era isso que lamentava.

Voltou ao carro com uma estranha sensação de alívio. Foi somente depois que trancou as portas e ligou o motor que Sheryl disse:

— Tem alguém nos vigiando.

— Tem certeza?

— Juro. Vi ele assim que entrei no carro.

Esfregava vigorosamente os seios.

— Jesus, meus mamilos ficam dormentes no frio.

— Como era ele? — perguntou Lori.

Sheryl deu de ombros.

— Muito escuro para ver — disse. — Agora não importa.

Como você disse, não vamos mais voltar.

E verdade, pensou Lori. Podiam descer por uma estrada em linha reta e nunca olhar para trás. Talvez os falecidos cidadãos de Midian lhe invejassem isso, atrás dos muros de sua fortaleza.

IX

Tocado

Não foi difícil escolher suas acomodações em Shere Neck; só havia dois lugares disponíveis, e um já estava transbordando de compradores e vendedores de um leilão de equipamentos agrícolas que havia acabado de acontecer. O excedente ocupava os quartos do outro estabelecimento: o Sweetgrass Inn. Não fosse pelo sorriso de Sheryl elas poderiam ter sido despachadas de lá também; mas depois de uma conversa, encontraram um quarto com cama de casal que podiam dividir. Era simples, mas confortável.

— Sabe o que minha mãe costumava me dizer? — comentou Sheryl, enquanto colocava seus artigos de toalete no banheiro.

— O quê?

— Ela costumava dizer: lá fora existe um homem para você, Sheryl; ele está andando por aí com o seu nome. E veja você, isso era dito por uma mulher que procurou seu homem especial por trinta anos e nunca o encontrou. Mas ela sempre ficou atrelada a essa ideia romântica. Você sabe, o homem dos seus sonhos está esperando na próxima esquina. E ela me atrelou a isso também, aquela idiota.

— Ainda?

— Ah, sim. Ainda estou procurando. Você poderia até pensar que aprendi a lição, depois de tudo o que passei. Quer tomar banho primeiro?

— Não. Pode ir.

Havia começado uma festa no quarto ao lado; as paredes eram finas demais para abafar a maior parte do ruído. Enquanto Sheryl tomava seu banho, Lori deitou-se na cama e repassou os eventos do dia na cabeça. O exercício não durou muito tempo. Quando se deu conta estava sendo acordada por Sheryl, que havia tomado seu banho e estava pronta para uma noite na cidade.

— Vem comigo? — ela queria saber.

— Estou cansada demais — disse Lori. — Pode ir, e divirta-se.

— Se houver diversão... — disse Sheryl brincalhona.

— Você vai encontrar — disse Lori. — Dê a esse pessoal assunto pra conversar amanhã.

Sheryl prometeu que faria isso, e deixou Lori descansando.

Mas o pior de sua fadiga já havia desaparecido. Não conseguia fazer mais que cochilar, e mesmo assim com interrupções regulares de gritos e gargalhadas bêbadas no quarto ao lado.

Levantou-se em busca de uma máquina de refrigerantes e gelo, voltando com uma latinha diet ao quarto nem um pouco tranquilo. Tomaria um banho relaxante, decidiu, até que a bebida ou o cansaço acalmassem os vizinhos. Imersa até o pescoço em água quente, sentiu os músculos relaxarem, e quando emergiu estava

bem mais tranquila. O banheiro não tinha exaustor, e os espelhos haviam ficado embaçados de vapor. Ficou feliz pela descrição deles. O catálogo de suas fragilidades já era por demais extenso para aumentá-lo com mais um auto-exame. O pescoço era muito grosso, o rosto fino demais, os olhos muito grandes, o nariz pequeno demais. Em essência, ela era feita de um excesso atrás do outro, e qualquer tentativa de sua parte para desfazer o defeito simplesmente o exacerbava. Seus cabelos, que ela deixava crescer para cobrir os pecados do pescoço, eram tão luxuriantes e escuros que o rosto parecia doente. Sua boca, cuspida e escarrada a da mãe, era de um vermelho natural, chegando ao indecente; mas controlar essa cor com um batom claro fazia os olhos parecerem maiores e mais vulneráveis que antes.

Não que a somatória dos traços não fosse atraente. Ela tinha mais homens aos seus pés do que desejava. Não, o problema era que ela não era como se sentia. Tinha um rosto doce, e não era doce; não queria ser doce, nem que achassem que era doce. Talvez as poderosas sensações que a haviam atingido nas últimas horas — vendo o sangue, vendo os túmulos — com o tempo deixassem sua marca. Assim esperava. A lembrança delas ainda a balançava, e ela estava mais rica por isso, por mais que doesse.

Ainda nua, voltou devagar para o banheiro. Como esperava, os celebrantes do quarto ao lado haviam se aquietado. A música não era mais rock 'n' roll, mas algo mais suave. Sentou-se na beira da cama e passou as palmas das mãos pelos seios, deliciando-se com a suavidade deles. Sua respiração havia assumido o compasso lento da música que atravessava a parede; música para se dançar coxa com coxa, boca a boca. Deitou-se na cama, passando a mão direita no corpo. Sentia o cheiro de meses de fumaça de cigarro acumulados no cobertor sobre o qual se deitava. Isso fazia o quarto parecer quase um lugar público, com suas idas e vindas noturnas. Pensar em sua nudez num quarto daqueles, e no cheiro da limpeza de sua pele naquela cama suja era excitante.

Enfiou os dedos indicador e médio na xoxota, levantando um pouco os quadris para facilitar a exploração. Esta era uma alegria que ela não se permitia com muita frequência; a criação católica pusera a culpa entre o seu instinto e as pontas de seus dedos. Mas aquela noite ela era uma mulher diferente. Achou rápido os pontos sensíveis, colocando os pés na borda da cama e abrindo as pernas para dar espaço às duas mãos.

Não era de Boone a imagem que ela viu quando os primeiros arrepios começaram. Mortos eram péssimos amantes. Era melhor que se esquecesse dele. Seu rosto fora bonito, mas ela jamais o beijaria novamente. Seu pau também havia sido bonito, mas ela nunca mais o acariciaria, nem o teria dentro dela novamente. Tudo o que tinha era a si mesma, e prazer por prazer. Isso era o que ela imaginava agora: o próprio ato que estava realizando. Um corpo limpo nu sobre uma cama suja. Uma mulher num quarto estranho sentindo prazer com seu próprio e estranho eu.

O ritmo da música não a movia mais. Tinha seu ritmo próprio, subindo e descendo, subindo e descendo, e cada vez subindo mais. Não havia um limite. Subia mais e mais, até estar coberta de suor e mergulhada em sensações. Ficou quieta por vários minutos. Então, sabendo que o sono estava chegando rápido e que dificilmente poderia passar a noite em sua posição presente, jogou para o lado todas as cobertas menos um lençol fino, deitou a cabeça no travesseiro e caiu no espaço entre seus olhos fechados.

2

O suor em seu corpo esfriou sob o lençol. No sono, ela estava na necrópole de Midian, o vento descendo pelas avenidas para encontrá-la vindo de todas as direções ao mesmo tempo — norte,

sul, leste, oeste — congelando-a enquanto lhe fazia os cabelos chicotearem na cabeça e corria para dentro de sua blusa. O vento não era invisível. Tinha uma textura, como se carregasse um peso de pó, as partículas grudando-se firmes em seus olhos e selando-lhe o nariz, achando o caminho por sua calcinha e entrando no seu corpo também por aquelas rotas.

Foi somente quando a poeira a cegou completamente que ela percebeu o que era — os restos dos mortos, os mortos antigos, soprados de ventos contrários vindos de pirâmides e mausoléus, de cofres e dólmens, casas mortuárias e crematórios. Pó de caixões, cinzas humanas, ossos moídos, tudo soprado para Midian, e pegando-a na encruzilhada.

Ela sentiu os mortos dentro de si. Atrás das pálpebras; em sua garganta; levados para dentro de seu ventre. E, apesar do frio e da fúria das quatro tempestades, não tinha medo deles, nem desejava expulsá-los. Eles buscavam seu calor e sua feminilidade. Ela não os rejeitaria.

— Onde está Boone? — ela perguntava no sonho, supondo que os mortos saberiam. Ele era um deles, afinal de contas.

Sabia que ele não estava longe, mas o vento ficava cada vez mais forte, atacando-a de todas as direções, uivando sobre sua cabeça.

— Boone? — tornou a perguntar. — Eu quero Boone. Traga-o para mim.

O vento a ouviu. Seu uivo ficou mais alto.

Mas alguém mais estava perto, impedindo que ela ouvisse a resposta.

— Ele está morto, Lori — disse uma voz.

Ela tentou ignorar a voz idiota, e concentrou-se na interpretação do vento. Mas havia perdido seu lugar na conversa, e tinha de começar novamente.

— E Boone quem eu quero — ela disse. — Traga-o...

— *Não!*

A mesma maldita voz de novo.

Ela tentou uma terceira vez, mas a violência do vento tinha se tornado outra violência; ela estava sendo sacudida.

— Lori! Acorde!

Ela agarrou-se ao sono; ao sonho do vento. Ele ainda poderia lhe dizer o que precisava saber, se pudesse resistir ao ataque da consciência por mais um momento.

— Boone! — ela tornou a gritar, mas os ventos afastavam-se dela, e levavam os mortos com eles. Ela sentiu em suas veias e sentidos um comichão com a saída deles. Todo o conhecimento que pudessem ter havia partido com eles. Ela não tinha poderes para detê-los.

— Lori.

Todos haviam ido embora. Levados pela tormenta.

Não teve escolha senão abrir os olhos, sabendo que eles encontrariam Sheryl, simples carne e osso, sentada na beira da cama e sorrindo para ela.

— Pesadelo? — a moça perguntou.

— Não. Não exatamente.

— Você estava dizendo o nome dele.

— Eu sei.

— Devia ter vindo comigo — disse Sheryl. — Tirá-lo de dentro de você.

— Talvez.

Sheryl sorria; obviamente tinha notícias para contar.

— Conheceu alguém? — Lori arriscou.

O sorriso de Sheryl foi de orelha a orelha.

— Quem diria?... Acho que mamãe pode ter razão, afinal de contas.

— Foi bom assim?

— Se foi.

— Conte-me tudo.

— Não tem muito pra se dizer. Só saí para encontrar um bar, e conheci um cara ótimo. Quem diria? — ela tornou a dizer. — No meio desse diabo de pradaria? O amor surgiu para mim.

A excitação dela era uma coisa bonita de se ver; mal podia conter o entusiasmo enquanto contava a Lori tudo sobre o romance da noite. O nome do homem era Curtis; um bancário, nascido em Vancouver, divorciado e morando há pouco tempo em Edmonton. Complementavam-se com perfeição, ela disse; signos, gostos culinários, famílias. E, o que era melhor, embora tivesse conversado horas ele não tentara nem uma vez persuadi-la a abaixar as calcinhas. Era um cavalheiro: falava com desenvoltura, era

inteligente e ansioso pela vida sofisticada da Costa Oeste, à qual jurara retornar se conseguisse encontrar a companheira certa. Talvez fosse ela.

— Vou me encontrar novamente com ele amanhã à noite — disse Sheryl. — Talvez até mesmo ficar algumas semanas se tudo correr bem.

— Vai correr — replicou Lori. — Você merece ser feliz.

— Vai voltar a Calgary amanhã? — perguntou Sheryl.

— Vou — foi a resposta que sua mente preparava. Mas o sonho tomou a dianteira, respondendo outra coisa totalmente diferente.

— Acho que vou primeiro voltar a Midian — ela disse. — Quero ver o local mais uma vez.

Sheryl fez cara feia.

— Por favor, não me peça pra ir — disse. — Não estou a fim de outra visita.

— Não há problema — respondeu Lori. — Vou sozinha.

X

Sol e Sombra

O céu sobre Midian estava sem nuvens, e o ar fervia. Todo o desassossego que ela havia sentido durante a primeira visita ali tinha desaparecido. Embora aquela ainda fosse a cidade em que Boone havia morrido, ela não conseguia odiá-la por isso. Pelo contrário: ela e a cidade eram aliadas, ambas marcadas pela passagem daquele homem.

Mas não era a cidade o objeto de sua visita, era o cemitério, e ele não a desapontou. O sol brilhava sobre os mausoléus, as sombras afiladas elogiando a elaboração das construções. Até a grama que brotava por entre os túmulos tinha um verde mais brilhante aquele dia. Não havia vento em parte alguma; nenhum hálito de tempestades de sonhos, trazendo de volta os mortos. Dentro dos muros altos havia uma quietude extraordinária, como se o mundo de fora não existisse mais. Ali estava um lugar sagrado para os mortos, que não eram os vivos que deixavam de existir, mas quase uma outra espécie, que exigia rituais e preces pertencentes unicamente a eles. Ela estava cercada por toda parte por esses sinais: epitáfios em inglês, francês, polonês e russo; imagens de mulheres veladas e urnas estilhaçadas, santos cujo martírio ela só

podia imaginar, cães de pedra dormindo sobre as tumbas de seus mestres... todo o simbolismo que acompanhava esse outro povo.

E quanto mais ela explorava mais dava consigo mesma fazendo a pergunta que fizera no dia anterior: por que o cemitério era tão grande? E por que, conforme ficou aparente com o número de túmulos que ela estudara, havia tantas nacionalidades repousando ali? Pensou em seu sonho; no vento que vinha de todos os cantos da terra. Era como se houvesse algo de profético nele. O pensamento não a preocupava. Se era assim que o mundo funcionava — por intermédio de augúrios e profecias — então pelo menos era um *sistema*, e ela tinha vivido muito tempo sem um. O amor havia falhado com ela; talvez isso não falhasse.

Ela levou uma hora vagando pelas avenidas silenciosas até alcançar o muro dos fundos do cemitério, contra o qual encontrou uma fileira de túmulos de animais: gatos enterrados ao lado de pássaros, cães ao lado de gatos; em paz uns com os outros, todos transformados em pó. Era uma visão estranha. Embora soubesse da existência de outros cemitérios de animais, nunca ouvira falar de bichos de estimação jazendo no mesmo solo sagrado de seus donos.

Mas será que ela devia mesmo se surpreender com alguma coisa ali? O lugar era regido por sua própria lei, construído longe de qualquer um que pudesse se importar ou condenar.

Virando-se para o lado oposto, não conseguia ver qualquer sinal do portão da frente, nem tampouco se lembrava de qual das avenidas levava até lá. Não importava. Sentia-se segura no lugar tão vazio, e havia muita coisa que ela queria ver: sepulcros cuja arquitetura, elevando-a sobre a de seus vizinhos, eram um convite à admiração. Escolhendo uma rota que abrangeria meia dúzia dos mais interessantes, começou um agradável passeio de volta. O sol ficava mais quente a cada minuto, à medida que caminhava na direção do meio-dia. Embora seu passo fosse lento, ela começou a suar, e a garganta a ficar seca. Não levaria pouco tempo para achar um lugar

onde matar a sede. Mas, garganta seca ou não, ela não se apressou. Sabia que jamais voltaria àquele lugar. Pretendia voltar com lembranças bem vívidas.

Ao longo do caminho havia várias tumbas virtualmente assoladas por pequenas árvores plantadas à frente delas. A maioria era de sempre-vivas, lembretes da vida eterna; floresciam na solidão dos muros, alimentavam-se bem no solo rico. Em alguns casos, suas raízes haviam rachado os memoriais em que haviam sido plantadas para oferecer sombra e proteção. Essas cenas de verde e ruína ela achava particularmente pungentes. Estava parada, admirando uma, quando o perfeito silêncio foi quebrado.

Oculto na folhagem, alguém, ou *alguma coisa*, arfava. Ela recuou automaticamente, para fora da sombra da árvore, expondo-se ao sol quente. O choque fez seu coração bater muito forte, a pulsação deixando-a surda ao som que o havia excitado. Teve de esperar alguns momentos escutando com atenção, para ter certeza de que não havia imaginado o som. Não havia erro. Algo estava se escondendo sob os galhos da árvore, tão arriados por seu fardo de folhas que quase tocavam o chão. O som, agora que escutava com mais cuidado, não era humano; tampouco era de coisa sadia. Rascante e áspero, sugeria um animal moribundo.

Ela ficou ali, em pé ao sol, por um minuto ou mais, simplesmente olhando para a massa de sombra e folhagem, tentando captar algum sinal da criatura. Ocasionalmente havia um movimento: um corpo tentando inutilmente se endireitar, um patinar desesperado no chão enquanto a criatura tentava se erguer. Estava indefeso, e isso a comoveu. Se ela não conseguisse fazer o que pudesse pelo animal, ele certamente morreria, sabendo — foi esse o pensamento que a levou a agir — que alguém tinha ouvido sua agonia e nada fizera.

Ela voltou para a sombra. Por um momento o ruído parou completamente. Talvez a criatura tivesse medo dela, e —

interpretando sua aproximação como uma agressão — estivesse preparando algum ato final de defesa. Aprontando-se para recuar antes que os dentes e as garras chegassem, separou os galhos externos e olhou por entre a confusão de ramos. Sua primeira impressão não foi nem de visão nem de som, mas de cheiro: um odor agridoce que não era desagradável. Vinha da criatura pálida que agora Lori distinguia à sombra, olhando para ela com olhos arregalados. Era um animal novo, deduziu, mas de nenhuma espécie que conhecesse. Um gato selvagem de algum tipo, talvez, mas a pele lembrava camurça em vez de pêlo. A criatura observou-a desconfiada, o pescoço mal conseguindo suportar o peso de sua cabeça delicadamente talhada. Enquanto ela mantinha o olhar, o bichinho parecia ir murchando. Seus olhos se fecharam e sua cabeça afundou no chão.

A elasticidade dos galhos desafiava qualquer aproximação.

Em vez de tentar afastá-los, ela começou a quebrá-los para chegar à criatura caída. A madeira era viva, e lutou de volta. No meio da massa, um galho particularmente truculento estalou em seu rosto com tanta força que ela deu um grito de dor. Pôs a mão na face. A pele à direita da boca estava rachada. Limpando o sangue, ela atacou o galho com vigor renovado, finalmente chegando perto do animal. Ele quase não reagiu ao toque dela, os olhos entreabrindo-se por um momento quando ela acariciou seu flanco, e fechando-se em seguida. Não viu sinal de ferida, mas o corpo sob sua mão estava febril e tremia.

Quando lutou para levantar o animal ele começou a urinar, molhando sua blusa e suas mãos, mas ela o pegou mesmo assim, um peso morto em seus braços. Além dos espasmos que corriam pelo sistema nervoso do animal, ele não tinha mais forças nos músculos. Suas patas pendiam frouxas, a cabeça idem. Apenas o cheiro que ela havia identificado em primeiro lugar tinha alguma força, intensificando-se à medida que chegavam os momentos finais da criatura.

Algo parecido com um soluço alcançou os ouvidos de Lori. Ela gelou.

O som se repetiu. A sua esquerda, em algum lugar, mal contido. Ela recuou, saindo da sombra da sempre-viva, trazendo o animal moribundo com ela. Quando a luz do sol caiu sobre a criatura, ela reagiu com uma violência que desmentia completamente a aparente fragilidade, as patas estremecendo furiosas. Lori tornou a entrar na sombra, concluindo, mais por instinto que por análise, que a claridade era a responsável. Só então olhou novamente para a direção de onde viera o soluço.

A porta de um dos mausoléus descendo a avenida — uma estrutura maciça de mármore rachado — estava escancarada, e na faixa de escuridão interna ela podia distinguir uma figura humana. Vagamente, porque ela estava vestida de negro, e parecia usar um véu.

Lori não conseguia entender aquela cena toda. O animal moribundo, torturado pela luz, a mulher que soluçava — certamente era uma mulher — na porta, de luto. Qual a associação?

— Quem é você? — gritou.

A enlutada pareceu recuar de volta às sombras ao ser chamada, logo lamentando o movimento e tornando a se aproximar da porta aberta. Mas só com muito esforço a conexão entre animal e mulher se esclareceu.

Ela *também* tem medo do sol, pensou Lori. Pertenciam um ao outro, animal e enlutada, a mulher soluçando pela criatura que Lori tinha em seus braços.

Ela olhou para o chão entre o lugar onde estava e o mausoléu. Será que poderia chegar até a porta do túmulo sem ter que voltar ao sol,

e com isso apressar a extinção da criatura? Talvez, se tivesse cuidado. Planejando a rota antes de dar um passo, ela começou a andar na direção do mausoléu, usando as sombras como quadrados de amarelinha. Não levantou a cabeça para olhar a porta — sua atenção estava inteiramente centrada em manter o animal longe da luz — mas podia sentir a presença da enlutada, desejando que ela se aproximasse. Uma vez a mulher soltou sua voz; não com uma palavra, mas com um som suave, um som de ninar, dirigido não a Lori, mas o animal que morria.

Com a porta do mausoléu a três ou quatro metros de si, Lori atreveu-se a levantar os olhos. A mulher na porta não tinha mais paciência. Saiu de seu refúgio, os braços desnudando-se quando a roupa que vestia arregaçou-se, expondo sua carne à luz solar.

A pele era branca — como gelo, como papel — mas só por um instante. Quando os dedos se esticaram para aliviar Lori de seu fardo, escureceram e incharam como se tivessem sido instantaneamente feridos. A enlutada soltou um grito de dor, e quase caiu de costas dentro da tumba, recolhendo os braços, mas não antes que a pele se quebrasse e trilhas de pó — amarelado, como pólen — estourassem de seus dedos e caíssem sobre o pátio, iluminados pela luz do sol.

Segundos depois, Lori estava na porta; então entrou para a segurança da escuridão interior. O quarto não era mais que uma antecâmara. Duas portas levavam para fora dela: uma para um tipo de capela, a outra para abaixo do solo. A mulher de luto estava de pé à entrada da segunda porta, que estava aberta, tão longe da luz mortal quanto podia ficar. Em sua pressa, o véu tinha caído. O rosto que havia por baixo dele tinha uma ossatura delicada, e era magro quase a ponto de ser doentio, o que dava força extra a seus olhos, que captaram, mesmo no canto mais escuro do aposento, algum traço de luz pela porta aberta, e pareciam quase brilhar.

Lori não sentia o menor medo. Era a outra mulher quem tremia, apoiando as mãos queimadas de sol contra o corpo, o olhar passando do rosto surpreso de Lori para o animal.

— Receio que esteja morto — disse Lori, sem saber que doença afligia aquela mulher, mas reconhecendo a tristeza dela através de lembranças recentes demais.

— Não — a mulher disse com uma convicção silenciosa. — Ela não pode morrer.

Suas palavras eram uma afirmação, e não uma ameaça, mas a falta de movimentos nos braços de Lori contradiziam tanta certeza. Se a criatura ainda não estava morta, certamente não estava consciente.

— Quer trazê-la para mim? — pediu a mulher.

Lori hesitou. Embora o peso do corpo estivesse fazendo seus braços doerem, e ela quisesse se desincumbir da tarefa, não queria atravessar a câmara.

— Por favor — disse a mulher, estendendo as mãos feridas.

Cedendo, Lori deixou o conforto da porta e do pátio iluminado lá fora. Mas mal deu dois ou três passos e ouviu os sussurros. Só podiam vir de um lugar: as escadas. Havia pessoas naquela cripta. Ela parou de caminhar, superstições infantis surgindo novamente nela. Medo de túmulos; medo de escadas *descendo*; medo do Inferno.

— Não é ninguém — disse a mulher, o rosto cheio de sofrimento. — Por favor, me entregue Babette.

Como se para tranquilizar Lori mais ainda, ela deu um passo à frente, afastando-se das escadas, murmurando ao animal que chamara de Babette. Ou as palavras, ou a proximidade da mulher,

ou talvez a escuridão fria da câmara, conseguiram obter uma reação da criatura: um tremor que descia sua espinha como uma corrente elétrica, tão forte que Lori quase soltou-a. Os murmúrios da mulher ficaram mais altos, como se repreendesse a coisinha moribunda, sua ansiedade para pegá-la subitamente urgente. Mas havia um impasse. Lori não desejava aproximar-se da entrada de cripta mais do que a mulher desejava dar outro passo na direção da porta externa, e nos segundos de impasse o animal encontrou vida nova. Uma de suas garras agarrou o peito de Lori contorcendo-se em seu abraço.

O murmúrio de reprovação tornou-se um grito:

— *Babette!*

Mas se a criatura ouviu, não deu a entender. Seus movimentos tornaram-se mais violentos: uma mistura de espasmo e sensualidade. Num momento estremeceu como se estivesse sendo torturada;
no seguinte, movia-se como uma serpente soltando-se da pele.

— *Não olhe, não olhe!* — ela ouviu a mulher dizer, mas Lori não ia tirar os olhos daquela horrenda dança. Nem podia entregar a criatura aos encargos da mulher enquanto a garra a prendia com tanta força que qualquer tentativa de separá-las tiraria sangue.

Mas aquele "*Não olhe*" tinha um propósito. Agora era a vez de Lori elevar a voz em pânico, quando percebeu que o que estava acontecendo em seus braços desafiava toda razão.

— *Meu Deus!*

O animal mudava diante de seus olhos. Na orgia de pele escamada e espasmos ele estava perdendo sua bestialidade, não reorganizando sua anatomia, mas liquefazendo todo o seu ser — até os ossos — até que o que antes era sólido se tornasse agora

uma massa de matéria. Ali estava a origem do cheiro agridoce que ela sentira debaixo da árvore: o material em que a besta se dissolvia. No momento em que perdeu sua coesão, a matéria estava pronta a fugir-lhe do alcance, mas de algum modo a essência da coisa — sua vontade, talvez; talvez sua alma — recolheu-a de volta para o trabalho de recomposição. A última parte do animal a derreter foi a garra, sua desintegração enviando uma onda pulsante de prazer pelo corpo de Lori. Isso não a desviou do fato de que estava livre. Aterrorizada, ela demorou mais para se livrar do que tinha em mãos do que gostaria, jogando tudo nos braços estendidos da enlutada como se fosse excremento.

— *Jesus* — ela disse, recuando. — *Jesus, Jesus.*

Não havia horror no rosto da mulher, no entanto; só alegria. Lágrimas de boas-vindas rolavam por suas faces pálidas, e caíam dentro do bolo derretido que segurava. Lori olhou para a luz do sol. Depois da penumbra do interior, aquilo a cegava. Ficou desorientada por um instante, e fechou os olhos para se permitir uma fuga do túmulo e da luz.

Foram os soluços que a fizeram abrir os olhos. Não eram da mulher dessa vez, mas de uma criança, uma menina de quatro ou cinco anos, deitada nua onde o muco da transformação havia estado.

— Babette — disse a mulher.

Impossível, respondeu a razão. Aquela criancinha branca não podia ser o animal que ela havia resgatado de sob a árvore. Era um truque de mágica, ou alguma ilusão idiota que ela havia conjurado a si mesma. Impossível; tudo impossível.

— Ela gosta de brincar lá fora — dizia a mulher, olhando da criança para Lori. — E eu digo a ela: nunca, nunca ao sol. Nunca brinque ao sol. Mas ela é uma criança. Não entende.

Impossível, repetiu a razão. Mas em algum lugar de suas entranhas, Lori já tinha desistido de tentar negar. O animal fora real. A transformação fora real. Agora, ali estava uma criança viva, chorando nos braços da mãe. Ela também era real. Cada momento que ela perdia dizendo "Não" ao que *sabia*, era um momento de compreensão que se jogava fora. O fato de que sua visão de mundo não podia conter tamanho mistério sem se estilhaçar era um risco, e problema para outro dia. Por ora, simplesmente queria estar longe dali; queria estar à luz do sol, onde sabia que essas criaturas que mudavam de forma tinham medo de ir. Sem ousar tirar os olhos deles até estar ao sol, esticou a mão para a parede, para guiar seus passos para trás. Mas a mãe de Babette queria segurá-la ali um pouco mais.

— Eu lhe devo algo... — ela disse.

— Não — respondeu Lori. — Não... quero nada... de você.

Ela sentiu a necessidade de expressar seu nojo, mas a cena de reencontro que presenciava — a criança estendendo as mãos para tocar o rosto da mãe, seus soluços diminuindo — era muito doce. O nojo tornou-se espanto, o medo, confusão.

— Deixe-me ajudar você — disse a mulher. — Eu sei porque veio.

— Duvido — disse Lori.

— Não perca seu tempo aqui — respondeu a mulher. — Não há nada para você aqui. Midian é o lar da Raça da Noite. Só da Raça da Noite.

Sua voz havia baixado; mal passava de um sussurro.

— A Raça da Noite? — Lori perguntou, a voz mais alta.

A mulher parecia agoniada.

— Psss — disse. — Eu não deveria estar lhe contando isso. Mas eu lhe devo algo.

Lori havia parado de recuar. Seu instinto lhe dizia que ficasse.

— Conhece um homem chamado Boone? — perguntou.

A mulher abriu a boca para responder, seu rosto uma massa de sentimentos contraditórios. Queria responder, isso era óbvio; mas o medo a impedia de falar. Não importava. Sua hesitação era resposta suficiente. Ela *conhecia* Boone, ou havia conhecido.

— Rachel.

Uma voz elevou-se da porta que levava para dentro da terra. Uma voz de homem.

— Venha — exigiu. — Você não tem nada a contar.

A mulher olhou para as escadas.

— Senhor Lylesburg — ela disse, num tom formal. — Ela salvou Babette.

— Sabemos disso — foi a resposta da escuridão. — Nós vimos. Mas você deve vir.

Nós, pensou Lori. Quantos outros estariam ali embaixo? Quantos mais da *Raça da Noite*?

Confiante pela proximidade da porta aberta, ela desafiou a voz que tentava calar sua informante.

— Eu salvei a criança — ela disse. — Acho que mereço algo por isso.

A escuridão ficou em silêncio; então um ponto de cinza incandescente brilhou no meio das trevas e Lori percebeu que o Senhor Lylesburg estava em pé quase no alto das escadas, onde a luz de fora devia tê-lo iluminado, ainda que mal. Mas de alguma forma as sombras o envolviam, deixando-o invisível a não ser pelo cigarro.

— A criança não tem vida para ser salva — ele disse a Lori.

— Mas o que ela tem é seu, se quiser. — Ele fez uma pausa. — Quer? Se quiser, leve-a. Ela lhe pertence.

A ideia dessa troca a deixou horrorizada.

— O que acha que eu sou? — ela perguntou.

— Não sei — respondeu Lylesburg. — Você é quem estava exigindo uma recompensa.

— Só queria que me respondessem umas perguntas — protestou Lori. — Não quero a criança. Não sou selvagem.

— Não — a voz disse calma. — Não é. Então vá embora. Você não tem o que fazer aqui.

Ele levou o cigarro à boca, e pela sua ínfima luz, Lori viu um lampejo das feições do homem. Ela sentiu que ele fizera isso de propósito, deixando cair o véu de sombras por alguns momentos para encará-la. Ele, como Rachel, parecia abatido. Sua magreza se afigurava ainda mais aguda porque seus ossos eram grandes, e feitos para um rosto sólido. Agora, com os olhos afundados nas órbitas, e os músculos do rosto lisos demais sobre a pele fina como papel, eram as sobrancelhas franzidas que predominavam, cabeludas e doentias.

— Essa nunca foi a intenção — disse ele. — Você não devia ter visto nada.

— Eu sei — respondeu Lori.

— Então você também sabe que falar disso trará sérias consequências.

— Não me ameace.

— Não para você — disse Lylesburg. — Para *nós*.

Ela sentiu uma ponta de vergonha por não ter entendido direito. Não era ela a vulnerável; ela podia andar ao sol.

— Não direi nada — ela disse.

— Obrigado — ele respondeu.

Ele tornou a fumar, e a fumaça escura ocultou seu rosto.

— O que está abaixo... — ele disse por trás do véu — permanece abaixo.

Rachel suspirou baixinho ao ouvir isso, olhando para a criança que ninava gentilmente.

— Venha — Lylesburg disse a ela, e as sombras que o ocultavam desceram as escadas.

— Tenho que ir — disse Rachel, e virou-se para segui-lo.

— Esqueça que esteve aqui. Não há nada que possa fazer. Você ouviu o senhor Lylesburg. O que está abaixo...

— ...permanece abaixo. Eu ouvi.

— Midian é para a Raça. Não há ninguém aqui que precise de você...

— Só me diga isso — exigiu Lori. — Boone está aqui?

Rachel, já estava no alto das escadas, e agora começava a descê-las.

— Ele está, não está? — perguntou Lori, esquecendo a segurança da porta e atravessando a câmara na direção de Rachel. — Vocês roubaram o corpo!

Isso fazia algum sentido, terrível e macabro. Aqueles habitantes de túmulos, aquela Raça da Noite, impedindo que Boone descansasse seu corpo.

— Foram *vocês!* *Vocês o roubaram!*

Rachel parou e olhou para Lori, o rosto pouco visível na escuridão das escadas.

— Não roubamos nada — ela disse sem rancor.

— *Então onde está ele?* — Lori quis saber.

Rachel virou-se, e as sombras a apagaram por completo.

— *Diga-me! Pelo amor de Deus!* — Lori gritou atrás dela.

De repente estava chorando: num turbilhão de raiva, medo e frustração.

— *Diga-me, por favor!*

O desespero a levou a descer as escadas atrás de Rachel, seus gritos transformando-se em apelos.

Espera... fale comigo...

Ela deu três passos, e um quarto. No quinto parou, ou antes, seu corpo parou, os músculos das pernas enrijecendo-se sem seu comando, recusando-se a levá-la por mais um passo na escuridão da cripta. Sua pele ficou arrepiada; a pulsação latejava nos ouvidos. Não havia força de vontade que pudesse suplantar o imperativo do instinto que a proibia de descer; tudo o que podia fazer era ficar enraizada ao local, olhando para as profundezas.

Até suas lágrimas tinham secado totalmente, e a boca não tinha mais saliva, de forma que ela não poderia falar mais do que podia andar. Não que ela quisesse gritar para a escuridão agora, com medo de que as forças pudessem ouvir seu chamado. Embora não pudesse ver nada deles, suas entranhas sabiam que eram de longe mais terríveis que Rachel e sua criança-fera. Mudar de forma era quase um ato natural ao lado das habilidades com as quais aqueles outros tinham de lidar. Ela sentia a perversidade deles como uma qualidade do ar. Ela a respirava. Fazia doer os pulmões e acelerar o coração.

Se estavam se divertindo com o cadáver de Boone, não conseguiria reclamá-lo mais. Teria de se confortar com a esperança de que seu espírito estivesse em algum lugar mais brilhante.

Derrotada, deu um passo para trás. As sombras, entretanto, não pareciam dispostas a abandoná-la. Ela sentiu-as envolverem sua

blusa e penduraram-se em seus cílios, um milhão de pequeninos ganchos pendurados nela, tornando mais lenta a sua retirada.

— Não vou contar a ninguém — murmurou. — Por favor, me soltem.

Mas as sombras continuavam onde estavam, seu poder uma promessa de retribuição se ela as desafiasse.

— Eu prometo — ela disse. — O que mais posso fazer?

E subitamente, eles capitularam. Ela não havia percebido a força deles até que a retiraram. Cambaleou para trás, subindo as escadas para a luz da antecâmara. Virando as costas para a cripta correu para a porta, saindo para o sol.

Era brilhante demais. Ela cobriu os olhos, forçando-se a ficar ereta com as mãos no pórtico de pedra, para que pudesse se acostumar à sua violência. Levou vários minutos, encostada ao mausoléu, estremeando e enrijecendo o corpo. Só quando sentiu-se capaz de ver por entre olhos entreabertos ela tentou andar, voltando para o portão principal através de uma série de becos sem saída e curvas erradas.

Quando chegou lá, já havia mais ou menos se acostumado à brutalidade do céu e da luz. Entretanto, seu corpo ainda não estava totalmente à disposição da cabeça. Suas pernas recusavam-se a levá-la mais do que alguns passos subindo o morro até Midian sem ameaçar jogá-la ao chão. Seu sistema, com overdose de adrenalina, vacilava. Mas pelo menos estava viva. Por um momento ali nas escadas, estivera por um fio. As sombras que a haviam segurado podiam tê-la levado, disso não tinha dúvida. Podiam tê-la levado para o Inferno e acabado com ela. Por que tinha sido solta? Talvez porque salvara a criança; talvez porque jurara silêncio e confiaram nela. Mas não parecia que qualquer desses fossem os motivos dos monstros; e ela tinha de acreditar que o que vivia sob o cemitério de Midian merecia aquele nome. Quem senão monstros

faria sua morada entre os mortos? Podiam chamar a si mesmos de Raça da Noite, mas nem palavras nem gestos de boa fé conseguiriam disfarçar sua verdadeira natureza.

Ela havia escapado de demônios — coisas malignas e apodrecidas — e teria dito uma prece agradecendo por sua libertação se o céu não estivesse tão grande e brilhante, e tão claramente vazio de divindades que a ouvissem.

Parte Três

IDADE DAS TREVAS

*"...fora da cidade, com duas peles.
De couro e de carne. Três, se contar
a da frente.*

*Todas prontas para serem tocadas
esta noite, sim senhor. Todas prontas*

*para serem esfregadas, acariciadas e
amadas esta noite, sim senhor."*

Charles Kyd, Hanging by a thread



XI

Terreno Perigoso

Dirigindo de volta a Shere Neck, o rádio num volume ensurdecido tanto para confirmar sua existência quanto para impedi-la de se dissipar, ela ficava mais certa a cada quilômetro de que, independentemente de promessas, não seria capaz de esconder de Sheryl a experiência. Como não poderia ser óbvio, em seu rosto, em sua voz? Esses temores acabaram se provando infundados. Ou era melhor em esconder coisas do que pensara, ou Sheryl era mais insensível. De qualquer forma, a amiga só perguntou as questões mais comuns sobre a segunda visita de Lori a Midian, antes de passar a falar de Curtis.

— Quero que você conheça ele — ela disse — só para ter certeza de que não estou sonhando.

— Vou voltar para casa, Sheryl — disse Lori.

— Mas esta noite não, claro. Está muito tarde.

Ela tinha razão; o dia já estava muito avançado para Lori encarar uma viagem de volta para casa. E também não podia inventar um motivo para negar o pedido de Lori sem ofendê-la.

— Você não vai se sentir segurando vela, prometo — disse Sheryl.
— Ele disse que queria te conhecer. Conteí tudo a seu respeito. Bom... tudo não. Mas o bastante, sabe, sobre como a gente se conheceu. — Ela fez uma carinha de cão sem dono. — Diz que você vem — pediu.

— Eu vou.

— Fantástico! Vou ligar pra ele agora.

Enquanto Sheryl foi fazer sua ligação, Lori tomou um banho. Em dois minutos já tinha notícias de como seria a noite.

— Ele vem nos encontrar no restaurante que conhece, por volta das oito — gritou Sheryl. — Até vai encontrar um amigo para você...

— Não, Sheryl...

— Acho que ele estava só brincando — foi a resposta. Sheryl apareceu na porta do banheiro. — Ele tem um senso de humor engraçado — ela disse. — Sabe quando você não tem certeza se a outra pessoa está brincando ou não? Ele é assim.

Ótimo, pensou Lori, um comediante frustrado. Mas havia algo inegavelmente reconfortante em voltar a Sheryl e essa paixão adolescente. A conversa interminável a respeito de Curtis — que não dava a Lori mais que um esboço amador do homem: todo superfície e nenhuma profundidade — era a distração perfeita dos pensamentos de Midian e suas revelações. O começo da noite foi tão repleto de bom humor, e dos rituais de preparação para uma noite na cidade, que Lori se pegou imaginando se tudo o que havia acontecido na necrópole não havia sido uma alucinação. Mas ela tinha provas que confirmavam a lembrança: o corte do lado da boca, feito por aquele galho que batera nela.

Era um sinal bastante pequeno, mas a dor aguda evitava que ela duvidasse da própria sanidade. Ela *havia estado* em Midian. Havia segurado nos braços a criatura que mudava de forma, e ficara nas escadas da cripta olhando um miasma tão profundo que poderia ter apodrecido a fé de um santo.

Embora o mundo impuro abaixo do cemitério estivesse tão distante de Sheryl e seus intempestivos romances quanto a noite do dia, não deixava de ser real por isso. No devido tempo teria que entrar em contato com essa realidade; achar um lugar para ela, embora desafiasse todo senso, toda lógica. Por ora, teria isso em mente, com o corte como seu guardião, e desfrutaria dos prazeres da noite que chegava.

2

— E uma brincadeira — disse Sheryl, na porta do Hudson Bay Sunset. — Eu não lhe disse que ele tinha um senso de humor esquisito?

O restaurante onde Curtis marcara havia sido completamente destruído pelo fogo, várias semanas antes, a julgar pelo estado das vigas de madeira.

— Tem certeza de que pegou o endereço certo? — perguntou Lori. Sheryl deu uma gargalhada.

— Estou lhe dizendo, é outra das brincadeiras dele.

— Então já rimos — disse Lori. — Quando é que vamos comer?

— Ele provavelmente está nos observando — disse Sheryl, o bom humor levemente forçado.

Lori correu os olhos à procura de algum sinal do voyeur. Embora não houvesse nada a temer nas ruas de uma cidade daquelas, mesmo numa noite de sábado, a vizinhança estava longe de ser acolhedora. Cada uma das lojas do quarteirão estava fechada — várias delas permanentemente — e as calçadas desertas por completo, em ambas as direções. Não era um lugar em que elas quisessem ficar a toa.

— Não estou vendo ele — Sheryl disse.

— Nem eu.

— O que vamos fazer então? — perguntou Lori, fazendo o melhor possível para afastar qualquer traço de irritação da voz.

Se aquela era a ideia de diversão do belo Curtis, tinha de duvidar do gosto da amiga; mas quem ia julgar, ela, que havia amado e perdido um psicopata?

— Ele tem que estar aqui em algum lugar — Sheryl respondeu esperançosa. — Curtis? — gritou, empurrando a porta calcinada.

— Por que não esperamos por ele aqui fora, Sheryl?

— Ele provavelmente está aqui dentro.

— O lugar pode ser perigoso.

Seu apelo foi ignorado.

— *Sheryl.*

— Eu ouvi. Está tudo bem. — Ela já estava imersa na escuridão do interior. O cheiro de madeira e tecidos queimados veio ferir as narinas de Lori.

— Curtis? — ela ouviu Sheryl chamar.

Um carro passou, o motor rateando. O passageiro, um jovem prematuramente calvo, abriu a janela.

— Precisa de ajuda?

— Não, obrigada — Lori gritou de volta, sem ter certeza se a pergunta era cortesia de cidadezinha ou uma paquera. Provavelmente a última opção, ela decidiu, quando o carro acelerou e desapareceu; as pessoas eram as mesmas em toda parte. Seu temperamento, que havia melhorado a passos largos desde que voltara à companhia de Sheryl, estava rapidamente azedando. Não gostava de ficar naquela rua vazia, com o pouco que restava do dia caminhando para a extinção. A noite, que sempre fora um lugar de promessas, pertencia por demais à Raça, que havia lhe tomado o nome para si. E por que não? Todas as trevas eram uma treva só, no fim das contas. Do coração ou dos céus; uma só treva. Mesmo agora, em Midian, estariam abrindo as portas dos mausoléus, sabendo que a luz das estrelas não os destruiria. Ela estremeceu com o pensamento.

Descendo uma das ruas ela ouviu o motor do carro reduzir, depois aumentar, e então um barulho de freios. Será que os Bons Samaritanos não estariam voltando para uma segunda olhada?

— Sheryl? — ela gritou. — Cadê você?

A brincadeira, se tivesse sido brincadeira mesmo e não um erro de Sheryl, já tinha perdido há muito tempo qualquer espécie questionável de humor que pudesse ter. Ela queria voltar para o carro e *dirigir*, de volta ao hotel se necessário.

— Sheryl? Você está aí?

Ouviu risos no interior do prédio; a gargalhada gutural de Sheryl. Suspeitando agora da cumplicidade da outra naquele fiasco, Lori entrou à procura dos brincalhões.

A risada veio novamente, e então parou quando Sheryl disse:

— *Curtis* — num tom de indignação fingida que acabou virando mais gargalhadas sem graça. Então o grande amante estava mesmo ali. Lori chegou a pensar em voltar para a rua, entrar no carro e deixá-los com suas brincadeiras babacas. Mas o pensamento de voltar sozinha para o quarto de hotel, ouvindo as festinhas dos vizinhos, motivou-a a tomar uma rota de ataque à mobília queimada.

Não fosse o brilho dos ladrilhos do piso, refletindo a luz da rua na gaiola de vigas do teto, e ela poderia não ter se arriscado a avançar mais. Mas adiante ela podia mal e mal ver a passagem em arco através da qual a gargalhada de Sheryl flutuara. Foi até lá. Todo som havia cessado. Eles estavam olhando cada passo vacilante que ela dava. Ela sentia sua análise.

— Qual é, gente — disse. — Acabou a brincadeira. Estou com fome.

Não houve resposta. Atrás dela, na rua, ouviu os samaritanos gritarem. Recuar não era aconselhável. Ela avançou, passando sob o arco.

Seu primeiro pensamento foi: ele dissera uma meia verdade, aquilo *era* um restaurante. A exploração a levara até uma cozinha, onde provavelmente o fogo havia começado. Ali também havia ladrilhos brancos, a superfície manchada de fumaça mas ainda brilhante o suficiente para emprestar a todo o interior, que era grande, uma estranha luminescência. Ficou parada na porta, e correu os olhos pelo aposento. O forno maior estava no centro, com prateleiras de utensílios brilhantes ainda pendendo delas, tapando sua visão. Os piadistas tinham de estar se escondendo do outro lado; era o único refúgio que o aposento oferecia.

Apesar de sua ansiedade, ela sentiu ali um eco de antigos jogos de esconde-esconde. O primeiro jogo, por ser o mais simples. Como ela adorava ser assustada pelo pai; perseguida e apanhada. Se apenas fosse ele quem estivesse se escondendo agora, ela se pegou imaginando, esperando que ele a abraçasse. Mas o câncer já o havia apanhado há muito tempo, pela garganta.

— Sheryl? — perguntou. — Desisto. Onde está você?

No momento em que falou essas palavras, seu avanço a fez ver um dos jogadores, e o jogo acabou ali. Sheryl não estava se escondendo, a menos que a morte fosse um esconderijo. Estava encolhida num canto, a escuridão ao seu redor molhada demais para ser uma sombra, a cabeça jogada para trás, o rosto rasgado.

— *Meu Deus.*

Atrás de Lori, um som. Alguém que vinha para encontrá-la. Tarde demais para se esconder. Ela seria apanhada. E não por braços amados; não por seu pai, fazendo o papel de monstro. Aquele ali era o próprio monstro.

Ela se virou para ver o rosto dele antes que a pegasse, mas o que corria em direção a ela era uma boneca de caixa de costura: um zíper no lugar da boca, botões no lugar dos olhos, tudo costurado com linha branca e preso ao redor do rosto do monstro tão apertado que sua saliva escureceu um pedaço ao redor da boca. Ela não podia ver o rosto, mas os dentes sim. Ele os segurava sobre a cabeça, facas brilhantes, as lâminas finas como folhas, que desciam para furar-lhe os olhos. Ela se jogou para fora de seu alcance, mas ele num instante já estava atrás dela, a boca por detrás do zíper chamando-a pelo nome.

— Melhor acabar logo com isso, Lori.

As lâminas mergulharam na direção dela mais uma vez, mas ela foi mais rápida. A Máscara não parecia ter muita pressa; alcançou-a com um passo firme, uma confiança quase obscena.

— Sheryl pensou certo — ele disse. — Ela simplesmente ficou ali e deixou acontecer.

— Vá se foder.

— Talvez depois.

Ele passou uma das lâminas ao longo da fileira de painéis penduradas, obtendo guinchos e faíscas.

— Depois, quando você estiver um pouquinho fria.

Ele gargalhou, o zíper se abrindo.

— Há alguma coisa a se procurar.

Ela o deixou falar, enquanto tentava obter algum senso de quais rotas de fuga estavam abertas para si. As notícias não eram boas. A porta de incêndio estava bloqueada por vigas de madeira queimadas; sua única saída era o arco pelo qual havia entrado, e a Máscara estava entre ele e ela, afiando os dentes uns nos outros.

E partiu para ela novamente. Dessa vez não disse nenhuma gracinha; a hora de falar havia acabado. A medida que se aproximava, ela pensou em Midian. Será que tinha sobrevivido àqueles terrores para ser feita em pedaços por algum psicopata solitário?

Foda-se ele!

Quando as facas deslizaram para ela, agarrou uma panela que estava no armário e levantou-a para dar no rosto dele. Atingiu-o em

cheio. Sua força a deixou espantada. A Máscara rodopiou, deixando cair uma das lâminas. Mas atrás do zíper não houve um ruído. Ele simplesmente transferiu a lâmina remanescente da mão direita para a esquerda, balançou a cabeça como se para impedi-la de zunir e atacou de novo, com rapidez. Lori mal teve tempo de levantar a panela para se defender. A lâmina desceu e encontrou sua mão. Por um momento não houve dor, nem mesmo sangue. Então ambos vieram em profusão, a panela caindo sobre seus pés. Agora ele fazia um som, um som paternal, a inclinação da cabeça sugerindo que olhava para o sangue, que corria da ferida da qual era o pai.

Ela olhou na direção da porta, calculando o tempo que levaria para chegar lá, contra a velocidade de perseguição dele. Mas antes que pudesse agir, a Máscara começou sua última investida. A faca não estava erguida. Nem a voz era dele, quando falou.

— Lori — ele disse. — Precisamos conversar, nós dois.

— Fique longe de mim, porra.

Para o espanto dela, ele obedeceu sua instrução. Ela pegou o pouco tempo que isso oferecia para apanhar a outra lâmina no chão. Era menos competente com a mão que não estava ferida, mas ele era um alvo grande. Podia fazer nele algum estrago, de preferência no coração.

— Foi com essa que eu matei Sheryl — ele disse. — Eu a poria no chão se fosse você.

O aço grudava em sua mão.

— Sim, foi essa que cortou a coitadinha da Sheryl, de orelha a orelha. — ele continuou. — E agora suas impressões digitais estão todas nela. Devia usar luvas, como eu.

O pensamento do que a lâmina havia feito a assustou, mas não ia largá-la e ficar desarmada.

— Claro, você sempre poderia culpar o Boone — dizia a Máscara.

— Diga a polícia que foi ele.

— Como sabe de Boone? — ela perguntou. Sheryl não havia jurado que não diria nada a seu namorado?

— Sabe onde ele está? — perguntou a Máscara.

— Está morto — ela retrucou.

A cara de caixa de costura negou isso sacudindo a cabeça.

— Não, receio que não. Ele se levantou e saiu andando. Deus sabe como. Mas ele se levantou e andou. Pode imaginar isso? O homem estava cheio de balas. Você viu o sangue que ele derramou...

Ele estava nos vigiando o tempo todo, ela pensou. Ele nos seguiu até Midian naquele primeiro dia. Mas por quê? Isso era o que ela não conseguia entender. Por quê?

—...todo aquele sangue, todas aquelas balas, e mesmo assim rir não caía morto.

— Alguém roubou o corpo — ela disse.

— Não — foi a resposta. — Não foi assim.

— Quem diabos é você?

— Boa pergunta. Não há motivo pelo qual você não devesse ter uma resposta.

Sua mão subiu até o rosto e puxou a máscara. Por baixo dela, Driker suave e sorria.

— Queria ter trazido minha câmera — ele disse. — Para filmar a sua cara.

Ela não conseguia apagar isso, embora detestasse estar divertindo-o. O choque a fez ficar de boca aberta como um peixe, Decker era Curtis, o Príncipe Encantado de Sheryl.

— Por quê? — ela quis saber.

— Por que o quê?

— Por que matou Sheryl?

— Pelo mesmo motivo por que matei todos os outros — ele disse tranquilo, como se a pergunta não o tivesse envergonhado muito. E então, mortalmente sério: — Pela diversão, é claro. Pelo prazer. Costumávamos falar um bocado sobre o porquê, Boone e eu. Sabe, a gente cavava fundo; tentando compreender. Mas, no fim das contas, eu faço porque gosto.

Boone era inocente.

— É inocente, onde quer que esteja se escondendo. O que é um problema, porque ele conhece os fatos reais, e um desses dias ele pode encontrar alguém que se convença da verdade.

— Então você quer detê-lo?

— O que você faria no meu lugar? Todo o trabalho que tive para que ele pudesse morrer como culpado... Cheguei eu mesmo a meter uma bala nele, e ele ainda levanta e vai embora.

— Me disseram que ele estava morto. Eles tinham certeza.

— A morgue foi destrancada por dentro. Disseram isso a você? As digitais dele estavam na maçaneta; suas pegadas no chão: lhe disseram isso? Não, claro que não. Mas eu estou dizendo. Eu sei. Boone está vivo. E sua morte vai tirá-lo do esconderijo, aposto. Ele vai ter que se mostrar.

Lentamente, enquanto falava, erguia a faca.

— Mesmo que só pra chorar.

Subitamente, estava em cima dela. Ela colocou a lâmina que havia matado Sheryl entre seu corpo e ele. Isso reduziu a velocidade de ataque, mas ele não parou de se aproximar.

— Será que você pode fazer isso mesmo? — ele perguntou. — Acho que não. E falo por experiência. As pessoas são frescas até quando suas vidas estão em jogo. E essa faca, claro, já foi enfiada na coitadinha da Sheryl. Você vai ter que fazer um estrago de verdade para me impressionar.

Ele falava de forma quase brincalhona, ainda avançando.

— Mas gostaria de ver você tentar — ele disse. — Gostaria mesmo. Queria ver você tentar.

No canto do olho, ela se deu conta de que estava a pequena distância de um braço, de uma pilha de pratos. Perguntou-se se eles poderiam oferecer-lhe tempo bastante para chegar até a porta. Num combate à faca com o maníaco ela perderia, sem dúvida. Mas ainda poderia vencê-lo pela esperteza.

— Vamos. Tente. Mate-me se puder. Por Boone. Pelo coitadinho, pelo maluco do Boone.

Quando as palavras se tornaram gargalhadas ela jogou sua mão ferida contra os pratos, trouxe-os com a mão em gancho e atirou-os no chão à frente de Decker. Uma segunda pilha acompanhou a primeira, e uma terceira, lascas de porcelana voando em todas as direções. Ele deu um passo para trás, as mãos subindo para o rosto para se proteger, e ela aproveitou a chance enquanto podia, disparando para a entrada em arco. Passou por ela e pelo restaurante propriamente dito antes de ouvir a perseguição dele. Nesse momento sua dianteira era suficientemente grande para alcançar a porta externa e se jogar por ela, na ma. Uma vez na calçada, ela imediatamente se virou e encarou a porta pela qual ele sutgiria. Mas Decker não tinha intenção de segui-la até a luz.

— Piranha esperta — ele disse da escuridão. — Vou pegar você. Quando eu pegar Boone, vou voltar para você; pode começar a contar as batidas do seu coração.

Olhos ainda fixos na porta, ela recuou pela calçada até o carro. Só agora ela percebia que ainda segurava a arma do crime, com tanta força que se sentia quase grudada nela. Não tinha escolha senão levá-la consigo, e entregá-la, a sua prova, à polícia. De volta ao carro, abriu a porta e entrou, só desviando o olhar do prédio queimado após travar as portas. Então jogou a faca no chão, em frente ao assento do carona, ligou o motor e partiu.

3

As escolhas à frente dela reduziam-se a isso: a polícia ou Midian. Uma noite de interrogatório ou um retorno à necrópole. Se escolhesse a primeira opção, não seria capaz de avisar Boone da perseguição de Decker. Mas supondo que Decker estivesse mentindo, e Boone não houvesse sobrevivido às balas? Ela não

apenas estaria fugindo da cena de um assassinato como também se colocando ao alcance da Raça da Noite, e inutilmente.

No dia anterior ela teria escolhido ir até a lei. Teria confiado em que seus procedimentos esclareceriam todos esses mistérios; que eles acreditariam em sua história e trariam Decker à justiça. Mas então ela achava que monstros eram monstros, e crianças, crianças; pensava que somente os mortos viviam sob a terra, e que lá eles tinham paz. Achava que os médicos curavam; e que quando a máscara do louco fosse retirada ela diria: 'Mas é claro, é o rosto de um louco.'

Tudo errado, tudo tão errado. As suposições do dia anterior, o vento levara. Uma coisa podia ser verdade:

Boone podia estar vivo.

Ela voltou a Midian.

XII

Acima e Abaixo

As visões vieram encontrar-se com ela no meio da estrada, trazidas pelos efeitos retardados do choque, e pela perda de sangue de sua mão enfaixada porém ferida. Começaram como neve batendo contra o pára-brisa, flocos brilhantes que desafiavam o vidro e voavam passando por ela em assovios. A medida que seu estado onírico piorou, ela parecia ver rostos voando em sua direção, e fiapos de vida parecidos com fetos, que sussurravam em sua passagem desajeitada. O espetáculo não a perturbou, pelo contrário; parecia confirmar um cenário que sua mente alucinada havia criado: que ela, assim como Boone, estava vivendo uma vida encantada. Nada podia ferí-la, não aquela noite. Embora sua mão cortada estivesse agora tão dormente que não conseguia mais agarrar o volante, fazendo-a navegar por uma estrada sem iluminação só com uma das mãos e em alta velocidade, o destino não a teria deixado sobreviver ao ataque de Decker apenas para matá-la na rodovia.

Havia uma reunião no ar. Por isso as visões vinham, correndo para os faróis e deslizando sobre o carro para explodir sobre ela em duchas de luzes brancas. Elas estavam lhe dando boas-vindas..

A Midian.

2

Por uma vez ela olhou no espelho e achou ter visto um carro atrás do seu, com os faróis desligados. Mas quando tornou a levantar a cabeça, já tinha ido embora. Talvez nunca tivesse estado ali. À sua frente estava a cidade, com as casas ofuscadas pelos faróis. Ela desceu a rua principal, fazendo todo o caminho até os portões do cemitério.

A intoxicação mista da perda de sangue e da exaustão havia apagado todo o medo que sentia daquele lugar. Se podia sobreviver à maldade dos vivos, podia sem dúvida sobreviver aos mortos, ou a seus companheiros. E Boone estava ali; aquela esperança havia se transformado em certeza à medida que ela se aproximava do cemitério. Boone estava ali, e finalmente ela seria capaz de acolhê-lo nos braços.

Ela saiu aos trancos e barrancos do carro, e quase caiu de cara no chão.

— Levante... — disse a si mesma.

As luzes ainda vinham até ela, embora não se movessem mais, mas agora todos os traços de detalhes nelas haviam desaparecido.

Ficara apenas o brilho, sua ferocidade ameaçando varrer o mundo inteiro. Sabendo que o colapso total era iminente, correu para os portões, chamando o nome de Boone. Teve uma resposta imediata, embora não a que buscava.

— Ele está aqui? — alguém perguntou. — Boone está *aqui*?

Agarrada ao portão, ela virou a cabeça pesada como chumbo, e por entre a onda de luz viu Decker, de pé a poucos metros. Atrás dele, seu carro, sem faróis. Mesmo no estado entorpecido em que estava, compreendeu como fora manipulada. Decker lhe permitira que fugisse, sabendo que ela iria atrás de seu inimigo.

— Estúpida! — disse a si mesma.

— E, de fato. Mas o que você poderia fazer? Sem dúvida pensou que poderia salvá-lo?

Ela não tinha nem força nem sagacidade para resistir ao homem.

Abandonando o apoio dos portões, entrou cambaleando no cemitério.

— *Boone!* gritou. — *Boone!*

Decker não foi atrás dela rápido; não tinha necessidade. Ela era um animal ferido em busca de outro animal ferido. Olhando de relance para trás, ela o viu checando o revólver à luz de seus faróis. Então ele empurrou o portão, escancarou-o, e foi atrás dela.

Ela mal podia enxergar as avenidas à sua frente, por causa das luzes que espocavam-lhe na cabeça. Era como uma cega, soluçando à medida que avançava trôpega; não estava mais sequer certa de se Decker estava atrás ou na frente dela. A qualquer momento ele a mataria. Uma bala, e sua vida encantada terminaria.

No terreno abaixo, a Raça ouviu a chegada dela, com os sentidos antenados ao pânico e ao desespero. Também conheciam o passo do caçador; já o tinham ouvido atrás deles com muita frequência. Agora esperavam, sentindo pena da mulher em seus últimos momentos, mas muito zelosos de seu refúgio para pô-lo em risco. Havia poucos esconderijos onde os monstruosos podiam encontrar paz. Não iriam arriscar seu eremitério por uma vida humana.

Mesmo assim, lhes doía ouvir os apelos e os chamados dela. E para um deles o som era quase insuportável.

— *Deixem-me ir até ela.*

— *Não pode. Sabe que não pode.*

— *Posso matá-lo. Quem vai saber que ele esteve aqui?*

— *Ele não estará sozinho. Haverá outros esperando do lado de fora. Lembre-se de como eles vieram até você.*

— *Não posso deixá-la morrer.*

— Boone! Pelo amor de Deus...

Era pior do que qualquer coisa que já havia sofrido, ouvi-la chamar por ele e saber que a lei de Midian não o deixaria responder.

— *Ouçã ela, pelo amor de deus!* — ele disse. — *Ouçã.*

— *Você fez promessas quando o aceitamos* — *Lylesburg o lembrou.*

— *Eu sei. Entendo.*

— *Será mesmo? Não foram promessas exigidas à toa, Boone. Quebre-as e não pertencerá a parte alguma. Não a nós. Não a eles.*

— *Você está me pedindo para ouvi-la morrer.*

— *Então tape os ouvidos. Acabará logo.*

4

Ela não tinha mais ar nos pulmões para chamar por Boone. Não importava. Ele não estava ali. Ou, se estava, era morto na terra, e apodrecendo. Além de qualquer ajuda, fosse dando ou recebendo.

Ela estava só, e o homem com a arma se aproximava.

Decker tirou a máscara do bolso; a máscara de botões por trás da qual se sentia tão seguro. Ah, quantas vezes, naqueles cansativos dias com Boone, ensinando-lhe as datas e os locais dos assassinatos que estava herdando, seu orgulho quase transbordara e ele sentira vontade de reclamar os crimes de volta para si. Porém precisava mais do bode expiatório do que do êxtase rápido da confissão, para manter a suspeita afastada. Uma admissão da parte de Boone não teria sido o fim de tudo, claro. No seu devido tempo, a Máscara tornaria a falar com seu dono, exigindo sangue, e as mortes teriam de recomeçar. Mas não antes que Decker tivesse encontrado outro nome para si, e outra cidade onde montar seu escritório. Boone havia estragado esses planos bem calculados, mas não teria chance de dizer o que sabia. O velho Cara-de-Botão iria cuidar disso.

Decker pôs a máscara. Tinha o cheiro de sua excitação. Foi só sentir esse perfume para ter uma ereção. Não por tesão de sexo, mas tesão de morte, tesão de matar. A ereção farejava o ar para ele, mesmo através da espessura das calças e da cueca. Cheirava

as vítimas que corriam à sua frente. A Máscara não ligava se sua presa era mulher; sentia o tesão de matar por qualquer um. Em seu tempo, tivera desejo por velhos, que se urinavam nas calças ao desabarem na sua frente; por garotas, às vezes; às vezes mulheres; até crianças. O velho Cara-de-Botão olhava com os mesmos olhos em cruz para toda a humanidade.

Aquela vítima, aquela mulher na escuridão mais à frente, não significava para a Máscara mais do que qualquer das outras. Quando começavam a entrar em pânico e sangrar, eram todos iguais. Seguiu-a com passos firmes; era uma das marcas registradas do Cara-de-Botão, o passo do carrasco. E ela fugia à frente dele, seus pedidos deteriorando-se em fungos e engasgos. Embora não tivesse fôlego para chamar por seu herói, sem dúvida ela ainda rezava para que ele viesse buscá-la. Coitadinha da putinha. Não sabia que eles jamais apareciam? Ele os ouvira serem chamados todos, gritados, implorados, os Pais e Mães do Céu, os santos, os intercessores; nenhum deles jamais aparecera.

Mas sua agonia em breve estaria terminada. Um tiro na nuca para abatê-la, e então ele sacaria do facão pesado, e o levaria ao rosto dela, da mesma forma que fizera com todos. Cortaria em cruz, como as linhas em seus olhos, até que não restasse mais nada a se olhar senão carne viva.

Ah! Ela estava caindo. Cansada demais para continuar correndo.

Ele abriu a boca de ferro do velho Cara-de-Botão, e falou para a garota caída:

— Quietinha — disse. — E mais rápido assim.

Ela tentou se levantar uma última vez, mas suas pernas haviam perdido as forças por completo, e a cortina de luz branca a engolia praticamente toda. Tonta, virou a cabeça na direção da voz de

Decker, e numa brecha entre as ondas brancas, viu que ele tinha colocado a máscara de novo. Sua face era a da morte.

Ele ergueu a arma...

No chão debaixo dela, ela sentiu tremores. Seria o som de um tiro, talvez? Não podia mais ver a arma, e nem Decker. Uma última onda o havia varrido da vista dela. Mas seu corpo sentia a terra tremer, e por entre o zumbido agudo em sua cabeça ela ouviu alguém chamar o nome do homem que esperava encontrar ali.

Boone!

Ela não ouviu uma resposta — talvez não houvesse uma — mas o chamado se repetiu, como se o estivesse chamando de volta à terra.

Antes que conseguisse reunir o restante de suas energias para dizer algo, seu braço bom cedeu e ela caiu de cara no chão.

O Cara-de-Botão andava na direção da presa, desapontado porque a mulher não estaria consciente para ouvir sua bênção final. Ele gostava de oferecer algumas palavras de iluminação no penúltimo momento; palavras que nunca planejava, mas que vinham como poesia da boca de zíper. Uma vez haviam rido de seu sermão, e isso o fizera ficar cruel. Mas se chorassem, e frequentemente choravam, então ele aceitava isso de bom grado, e certificava-se de que o último momento, o último *mesmo*, fosse rápido e indolor.

Ele chutou a mulher nas costas, para ver se podia acordá-la. E sim, seus olhos abriram-se de leve.

— Ótimo — ele disse, apontando a arma para o rosto de Lori. Quando já sentia a sabedoria apontando nos lábios foi que ouviu o grunhido. Isso desviou por um instante seu olhar da mulher. Um

vento sem som havia surgido de algum lugar, e balançava as árvores. O chão sob seus pés reclamava.

A Máscara estava intocada. Andar pelas tumbas de um cemitério não arrepiara um só fio de sua cabeça. Ele era a Nova Morte, o rosto de amanhã já presente hoje: que mal a poeira do vento poderia lhe causar?

Gargalhou pelo melodrama da situação. Jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Aos seus pés, a mulher começou a gemer. Era hora de calar-lhe a boca. Mirou na sua boca aberta.

Ao reconhecer a palavra que ela formava, a escuridão à sua frente se dividiu, e essa palavra saiu do esconderijo.

— Boone — ela dissera.

E era ele.

Ele emergiu da sombra das árvores que balançavam, vestido como a Máscara se lembrava, com uma camiseta suja e jeans. Mas havia um brilho em seus olhos que a Máscara não lembrava; e ele andava — apesar das balas que havia recebido — como um homem que nunca conhecera uma dor em sua vida.

Muito misterioso. Mas havia mais. Enquanto caminhava e se aproximava, ele começou a *mudar*, respirando um véu de fumaça que tomava sua carne fantasia.

Aquele era o bode expiatório; mas não. *Não podia.*

A Máscara olhou para a mulher para confirmar que partilhavam a mesma visão, mas ela havia desmaiado. Ele teria de confiar no que seus olhos costurados lhe diziam, e eles lhe diziam coisas terríveis.

Os tendões dos braços e pescoço de Boone ondulavam com luz e escuridão; seus dedos estavam ficando maiores; seu rosto, por trás da fumaça que exalava, parecia deslizar como filamentos brilhantes que descreviam uma forma oculta dentro de sua cabeça, à qual os músculos e ossos se conformavam.

E, da confusão, uma voz. Não a voz de que a Máscara se lembrava.

Não era voz de bode expiatório, cheia de culpa. Era um grito de fúria.

— *Você é um homem morto, Decker!* — gritou o monstro.

A Máscara odiava aquele nome; aquele Decker. O homem era tão somente algum velho que ele havia fodido uma vez. Num momento daqueles, com o tesão de matar tão forte, o velho Cara-de-Botão mal podia se lembrar se o Dr. Decker estava vivo ou morto. Mesmo assim, o monstro o chamava por esse nome.

— *Você me ouviu, Decker?* — ele perguntou.

Coisa filha-da-puta, pensou a Máscara. Coisa bastarda maldita e meio-abortada. Apontou a arma para o coração dela. Aquilo havia terminado de respirar transformações, e estava inteiro perante seu inimigo, se é que uma coisa nascida no cepo de um açougueiro pode ser chamada de inteira. Filha de uma loba com um palhaço, era inteiramente ridícula. Não haveria bênção para ela, decidiu a Máscara. Só uma cuspidinha em seu rosto hídrico quando estivesse morta no chão.

Sem mais pensamentos, disparou. A bala abriu um buraco no centro da camiseta de Boone e na carne alterada que havia por baixo, mas a criatura apenas sorriu.

— *Você já tentou isso, Decker* — disse Boone. — Não aprendeu?

— *Eu não sou Decker!* — replicou a Máscara, e tornou a atirar. Outro buraco se abriu ao lado do primeiro, mas não saía sangue de nenhum dos dois.

Boone havia começado a avançar na direção da arma. Não eram últimos e vacilantes passos, mas uma aproximação firme que a Máscara reconheceu como seu próprio passo de exterminador. Podia sentir o fedor da criatura, mesmo sob o linho que cobria seu rosto. Era agri-doce, e o deixou enjoado.

— Fique quieto — disse o monstro. — E mais rápido assim.

O passo roubado fora insulto suficiente, mas ouvir a pureza de suas próprias palavras conspurcada por aquela garganta bastarda distraiu a Máscara. Ela gritou contra o tecido, e apontou a arma para o boca de Boone. Mas antes que pudesse estourar a língua ofensiva, as mãos inchadas de Boone tomaram a arma.

Nesse instante a Máscara puxou o gatilho, disparando contra a mão de Boone. A bala arrancou seu dedo mínimo. A expressão em seu rosto ficou sombria com o desagrado. Arrancou a arma das mãos da Máscara e jogou-a longe. Então estendeu as mãos para seu mutilador e puxou-o para perto.

Encarando a extinção iminente, a Máscara e aquele que a usava se dividiram. O velho Cara-de-Botão não acreditava que pudesse morrer. Decker sim. Seus dentes rangiam contra a gaiola que cortava sua boca quando começou a implorar.

— Boone... Você não sabe o que está fazendo.

Sentiu a máscara apertada sobre a cabeça em fúria pela covardia, mas continuou a falar, tentando encontrar o tom de voz que, pelas suas recordações, acalmaria aquele homem em outros tempos.

— Você está doente, Boone.

Não implore, ele ouviu a Máscara dizer: *não se atreva* a implorar.

— E você pode me curar, não pode? — perguntou o monstro.

— Posso sim — respondeu Decker. — Claro que sim. Só me dê um pouquinho de tempo.

A mão ferida de Boone acariciava a máscara.

— Porque se esconde por trás desta coisa? — ele perguntou.

— *Ela* é que faz eu me esconder. Não quero, mas ela me obriga.

A fúria da Máscara não conhecia limites. Gritava na cabeça de Decker, ouvindo-o trair seu mestre. Se ele sobrevivesse àquela noite, ela exigiria a mais sórdida compensação por aquelas mentiras. Ele pagaria tudo com prazer no dia seguinte. Mas tinha de ser mais inteligente que o monstro para viver tanto assim.

— Você deve sentir o mesmo que eu — ele disse. — Por trás dessa pele que tem de vestir.

— O mesmo? — perguntou Boone.

— Aprisionado. Obrigado a derramar sangue. Você não quer derramar sangue mais do que eu.

— Você não está entendendo — disse Boone. — Eu não estou *por trás* deste rosto. Eu *sou* este rosto.

Decker balançou a cabeça.

— Acho que não. Acho que em algum lugar você ainda é Boone.

— Boone está morto. Boone foi fuzilado na sua frente. Lembra? Você mesmo enfiou algumas balas nele.

— Mas você sobreviveu.

— Vivo, não.

O corpo maciço de Decker estivera o tempo todo tremendo. Agora parava. Cada músculo de seu corpo ficou rígido, enquanto a explicação para aqueles mistérios ficava clara.

— Você me levou para as mãos de monstros, Decker. E tornei-me um deles. Não o seu tipo de monstro. Não o tipo sem alma. — Aproximou-se muito de Decker, seu rosto a centímetros da máscara. — Estou morto, Decker. Suas balas não querem dizer nada para mim. Tenho Midian nas veias. Isso quer dizer que eu irei me curar sempre e sempre. Mas você... A mão que acariciava a máscara agora agarrava com força o tecido. — ...você, Decker... Quando você morrer, vai morrer mesmo. E vou querer ver seu rosto quando isso acontecer.

Boone puxou a máscara. Estava bem presa, não saía. Tinha de enfiar as garras bem fundo e rasgá-la para descobrir o rosto suado por baixo. Quantas horas havia passado olhando aquele rosto, apegando-se a cada sinal íntimo de aprovação? Tanto tempo perdido. Aquela era a verdadeira condição do doutor: perdido, fraco, chorando.

— Eu estava com medo — disse Decker. Você entende, não entende? Eles iam me encontrar, me castigar. Eu precisava de alguém para pôr a culpa.

— Escolheu o homem errado.

— *Homem?* — disse uma voz suave na escuridão. — Você se considera um *homem*?

Boone corrigiu-se:

— Monstro — disse.

Então ouviu-se uma gargalhada. E em seguida:

— Como é, vai matá-lo ou não vai?

Boone olhou para o interlocutor, agachado sobre o túmulo. Seu rosto era uma massa de tecido cicatrizado.

— Ele se lembra de mim? — o homem perguntou a Boone.

— Não sei. Lembra? — Boone quis saber de Decker. — O nome dele é Narcisse.

Decker ficou olhando.

— Outro da tribo de Midian — disse Boone.

— Eu nunca tive muita certeza de pertencer a ela — devaneou Narcisse. — Não até tirar as balas da minha cara. Ficava achando que estava sonhando.

— Com medo — disse Boone.

— Eu estava. Você sabe o que eles fazem com gente natural.

Boone fez que sim com a cabeça.

— Então mate-o — disse Narcisse. — Coma seus olhos ou eu faço isso pra você.

— Não até eu obter confissão dele.

— Confissão — disse Decker, arregalando os olhos ao pensar numa reprimenda. — Se é isso o que você quer, é só dizer.

Começou a vasculhar os bolsos da jaqueta, como se procurasse uma caneta.

— Confissão pra que, caralho? — perguntou Narcisse. — Você acha que alguém vai te perdoar agora? Olhe-se no espelho!

Pulou do túmulo.

— Olhe — sussurrou — se Lylesburg souber que subi aqui, ele me expulsa. Me dê só os olhos dele, pelos velhos tempos. O resto é seu.

— Não deixe ele me tocar — Decker implorou a Boone. — Tudo o que você quiser... uma confissão completa... qualquer coisa. Mas não deixe ele me tocar!

Tarde demais; Narcisse já estava se aproximando, com ou sem a permissão de Boone. Boone tentou mantê-lo afastado com a mão que estava livre, mas o homem estava ansioso demais para que a vingança lhe fosse negada. Forçou passagem entre Boone e sua presa.

— Dê sua última olhada — ele sorriu, levantando os ganchos dos polegares.

Mas as mãos que Decker fazia correr pela jaqueta não estavam motivadas apenas pelo pânico. Quando os ganchos se aproximaram de seus olhos ele sacou o facão da jaqueta e o enfiou na barriga do atacante. Decker estudara com afinco e por muito tempo o seu ofício. O corte que fizera em Narcisse era uma manobra de estripamento aprendida com os japoneses: fundo nos intestinos e subindo na direção do umbigo, puxando a faca com as mãos contra

o peso da carne. Narcisse soltou um grito — mais pela memória da dor do que pela dor em si.

Num único movimento suave, Decker puxou o facão, sabendo por pesquisas de campo que o conteúdo bem guardado viria junto. Não estava errado. O estômago de Narcisse se desenrolou, caindo como um avental de carne aos joelhos de seu dono. A ferida

— que teria derrubado um homem vivo ao chão no ato — fez de Narcisse simplesmente um palhaço. Uivando de novo ao ver suas entranhas, agarrou-se a Boone.

— Me ajude — ele uivou — Estou me desmanchando.

Decker aproveitou o momento. Enquanto Boone estava sendo seguro, ele disparou para os portões. Não havia muito terreno a cobrir. Quando Boone conseguiu se libertar de Narcisse, o inimigo podia ser visto pisando em terra-não-consagrada. Boone correu atrás, mas antes que conseguisse chegar sequer à metade do caminho até os portões, ouviu a porta do carro de Decker bater e o motor dar partida. O médico havia escapado. Escapado, merda!

— Que merda vou fazer com isto? — Boone ouviu Narcisse soluçar. O homem tinha dado um nó nas tripas, como se fizesse tricô.

— Desça — Boone disse sem emoção. Era inútil culpar Narcisse por sua interferência. — Alguém vai te ajudar — ele disse.

— Não posso. Vão saber que estive aqui.

— Acha que já não sabem? — respondeu Boone. — Eles sabem de tudo.

Não estava mais preocupado com Narcisse. Era o corpo esparramado na calçada que havia chamado sua atenção. Em sua fome de apavorar Decker, esquecer-se completamente de Lori.

— Vão nos pôr para fora daqui — Narcisse dizia.

— Talvez — disse Boone.

— O que vamos fazer?

— Descer — Boone disse cansado. — Contar ao Senhor Lylesburg que eu fiz você chegar aqui sem querer.

— Fez? — perguntou Narcisse. Então, começando a gostar da ideia;
— Sim, acho que fez.

Carregando os intestinos, afastou-se mancando.

Boone ajoelhou-se ao lado de Lori. O perfume dela o deixava tonto; a suavidade de sua pele debaixo das palmas das mãos dele era quase insustentável. Ela ainda estava viva; sua pulsação forte, apesar dos traumas que devia ter suportado nas mãos de Decker. Olhando seu rosto doce, o pensamento de que ela poderia acordar e vê-lo na forma que havia herdado com a mordida de Peloquin o perturbou além da conta. Na presença de Decker ele tivera orgulho de se chamar um *monstro*, de exibir sua parte da Raça da Noite. Mas agora, olhando a mulher que havia amado, e pela qual fora amado em troca de sua fragilidade e humanidade, estava envergonhado.

Inalou, sem vontade, fazendo a carne se esfumaçar; e essa fumaça, seus pulmões puxaram de volta para o corpo. Era um processo tão estranho em sua facilidade quanto em sua natureza. Com que rapidez tinha se acostumado ao que antes teria chamado de miraculoso...

Mas ele não era maravilha alguma; não comparado com aquela mulher. O fato de que ela tivera fé suficiente para procurar por ele com a morte nos calcanhares era mais do que qualquer homem

natural poderia esperar; e, para alguém como ele, o verdadeiro milagre.

A humanidade que ela possuía o deixou orgulhoso: do que ele já havia sido, e do que ainda podia fingir ser. Foi, portanto, em sua forma humana que ele a pegou nos braços, e carinhosamente a levou para baixo da terra.

XIII

A Criança Profética

Lori ouvia a fúria das vozes.

— *Você nos enganou!*

Essa primeira era de Lylesburg.

— *Não tive escolha!*

A segunda, de Boone.

— *Então Midian foi posta em risco por seus nobres sentimentos?*

— *Decker não vai contar a ninguém* — respondeu Boone. — *O que ele vai dizer? Que tentou matar uma garota e um cadáver o impediu? Seja realista.*

— *Então de repente você virou especialista. Alguns dias aqui e já está reescrevendo a lei. Bem, vã fazer isso em outro lugar, Boone. Pegue a mulher e saia.*

Lori queria abrir os olhos e ir até Boone; acalmá-lo antes que a raiva o fizesse dizer ou fazer alguma coisa idiota. Mas seu corpo estava dormente. Nem os músculos do rosto respondiam a suas instruções. Tudo o que ela podia fazer era ficar quieta, e ouvir a discussão inflamar-se ainda mais.

— *Eu sou daqui* — Boone disse. — *Agora sou da Raça da Noite.*

— *Não é mais.*

— *Não posso viver lá fora.*

— *Nós vivemos. Por gerações nos arriscamos no mundo natural, e isso quase nos extinguiu. Agora você aparece e quase destrói nossa única esperança de sobrevivência. Se Midian for descoberta, você e a mulher serão responsáveis. Pense nisso em suas viagens.*

Fez-se um longo silêncio. Então Boone disse:

— *Deixe-me consertar tudo.*

— *Tarde demais. A lei não abre exceções. O outro também irá.*

— *Narcisse? Não. Você vai deixá-lo arrasado. Passou metade da vida esperando para chegar até aqui.*

— *A decisão está tomada.*

— *Por quem? Você? Ou Bafomé?*

Ao som desse nome Lori sentiu arrepios. A palavra não queria dizer nada para ela, mas obviamente significava algo para os outros que estavam por perto. Ela ouviu sussurros ecoando ao seu redor; frases repetidas como palavras de adoração.

— *Eu exijo falar com ele* — disse Boone.

— *Fora de cogitação.*

— *Do que está com medo? Perder o controle sobre a tribo? Quero ver Bafomé. Se quiser tentar me deter, tente agora.*

Quando Boone lançou o desafio, os olhos de Lori se abriram. Havia um teto abobadado sobre ela, onde antes havia céu. Estava pintado com estrelas, contudo, eram mais fogos de artifício do que corpos celestes; rodas de fogo, que atiravam fagulhas ao girar pelo firmamento de pedra.

Inclinou um pouco a cabeça. Estava numa cripta. Havia caixões selados de ambos os lados, inclinados contra as paredes. A sua esquerda, uma profusão de tocos de velas, de cera viscosa e chamas tão fracas quanto ela. A sua direita, Babette, sentada no chão com as pernas cruzadas, olhando-a como quem tomasse conta. A criança estava vestida completamente de preto, os olhos captando a luz das velas e guardando-a. Não era bonita. Seu rosto era solene demais para ser bonito. Mesmo no sorriso que ela oferecia a Lori, ao perceber que ela havia acordado, não conseguia apaziguar a tristeza de suas feições. Lori fez o melhor que pôde para retribuir o olhar afetuoso, mas não estava certa de que seus músculos a obedeciam.

— Ele nos machucou feio — disse Babette.

Lori supôs que ela estivesse falando de Boone. Mas as palavras seguintes da criança explicaram tudo.

— Rachel limpou. Agora não dói mais.

Levantou a mão direita. Estava enfaixada com linho escuro ao redor do polegar e do indicador.

— Nem em você.

Mais senhora de sua vontade, Lori ergueu a mão direita. Estava enfaixada da mesma forma.

— Onde... está Rachel? — perguntou, a voz tão baixa que ela mesma mal podia ouvir. Babette ouviu a pergunta com clareza.

— Aqui por perto — respondeu.

— Podia chamá-la pra mim?

— Você vai ficar aqui pra sempre? — a criança perguntou.

— Não — foi a resposta, não de Lori, mas de Rachel, que tinha aparecido na porta. — Não vai não. Ela vai embora logo.

— Por quê? — perguntou Babette.

— Eu ouvi Lylesburg — murmurou Lori.

— O *senhor* Lylesburg — disse Rachel, aproximando-se de Lori. — Boone quebrou sua palavra subindo para buscar você. Ele nos colocou a todos em perigo.

Lori entendia apenas uma fração da história de Midian, mas o suficiente para saber que a máxima que primeiro ouvira dos lábios de Lylesburg — '*o que está embaixo permanece embaixo*' — não era uma frase de efeito qualquer. Era uma lei que os habitantes de Midian haviam jurado defender, ou então perder o direito a ficar aqui.

— Pode me ajudar? — ela perguntou. Sentia-se vulnerável deitada no chão.

Mas não foi Rachel quem correu para ajudá-la, e sim Babette, colocando sua pequenina mão enfaixada sobre o estômago de Lori.

Seu sistema reagiu instantaneamente ao toque da criança: todo traço de dormência desapareceu de seu corpo na hora. Lembrou que sentira a mesma coisa, ou quase, em seu último encontro com a garota: aquela sensação de poder transferido que passara através dela quando o monstro se dissolvera em seus braços.

— Ela formou um laço e tanto com você — disse Rachel.

— Parece que sim — Lori se sentou. — Ela está machucada?

— Por que não pergunta pra *mim*? — perguntou Babette. — Eu também estou aqui.

— Desculpe — Lori respondeu. — Você também se cortou?

— Não. Mas senti seu machucado.

— Ela é empática — disse Rachel. — Sente o que outros sentem, particularmente se tiver uma ligação emocional com eles.

— Eu sabia que você estava chegando — disse Babette. — Vi com seus olhos. E você pode ver pelos meus.

— Isso é verdade? — Lori perguntou a Rachel.

— Acredite nela — foi a resposta.

Lori não estava bem certa de estar preparada para se levantar, mas decidiu testar o corpo. Foi mais fácil do que esperava. Levantou-se prontamente, as pernas fortes, a cabeça límpida.

— Você me leva até o Boone? — pediu.

— Se é o que quer.

— Ele estava aqui o tempo todo, não estava? — perguntou.

— Estava.

— Quem o trouxe?

— Trouxe?

— A Midian.

— Ninguém.

— Ele estava quase morto — disse Lori. — Alguém precisava tirá-lo da morgue.

— Você ainda não entende, não é? — Rachel disse amarga.

— Sobre Midian? Não, na verdade não.

— Não apenas sobre Midian. Sobre Boone, e por que ele está aqui.

— Ele acha que é da Raça da Noite — disse Lori.

— Ele *era*, até quebrar sua palavra.

— Então nós vamos embora — replicou Lori. — E isso o que Lylesburg quer, não é? E não tenho desejo de ficar.

— Para onde vai? — perguntou Rachel.

— Não sei. Talvez voltar para Calgary. Não deve ser tão difícil provar que Decker é o culpado. Então vamos poder começar de novo.

Rachel balançou a cabeça.

— Isso não será possível — ela disse.

— Por que não? Vocês fizeram o pedido primeiro?

— Ele veio aqui porque é um de nós.

— Nós. Isso quer dizer o quê? — Lori retrucou, grosseira. Estava cansada de evasivas e enrolação. — Quem são vocês? Pessoas doentes vivendo na escuridão. Boone não é doente. E um homem são. São e saudável.

— Sugiro que pergunte a ele se se sente saudável — foi a resposta de Rachel.

— Claro que vou perguntar, quando chegar a hora.

Babette não estava comovida pela troca de gentilezas.

— Você não deve ir — disse a Lori.

— Preciso.

— Na luz não — ela agarrou firme a manga de Lori. — Eu não posso ir com você lá.

— Ela tem que ir — disse Rachel, estendendo os braços para soltar sua filha. — Ela não pertence a nós.

Babette se segurava.

— Você *pode* — ela disse, olhando para Lori. — É fácil.

— Ela não quer — disse Rachel.

Babette olhou para Lori.

— É verdade? — ela perguntou.

— Diga a ela — disse Rachel, deleitando-se integralmente com o incômodo de Lori. — Diga que ela é uma das pessoas doentias.

— Mas a gente vive pra sempre — disse Babette. Olhou para a mãe. — Não vive?

— Alguns de nós.

— Nós *todos*. Se quisermos viver para sempre. E um dia, quando o sol sumir...

— *Chega!* — disse Rachel.

Mas Babette tinha mais a dizer.

— ... quando o sol sumir e só houver noite, vamos viver sobre a terra. Ela será nossa.

Agora era a vez de Rachel ficar pouco à vontade.

— Ela não sabe o que está falando — respondeu a mulher.

— Acho que ela sabe muito bem — respondeu Lori.

A proximidade de Babette, e o pensamento de que tinha algum vínculo com a criança, subitamente a paralisou. A pouca paz que sua mente racional fizera com Midian estava desabando rapidamente. Ela queria mais que qualquer coisa estar longe dali, de crianças que falavam no fim do mundo, de velas e caixões e da vida das tumbas.

— Onde está Boone? — perguntou a Rachel.

— Foi para o Tabernáculo. Ver *Bafomé*.

— Quem ou o quê é Bafomé?

Rachel fez um gesto ritual à menção de Bafomé, tocando a língua e o coração com a ponta do indicador. Era uma coisa tão familiar, feita tantas vezes, que Lori duvidou que ela tivesse sequer percebido.

— Bafomé é o Batista — ela disse. — Que Criou Midian. Que nos chamou para cá.

O dedo tocou língua e coração mais uma vez.

— Você me leva ao Tabernáculo? — Lori pediu.

A resposta de Rachel foi curta e grossa:

— Não.

— Pelo menos me indique onde fica.

— Eu te levo — ofereceu-se Babette.

— Não senhora — disse Rachel, desta vez arrancando a mão da menina da manga de Lori tão rápido que Babette não teve chance de resistir.

— Paguei minha dívida com você — disse Rachel — curando sua ferida. Não temos mais nada uma com a outra.

Segurou Babette e a pôs no colo. Babette virou-se nos braços da mãe para ver Lori.

— Quero que você veja coisas bonitas pra mim.

— Quieta — reclamou Rachel.

— O que você vir, *eu verei*.

Lori concordou.

— Tá? — perguntou Babette.

— Tá.

Antes que a criança pudesse pronunciar uma palavra de reclamação, Rachel já havia levado-a para fora do aposento, deixando Lori na companhia dos caixões.

Ela jogou a cabeça para trás e exalou o ar lentamente. Calma, pensou; fique calma. Logo isso vai acabar.

As estrelas pintadas giraram sobre sua cabeça, parecendo virarem aos seus olhos. Seria aquela revolução toda apenas o sonho do artista, ela se perguntou, ou era assim que a Raça via o céu quando saía de seus mausoléus à noite para pegar um pouco de ar?

Melhor não saber. Já era ruim o suficiente que essas criaturas tivessem filhos e arte; que elas pudessem também ter visão era um pensamento perigoso demais de se cultivar.

Na primeira vez em que os encontrara, a meio caminho das escadas para o mundo inferior, ela temera por sua vida. E ainda temia, em algum canto obscuro da mente. Não por ser morta, mas que fosse *modificada*; que, de algum modo, eles a tentassem com ritos e visões, e ela não fosse capaz de afastá-los com sua mente.

Quanto mais cedo estivesse fora dali, com Boone ao seu lado, mais rápido estaria de volta a Calgary. Lá as luzes das ruas eram brilhantes. Elas domavam as estrelas.

Tranquilizada pelo pensamento, foi à procura do Batista.

XIV

Tabernáculo

Aquela era a verdadeira Midian. Não a cidade vazia sobre a colina, nem mesmo a necrópole acima dela; mas aquela rede de túneis e câmaras que presumivelmente espalhava-se por sob todo o cemitério. Alguns dos túmulos eram ocupados somente pelos imperturbáveis mortos; seus caixões jaziam sobre prateleiras mofadas. Teriam sido aqueles os primeiros ocupantes do cemitério, postos para repousar ali antes que a Raça da Noite tivesse tomado posse? Ou eram também da Raça, que haviam morrido apanhados pelo sol, talvez, ou envelhecidos pela saudade? Fosse o que fosse, eram minoria. A maior parte das câmaras era habitada por almas mais vivas, seus aposentos iluminados por lâmpadas ou velas, ou às vezes pelo próprio ocupante: um ser que queimava com luz própria.

Apenas uma vez ela olhou de relance uma entidade dessas, deitada de costas sobre um colchão no centro de seu quarto. Estava nua, corpulenta e assexuada, seu corpo coleante uma confusão de pele escura e oleosa e erupções de larvas que manavam fosforescência, encharcando sua cama simples. Parecia que cada uma das outras portas levava a aposentos tão misteriosos quanto. A reação de Lori

a eles era tão problemática quanto o lugar que a havia inspirado. Era simplesmente nojo que lhe fazia o estômago revirar, vendo os estigmatizados em toda sua profusão, com aderentes de dentes afiados sugando ruidosamente suas feridas? ou excitação, por confrontar a lenda do vampiro pessoalmente? E o que ela devia pensar do homem cujo corpo quebrou-se em pássaros quando a viu olhando-o, ou do pintor com cabeça de cachorro que virou as costas para seu afresco e chamou-a para misturar tintas com seu aprendiz? Ou dos monstros mecânicos que subiam pelas paredes com pernas que pareciam compassos? Depois de uma dezena de corredores, ela não sabia mais distinguir o horrível do fascinante. Talvez nunca tivesse distinguido.

Ela podia ter passado dias perdida, vendo essas imagens, mas a sorte ou o instinto a trouxeram suficientemente perto de Boone para deter maiores avanços. Foi a sombra de Lylesburg que apareceu à sua frente, parecendo sair da parede sólida.

— Não pode avançar mais.

— Pretendo achar Boone — ela disse.

— Você não tem culpa — disse Lylesburg. — Entendemos isso perfeitamente. Mas você também deve entender: o que Boone fez nos colocou a todos em perigo...

— Então me deixe falar com ele. Vamos sair daqui juntos.

— Isso poderia ter sido possível pouco tempo atrás — disse Lylesburg, a voz emergindo da sombra, tão calculista e autoritária como sempre.

— E agora?

— Ele está além de meu chamado. E do seu também. Foi apelar a uma força inteiramente diferente.

Ouviu-se então um rumor mais abaixo na catacumba, um som como Lori nunca tinha ouvido. Por um instante ela teve certeza de que era um terremoto a causa desse som, que parecia vir da terra *abaixo e ao seu redor*. Mas quando a segunda onda começou, ela ouviu algo animal nele: um gemido de dor, talvez; ou de êxtase... Certamente era Bafomé: *o que criou Midian*, dissera Rachel. Que outra voz poderia sacudir as próprias estruturas do lugar?

Lylesburg confirmou sua opinião.

— *Isso é com quem* Boone foi parlamentar — disse ele. — Ou assim ele pensa.

— Deixe-me ir vê-lo.

— Já o devorou — disse Lylesburg. — Já o levou para dentro das chamas.

— Quero ver por mim mesma — exigiu Lori.

Sem querer esperar mais um momento, ela empurrou Lylesburg, esperando resistência. Mas suas mãos afundaram na escuridão que ele vestia e tocaram a parede atrás. Ele não tinha substância. Não podia impedi-la de ir a lugar algum.

— Vai matar você também — ela ouviu Lylesburg avisar, ao disparar em perseguição àquele som. Embora ele estivesse em todo o seu redor, ela sentia a fonte. Cada passo que dava o tornava mais alto e mais complexo, camadas de som puro, cada qual tocando uma diferente parte dela: cabeça, coração, ventre.

Um rápido olhar para trás confirmou o que ela já havia imaginado: que Lylesburg não havia tentado segui-la. Ela virou uma esquina, e outra, as subcorrentes na voz ainda se multiplicando, até que Lori

estava caminhando contra elas como se assolada por um vendaval, cabeça baixa, ombros curvados.

Agora já não havia câmaras ao longo da passagem; e, portanto, não havia luzes. Havia um brilho mais acima, entretanto; pequeno e frio, mas brilhante o bastante para iluminar tanto o chão em que ela tropeçava, feito de terra nua, quanto o gelo que se acumulava prateado nas paredes.

— Boone? — gritou. — Você está aí? Boone?

Depois do que Lylesburg dissera, ela não esperava muito uma resposta, mas conseguiu uma. A voz dele encontrou-se com ela vinda do núcleo da luz e som à sua frente. Mas tudo o que ela ouviu foi:

— *Não..*

Não *o quê?*, ela se perguntou. Não avance mais? Não me deixe aqui?

Ela reduziu o passo, e tornou a chamar, mas o som que o Batista fazia virtualmente engoliu o de sua própria voz, quanto mais uma resposta. Já tendo percorrido tudo aquilo, ela precisava prosseguir, sem saber se aquele chamado havia sido um aviso ou não.

A frente, a passagem tornou-se uma encosta — uma encosta íngreme. Ela parou no topo, e forçou a vista para olhar na direção do brilho. Aquele era o refúgio de Bafomé, sem dúvida. O ruído que fazia erodia as paredes da encosta e levava o pó à face de Lori. Os olhos começaram a se encher de lágrimas para lavar a poeira, mas ela continuava em frente. Ensurdecida pela voz, cega pelo pó, ela tremia à beira da encosta, incapaz de avançar ou recuar.

Subitamente, o Batista fez silêncio, as camadas de som todas morrendo ao mesmo tempo, e completamente.

O silêncio que se seguiu foi mais assustador que o som precedente. Ele teria calado a boca porque sabia que havia um intruso em seu meio? Ela conteve a respiração, com medo de deixar escapar um som que fosse.

Ao pé da encosta havia um lugar sagrado, disso ela não tinha a menor dúvida. Dentro das grandes catedrais do mundo, com sua mãe, anos antes, olhando para os vitrais, e os altares, ela não sentira nada que se aproximasse da súbita sensação de reconhecimento que sentia agora. Nem, em toda a sua vida — acordada ou em sonhos — esses impulsos contraditórios a haviam atingido. Ela queria com paixão fugir do lugar — queria esquecê-lo e abandoná-lo; e ainda assim o lugar a *invocava*. Não era a presença de Boone ali que a chamava, mas a força do sagrado, ou do profano, ou dos dois juntos; e não aceitaria resistência.

Suas lágrimas já haviam limpado a poeira dos olhos. Não tinha desculpa para permanecer onde estava, a não ser a covardia. Começou a descer a encosta. Era uma descida de quinze metros, mas não fizera um terço do caminho quando uma figura familiar apareceu cambaleando no fundo.

A última vez em que vira Boone foi sobre a terra, quando ele emergira para confrontar Decker. Nos segundos antes de desmaiar, ela o vira como nunca antes: como um homem que havia esquecido a dor e a derrota por completo. Mas não agora. Ele mal conseguia se manter ereto.

Ela murmurou seu nome, a palavra ganhando peso à medida que avançava na direção dele.

Ele ouviu, e ergueu a cabeça na direção dela. Mesmo em seus piores momentos, quando ela lhe dera colo e o abraçara para afastar os terrores, não vira tanta tristeza em seu rosto quanto via

agora. As lágrimas descendo sem parar, as feições tão enrugadas de lamentação que pareciam a de um bebê.

Ela recomeçou a descida, cada som que seu pé fazia, cada respiração, multiplicados pela acústica da encosta.

Vendo-a se aproximar, ele deixou de se segurar e acenou-lhe. Mas, fazendo isso, perdeu o único ponto de apoio que tinha e caiu pesadamente. Ela acelerou o passo, sem se importar com o barulho que fazia. Fosse qual fosse a força que ocupava o poço no fundo, sabia que ela estava ali. Muito provavelmente sabia a história dela. Ela até esperava que soubesse mesmo. Não tinha medo de seu julgamento. Tinha uma razão amorosa para tal invasão; vinha sem armas, e sozinha. Se Bafomé fosse realmente o arquiteto de Midian, então entendia a vulnerabilidade, e não agiria contra ela. Estava a menos de dois metros de Boone agora. Ele estava tentando deitar-se de costas.

— Espere! — disse Lori, perturbada pelo desespero dele.

Mas ele não olhou na sua direção. Foi para Bafomé que seus olhos se dirigiram, quando conseguiu se deitar de costas. O olhar de Lori acompanhou o dele, para dentro de uma sala com paredes de terra gelada, e um piso do mesmo material, rachado de um canto a outro, com uma fissura da qual erguia-se uma coluna de fogo quatro a cinco vezes maior que um homem. Emanava muito frio, e não calor; ela não via fagulhas faiscando no coração das chamas. Em vez disso, o interior delas se retorcia, virando e revirando uma forma que ela não conseguiu reconhecer a princípio, mas que seu olhar pasmo rapidamente interpretou.

Havia um *corpo* no fogo, com membros separados, humano o bastante para que ela reconhecesse isso como carne, mas nada além disso. Coisa de Bafomé, provavelmente; algum tormento aplicado a um intruso.

Boone disse o nome do Batista, e ela preparou-se para ver o rosto dele. E viu, mas de *dentro* das chamas, quando a criatura ali — não morta, mas viva; não um cidadão de Midian, mas seu criador — rolou a cabeça no torvelinho de fogo para a direção dela.

Aquele era Bafomé. Aquela coisa quebrada e dividida. Ao ver seu rosto, ela gritou. Nenhuma história ou filme, nem desolação nem êxtase a haviam preparado para o criador de Midian. Devia ser sagrado, como qualquer coisa assim tão extrema seria. Uma coisa além das coisas. Além do amor ou do ódio, ou sua soma; além do belo e do monstruoso, ou dessa soma *também*.

Além, por fim, do poder de sua mente para compreender ou catalogar. No instante em que ela desviou dele o olhar, já tinha apagado da memória consciente cada fração dessa visão, e trancado-a onde nenhum tormento ou ameaça pudessem jamais fazê-la olhar novamente.

Não tinha conhecido a própria força até que o frenesi para abandonar aquela presença a fez levantar Boone e arrastá-lo encosta acima. Ele pouco podia fazer para ajudá-la. O tempo que passara na presença do Batista havia deixado apenas fiapos de força em seus músculos. Parecia, para Lori, ter levado uma eternidade a subida trêmula até o alto da encosta, a luz gelada da chama jogando suas sombras à frente delas como se fossem profecias.

A passagem acima estava deserta. Ela quase esperava que Lylesburg estivesse esperando em algum lugar com legiões mais sólidas, mas o silêncio da câmara abaixo havia se espalhado por todo o túnel. Assim que arrastou Boone a poucos metros do cume da encosta, parou, os pulmões queimando com o esforço de erguê-lo. Ele estava emergindo do torpor de tristeza ou terror em que ela o achara.

— Conhece um caminho para fora daqui? — ela perguntou.

— Acho que sim — ele disse.

— Vai ter que me dar alguma ajuda. Não posso levar você por muito mais tempo.

Ele concordou, e então olhou de volta para a entrada do poço de Bafomé.

— O que você viu? — perguntou.

— Nada.

— Ótimo.

Ele cobriu o rosto com as mãos. Um dos dedos estava faltando, ela viu, a ferida recente. Mas Boone parecia indiferente a isso, e então ela não fez perguntas, concentrando-se em encorajá-lo a andar. Ele estava relutante, quase cabisbaixo após tantas emoções, mas Lori o encorajou a prosseguir, até chegarem a uma escada íngreme que os levou para um dos mausoléus e dali para a noite.

O ar tinha cheiro de *distância* depois do confinamento da terra, mas em vez de ficar por ali para aproveitar isso, ela insistiu em que saíssem do cemitério, abrindo caminho em ziguezague pelo labirinto de túmulos até o portão. Ali, Boone parou.

— O carro está bem do lado de fora — ela disse.

Ele tremia, embora a noite estivesse quente.

— Não posso... — falou.

— Não pode o quê?

— Meu lugar é aqui.

— Não é não — ela disse. — Seu lugar é comigo. Nosso lugar é um com o outro.

Ela ficou perto de Boone, mas a cabeça dele estava virada na direção da sombra. Ela segurou-lhe o rosto nas mãos e puxou-o de volta.

— Nosso lugar é um com o outro, Boone. É por isso que você está vivo. Não entende? Depois disso tudo. Depois de tudo o que passamos. Nós sobrevivemos.

— Não é assim tão fácil.

— Eu sei. Nós dois passamos por momentos terríveis. Eu compreendo que as coisas não podem mais ser as mesmas. Eu não ia querer que fossem.

— Você não sabe... — ele começou.

— Então você me conte — ela disse. — Na hora certa. Você tem de esquecer Midian, Boone. Ela já o esqueceu.

Os tremores não eram de frio, mas os precursores das lágrimas, que explodiam agora.

— Não posso ir — ele disse. — Não posso ir.

— Não temos escolha — Lori lembrou. — Tudo o que temos é um ao outro.

A dor de sua ferida quase o dobrava em dois.

— Fique de pé, Boone — ela disse. — Ponha os braços ao meu redor. A Raça não te quer; não precisam de você. Eu preciso. Boone. Por favor.

Lentamente ele ficou ereto e abraçou-a.

— Firme — ela falou. — Me abrace firme, Boone.

Ele apertou com mais força. Quando ela tirou as mãos de seu rosto para retribuir o abraço, seu olhar não voltou para a necrópole. Ele olhava para ela.

— Vamos voltar ao hotel e apanhar todas as minhas coisas, certo? Temos que fazer isso. Lá tem cartas, fotos... muita coisa que não queremos que ninguém descubra.

— E depois? — ele perguntou.

— Depois vamos encontrar algum lugar para ir, onde ninguém procure por nós, e encontrar um jeito de provar sua inocência.

— Não gosto da luz — ele disse.

— Então vamos sair de perto dela — ela retrucou. — Até você conseguir colocar todo este maldito lugar em sua devida perspectiva.

Ela não conseguia achar nada em seu rosto que lembrasse um eco do seu otimismo. Os olhos dele brilhavam, mas era somente pelas marcas de suas lágrimas. O resto dele era muito *frio*, muito parte da escuridão de Midian. Ela não se surpreendia com isso. Depois de tudo que aquela noite (e os dias que a haviam precedido) trouxera, ela ficou surpresa por encontrar tamanha capacidade de esperança em si mesma. Mas estava lá, forte como a batida de um coração, e não deixaria os temores que conhecera com a Raça sobrepujarem isso.

— Eu te amo, Boone — disse, sem esperar resposta.

Talvez no devido tempo ele falasse. Se não palavras de amor, pelo menos de explicação. E se não o fizesse, ou *se não pudesse*, também não seria tão ruim. Ela tinha coisa melhor que explicações. Tinha a pessoa dele por completo, sua carne. Seu corpo era sólido nos braços dela. Fosse qual fosse a importância de Midian em suas lembranças, Lylesburg havia sido perfeitamente explícito: jamais poderia retornar. Em vez disso, estaria novamente ao lado dela à noite, sua simples presença mais preciosa que qualquer demonstração de paixão.

E, à medida que o tempo passasse, ela o convenceria a esquecer os tormentos de Midian, assim como fizera com os tormentos auto-inflingidos de sua loucura. Nisso ela não havia falhado, como Decker a convencera. Boone não havia ocultado uma vida secreta dela; era inocente. Assim como ela. Ambos inocentes, e era isso o que os havia feito passar com vida aquela noite temerosa e chegar à segurança do dia.

Parte Quatro

SANTOS E PECADORES

*"Quer meu conselho? Beije o Diabo,
coma o verme."*

Jan de Mooy , Another Matter (or
Man Remane);



XV

A Taxa

O sol ergueu-se como uma *stripper*, mantendo seu esplendor Bem coberto por nuvens até parecer que não haverá mais show, só para logo em seguida jogar de lado seus véus, um por um. O desconforto de Boone aumentava com a luz. Remexendo no porta-luvas Lori desencavou um par de óculos de sol, que ele colocou para afastar a maior parte da luz de seus olhos sensibilizados. Mesmo assim tinha de manter a cabeça baixa, desviando o rosto do leste brilhante.

Pouco falaram. Lori estava preocupada demais em manter sua mente cansada na tarefa de dirigir, e Boone não tentou quebrar o silêncio. Tinha pensamentos próprios, mas nenhum que pudesse articular para a mulher a seu lado. No passado, Lori havia significado muito para ele, disso ele sabia, mas travar contato com esses sentimentos agora estava além dele. Sentia-se profundamente afastado de sua vida com ela; na verdade, da vida em geral. Durante os anos de sua doença, ele sempre se agarrava às cadeias de consequência que via em viver; como uma ação resultava em outra, esta sensação naquela. Ele suportara tudo, embora a passos trôpegos, vendo como o caminho atrás dele se tornava o caminho adiante. Agora não conseguia ver nem para frente nem para trás, a não ser de forma muito tênue.

O que havia de mais claro em sua cabeça era Bafomé, o Dividido. De todos os ocupantes de Midian, ele era o mais poderoso e o mais vulnerável, esquartejado por antigos inimigos mas preservado, sofrendo e sofrendo, nas chamas que Lylesburg havia chamado de Fogo do Julgamento. Boone fora até o poço de Bafomé na esperança de discutir seu caso; mas quem falara fora o Batista, oráculos de uma cabeça ferida. Ele não conseguia se lembrar agora das palavras pronunciadas, mas sabia que as notícias não haviam sido boas.

Entre suas lembranças do mundo e do humano, a mais forte era a de Decker. Ele conseguia reagrupar diversos fragmentos da história compartilhada por ambos, e sabia que isso deveria enfurecê-lo, mas não conseguia odiar o homem que o levara às profundezas de Midian, assim como não conseguia amar a mulher que o tirara de lá. Eles eram parte de outra biografia; não exatamente a *sua*.

O que Lori entendia de sua condição, ele não sabia, mas suspeitava de que não percebia a maior parte. O que quer que ela achasse, parecia contente em aceitá-lo como ele era, e de um jeito simples, animal, ele precisava demais da presença dela para arriscar-se a contar-lhe a verdade, e isso supondo que pudesse ter encontrado palavras. Ele era tanto e tão pouco. Homem. Monstro. Morto. Vivo. Em Midian ele havia visto todos esses estados numa única criatura: muito provavelmente, era a mesma coisa com ele. As únicas pessoas que poderiam tê-lo ajudado a compreender como esses contrários poderiam co-existir estavam para trás, na necrópole. Havia apenas começado o processo muito longo de educá-lo na história de Midian quando ele os desafiara. Agora estava exilado da presença deles para sempre, e jamais saberia.

Havia um paradoxo. Lylesburg o avisara de forma clara o bastante quando haviam estado juntos de pé nos túneis e escutavam os gritos de socorro de Lori; dissera-lhe inequivocamente que se ele saísse do abrigo quebraria seu pacto com a Raça.

— *Lembre-se do que é agora* — ele dissera. — *Você não pode salvá-la e manter nosso refúgio seguro. Então vai ter que deixá-la Morrer.*

Mas não podia. Embora Lori pertencesse a outra vida, uma vida que ele havia perdido para sempre, não poderia deixá-la para o inimigo. O que aquilo significava, se é que significava alguma coisa, estava além de sua capacidade de compreender naquele momento. Os poucos pensamentos que orbitavam sua cabeça estavam trancados no momento que ele vivia, e no seguinte, e no momento depois; movendo-se segundo a segundo por sua vida enquanto o carro se afastava estrada afora. Ignorava o lugar onde havia estado e era cego quanto ao local para onde se via conduzido.

2

Estavam quase enxergando o Sweetgrass Inn quando ocorreu a Lori que, se o corpo de Sheryl tivesse sido encontrado no Hudson Bay Sunset, havia uma chance de que seu destino já estivesse fervilhando de policiais.

Ela parou o carro.

— O que foi? — perguntou Boone.

Ela contou.

— Talvez fosse mais seguro se eu fosse lá sozinha — ela disse. — Se for seguro eu pego minhas coisas e volto pra você.

— Não — ele disse. — Isso não é muito bom.

Ela não podia ver os olhos dele por trás dos óculos de sol, mas a voz tinha medo.

— Vou rápido — ela disse.

— Não.

— Por que não?

— E melhor ficarmos juntos — ele replicou. Pôs as mãos no rosto, como havia feito quando nos portões de Midian. — Não me deixe só — disse, a voz baixa. — Não sei onde estou, Lori. Não sei nem *quem* sou. Fique comigo.

Ela curvou-se em sua direção e beijou-lhe a mão. Boone afastou as mãos e deixou Lori beijar-lhe o rosto, e depois a boca. Foram juntos até o hotel.

Na verdade, os temores dela se revelaram sem fundamento. Se o corpo de Sheryl havia realmente sido encontrado naquele meio tempo — o que era improvável, devido à sua localização — nenhuma ligação havia sido feita com o hotel. Na verdade, não só não havia polícia a lhes barrar o caminho como quase não havia sinais de vida. Apenas um cão latindo num dos andares superiores, e um bebe chorando em algum lugar. Até mesmo o saguão estava deserto, o recepcionista ocupado demais como show matutino na televisão para manter o posto. O som de risos e música os acompanhou pelo hall e escadas acima até o primeiro andar. Apesar da facilidade do ato, quando chegaram à porta do quarto as mãos de Lori tremiam tanto que ela mal conseguia encaixar a chave na fechadura. Virou-se para pedir ajuda a Boone, apenas para, descobrir que ele não estava mais logo atrás de si, mas vagando no alto das escadas, olhando para um lado e outro do corredor. Uma vez mais ela xingou os óculos de sol, que a impediam de ler-lhe os pensamentos com certeza. Ao menos até que ele recuou contra a

parede, os dedos buscando algo para se agarrarem, embora não houvesse nada.

— Qual é o problema, Boone?

— Não tem ninguém aqui — ele retrucou.

— Ora, isso é ótimo pra nós, não é?

— Mas eu sinto cheiro...

— Cheiro de quê?

Ele balançou a cabeça.

— *De quê?*

— Cheiro de *sangue*.

— Boone?

— Um cheiro tão *forte* de sangue...

— De onde? De onde vem o cheiro?

Ele não respondeu, e também não olhou para ela, mas sim corredor abaixo.

— Vou lá rápido — ela disse. — Fique onde está, e logo estarei de volta.

Agachando-se, ela meteu desajeitadamente a chave na fechadura, e então levantou-se e abriu a porta. Não havia cheiro de sangue no quarto, apenas o perfume viciado da noite anterior. Ela se lembrou instantaneamente de Sheryl, e dos bons momentos que haviam passado, mesmo no meio de tantos momentos ruins. Menos de

vinte e quatro horas antes, Sheryl estivera gargalhando naquele mesmo quarto, e falando de seu assassino como o homem de seus sonhos.

Pensando nisso, Lori tornou a olhar na direção de Boone. Ele ainda estava grudado à parede, como se fosse a única maneira de se certificar que o mundo não estava virando de pernas para o ar. Deixando-o onde estava, entrou no quarto e foi buscar suas coisas. Primeiro no banheiro, para apanhar os artigos de toalete, e depois de novo no quarto, para pegar as roupas espalhadas. Foi só quando pôs a sacola na cama para guardar tudo, que reparou na rachadura na parede. Era como se alguma coisa a tivesse atingido do outro lado com muita força. O reboco havia caído em placas, e sujara o chão entre as camas. Olhou a rachadura por um instante. Seria possível que a festa tivesse se excedido tanto que começaram a jogar a mobília pelo quarto?

Curiosa, foi até a parede. Era pouco mais que uma divisória à base de gesso, e o impacto do outro lado havia realmente aberto um buraco. Ela puxou um pedaço de reboco solto e meteu o olho na abertura.

As cortinas ainda estavam puxadas no quarto do outro lado, mas o sol era forte o suficiente para penetrar, deixando no ar um brilho ocre. A festa da noite passada deve ter sido ainda mais desregrada que a da noite anterior, ela pensou. Manchas de vinho nas paredes, e os celebrantes ainda dormindo no chão.

Mas o cheiro: não era vinho.

Ela recuou, o estômago revoltado.

Nenhuma fruta dava um suco daqueles...

Outro passo.

...a carne sim. E se era sangue o que ela sentia, então era sangue o que via, e se era sangue o que ela via, então os que estavam deitados não dormiam, porque quem se deita num abatedouro? Só os mortos.

Ela foi rapidamente para a porta. No corredor, Boone não estava mais de pé, mas agachado contra a parede, abraçando os joelhos. Seu rosto, quando voltou-se para ela, estava cheio de tiques perturbadores.

— Levante-se — ela disse.

— Estou sentindo cheiro de sangue — ele disse baixinho.

— Você está certo. Então se levante. Rápido. Me ajude.

Mas ele estava rígido; enraizado no chão. Ela conhecia aquela postura há muito tempo: acorocado num canto, tremendo feito um cão que tivesse sido espancado. No passado ela tivera palavras de conforto para oferecer, mas não havia tempo para esse consolo agora. Talvez alguém houvesse sobrevivido à carnificina no quarto ao lado. Se tivesse, ela tinha de ajudar, com Boone ou sem ele. Ela girou a maçaneta da porta do matadouro, e abriu-a.

Quando o cheiro de sangue saiu para encontrá-la, Boone começou a gemer.

— ... *sangue*... — ela ouviu-o dizer.

Sangue por toda parte. Ela se levantou e encarou-o por um minuto inteiro antes de se forçar a passar pelo umbral e buscar algum sinal de vida. Mas até mesmo o olhar mais passageiro a cada um dos corpos confirmava que o mesmo pesadelo havia chamado todos os seis. Ela sabia o nome desse pesadelo. Ele havia deixado sua marca; apagando suas feições com suas facas da mesma forma que fizera com Sheryl. Três deles haviam sido apanhados em flagrante

delito. Dois homens e uma mulher, parcialmente despidos e jogados um por cima do outro sobre a cama, num cruzamento fatal. Os outros tinham morrido deitados em coma alcoólico, espalhados pelo quarto, muito provavelmente sem sequer terem acordado. A mão sobre a boca para impedir os cheiros de entrarem e os soluços de saírem, ela recuou do quarto, o gosto do estômago na garganta. Ao sair no corredor, sua visão periférica captou Boone. Não estava mais sentado, mas movendo-se decididamente pelo corredor, na direção dela.

— Temos... de sair... daqui — ela disse.

Ele não fez sinal de que tivesse ouvido sua voz, mas passou por ela e entrou no quarto.

— Decker... — ela disse. — Foi Decker.

Ele ainda não ofereceu resposta.

— Fale comigo, Boone.

Ele murmurou alguma coisa..

— Ele ainda pode estar por aqui — ela disse. — Temos que correr.

...mas ele já estava entrando para ver a chacina mais de perto. Ela não tinha desejo de ver aquilo de novo. Em vez disso, retomou ao quarto do lado para terminar de ensacar apressadamente suas coisas. Quando saiu, ouviu Boone movendo-se pelo quarto ao lado, sua respiração quase dolorida. Com medo de deixá-lo sozinho, desistiu de tentar pegar tudo, atendo-se aos itens mais importantes — as fotos e um bloco de endereços entre elas — e saiu para o corredor.

O uivo das sirenes da polícia estava lá para encontrá-la, o pânico transmitido por elas alimentando o que já sentia. Embora os carros

ainda estivessem a uma certa distância, ela não tinha dúvidas de seu destino. Cada vez mais altas, estavam vindo para o Sweetgrass, prontas para agarrar o culpado.

Ela chamou Boone.

— Já terminei! — ela avisou. — Vamos embora!

Não houve resposta do quarto.

— Boone?

Ela foi até a porta tentando manter os olhos longe dos corpos. Boone estava do outro lado do quarto, uma sombra contra as cortinas. Sua respiração não era mais audível.

— Está me ouvindo? — ela perguntou.

Ele não moveu um músculo. Ela não conseguia ler expressão alguma em seu rosto — estava escuro demais — mas podia ver que ele tinha tirado os óculos escuros.

— Não temos muito tempo — ela disse. — Você quer vir comigo?

Quando ela falou, ele exalou. Não era uma respiração normal; ela soube disso antes mesmo que a fumaça começasse a sair de sua garganta. Quando isso aconteceu, ele levou as mãos à boca como se tentasse parar o movimento, mas elas pararam na altura do queixo e começaram a tremer.

— *Vá embora* — disse ele com o mesmo hálito esfumaçado.

Ela não conseguia se mexer, ou sequer tirar os olhos dele. O nevoeiro não era tão denso que não lhe deixasse ver a mudança que acontecia, seu rosto se reordenando por trás do véu, a luz

queimando em seus braços e subindo por seu pescoço em ondas para derreter os ossos de sua cabeça.

— *Não quero que você veja* — ele implorou, a voz se deteriorando.

Tarde demais. Ela tinha visto o homem com fogo na carne em Midian; e o pintor com cara de cachorro, e mais coisas: Boone tinha todas as doenças deles em seu sistema, desfazendo sua humanidade ante os olhos dela. Ele era a matéria de que eram feitos os pesadelos. Não era de se espantar que ele uivasse, a cabeça jogada para trás enquanto seu rosto era retrabalhado.

O som era quase cancelado pelas sirenes, no entanto. Não podiam estar a mais de um minuto de distância da porta. Se ela saísse agora ainda poderia fugir deles.

A sua frente, Boone havia sido completamente feito. Ou desfeito. Baixou a cabeça, fragmentos de fumaça evaporando ao seu redor. Então começou a se mover, seus novos tendões o conduzindo com leveza, como se fosse um atleta.

Ela esperava que, mesmo agora, ele compreendesse sua posição de risco e fosse para a porta para se salvar. Mas não. Era para os mortos que ele se movia, onde o ménage à trois ainda jazia, e antes que ela tivesse a sensatez de afastar os olhos, uma das garras dele descia e agarrava um corpo de cima da pilha, levando-o à boca.

— Não, Boone! — ela gritou. — *Não!*

Sua voz encontrou-o, ou uma parte que ainda era Boone, perdida no caos daquele monstro. Ele deixou a carne cair um pouco e olhou para ela. Ainda tinha os olhos azuis, e eles estavam cheios de lágrimas.

Ela começou a se aproximar.

— Não — implorou.

Por um instante ele pareceu pesar amor e apetite. Então esqueceu-a, e ergueu a carne humana até os lábios. Ela não viu as mandíbulas dele se fecharem, mas o som a alcançou, e era tudo o que conseguia fazer, ouvi-lo rasgar e mastigar.

Lá embaixo, freios guinchavam, portas batiam. Em momentos eles teriam o edifício cercado, bloqueando qualquer tentativa de fuga; momentos depois estariam subindo as escadas. Ela não tinha escolha senão deixar a fera com sua fome. Boone estava perdido para ela.

Escolheu não voltar pelo caminho de chegada, mas tomar a escada dos fundos. Boa decisão: foi só dobrar o corredor de cima para ouvir a polícia do outro lado, batendo em portas. Quase imediatamente após ela ouviu o som de uma entrada forçada lá em cima, e exclamações de nojo. Podia não ser o encontro com Boone; ele não estava atrás de uma porta trancada. Obviamente haviam descoberto alguma coisa a *mais* lá em cima. Ela não precisava ouvir o rádio pela manhã para saber o que era. Seu instinto lhe disse alto e em bom som o quanto Decker tinha sido completo a noite anterior. *Havia* um cão vivo em algum lugar do prédio, e ele deixara de ver um bebê em sua ânsia, mas o resto ele havia tomado. Tinha simplesmente voltado direto de seu fracasso em Midian e acabado com cada alma vivente daquele lugar.

Embaixo e em cima os investigadores acabavam de descobrir isso, e o choque da revelação os tornara incompetentes. Ela não teve dificuldades em escapular para fora do prédio e se abrigar nos arbustos aos fundos. Somente quando alcançou a segurança das árvores um dos guardas surgiu na esquina do edifício, mas até mesmo ele tinha outras coisas a fazer além da busca. Uma vez fora da vista dos colegas, vomitou o café da manhã no chão de terra,

limpou escrupulosamente a mão com o lenço e voltou ao serviço em questão.

Segura de que não iniciariam uma busca exterior até que tivessem terminado o lado de dentro, ela esperou. O que fariam a Boone quando o encontrassem? Muito provavelmente o matariam a tiros. Não havia nada que pudesse fazer para impedir. Mas os minutos se passaram, e embora ouvisse gritos lá de dentro, não houve nenhum som de tiros. Já deviam tê-lo encontrado agora. Talvez ela tivesse uma melhor compreensão do que estava acontecendo na frente do edifício.

O hotel era cercado em três lados por arbustos e árvores. Não foi difícil abrir caminho pelo mato até a lateral, o movimento contido por um influxo de tiras armados saindo da frente para assumirem posições na saída dos fundos. Mais dois carros-patrolha estavam chegando em cena. O primeiro continha outros policiais armados; o segundo, uma seleção de grupos interessados. Acompanhavam o cortejo duas ambulâncias.

Vão precisar de mais, ela pensou triste. De muitas mais.

Embora a congregação de tantos carros e homens armados tivesse atraído uma audiência de passantes, o cenário na frente era pouco movimentado, até casual. Havia tantos homens em pé olhando para o prédio quanto se movendo para entrar e explorá-lo. Agora eles compreendiam tudo. O lugar era um caixão de dois andares. Mais pessoas haviam provavelmente sido mortas ali numa noite do que por violência em Shere Neck ao longo de toda a sua história. Qualquer um ali naquela manhã de sol fazia parte da história. O conhecimento disso os calou a todos.

A atenção dela desviou-se das testemunhas para um bolo de pessoas ao redor do primeiro carro. Uma abertura no círculo de pessoas que discutiam lhe permitiu um lampejo do homem no centro. Vestido com um terno sóbrio, usafido óculos reluzentes que

brilhavam ao sol, Decker dava sua palestra. Pelo que argumentava; por uma chance de chamar seu paciente a céu aberto? Se era esse seu pedido, estava sendo indeferido pelo único membro de uniforme no círculo, presumivelmente o Chefe de Polícia de Shere Neck, que desconsiderou seu apelo com um gesto, e então afastou-se por inteiro da discussão. Daquela distância era impossível ler a reação de Decker, mas ele parecia perfeitamente controlado, curvando-se para falar no ouvido de um dos outros, que curvou-se sabiamente ao comentário sussurrado.

Na noite anterior, Lori havia visto Decker, o louco, desmascarado. Agora ela queria desmascará-lo novamente. Despir aquela fachada de preocupação civilizada. Mas como? Se saísse de seu esconderijo e o desafiasse — tentasse começar a explicar tudo o que tinha visto e experimentado nas últimas vinte e quatro horas — estariam tomando suas medidas para uma camisa de força antes que ela respirasse outra vez.

Era *ele* quem estava bem vestido, com seu doutorado e amigos em altas posições; *ele era o homem*, a voz da razão e da análise, ao passo que ela — uma simples mulher! — que credenciais ela tinha? — amante de um lunático que às vezes virava bicho?

O rosto sombrio de Decker era bastante seguro de si.

Subitamente irromperam gritos de dentro do prédio. A uma ordem do chefe, os policiais do lado de fora levantaram as armas na direção da porta da frente; o resto recuou alguns metros. Dois tiras, pistolas apontadas para alguém do lado de dentro, recuavam da porta. Um segundo depois, Boone, as mãos algemadas à sua frente, era empurrado para a luz. Ela quase o cegou. Ele tentou fugir de seu brilho, voltar às sombras, mas ali estavam dois homens armados o acompanhando, e eles o pressionaram a seguir em frente.

Não havia sinal da criatura em que Lori o havia visto se transformar, mas não faltavam lembranças de sua fome. Havia sangue colado na sua blusa, ao peito, e salpicado pelo rosto e pelos braços.

Algumas pessoas da plateia aplaudiram, uniformizadas e à paisana, quando viram o assassino algemado. Decker juntou-se a elas, assentindo e sorrindo, quando Boone foi levado para longe, cabeça baixa para não olhar o sol, e colocado no banco de trás de um dos carros.

Lori observou a cena com muitos sentimentos exigindo sua atenção. Alívio de que Boone não havia sido fuzilado à primeira vista, misturado com o horror do que ela agora sabia que ele era; ódio da exibição de Decker, e nojo dos que se deixaram levar por ela.

Tantas máscaras. Ela era a única que não tinha uma vida secreta, nenhuma outra personalidade nos ossos ou na mente? Se não, então talvez não tivesse lugar naquele jogo de *aparências*; talvez Boone e Decker fossem os verdadeiros amantes ali, trocando socos e trocando de rostos, mas *necessários* um ao outro.

E ela havia abraçado aquele homem, exigido que ele a abraçasse, posto os lábios no rosto dele. Ela jamais poderia fazer isso de novo, sabendo o que havia à espera por trás daqueles lábios, por trás daqueles olhos. Jamais poderia *beijar a besta*.

Então, por que pensar nisso e fazer seu coração bater tão fone?

XVI

Agora ou Nunca

— O que está me dizendo? Que existem mais dessas pessoas envolvidas? Uma espécie de culto?

Decker juntou forças para repetir seu alerta contra Midian. Os policiais chamaram seu chefe de todos os nomes pelas costas, menos pelo nome certo. Cinco minutos em sua presença e Decker sabia por quê; dez e já estava planejando como esquartejar o sujeito. Mas naquele dia não. Naquele dia, ele precisava de Irwin Eigerman: e Eigerman, ainda que não o soubesse, precisava dele. Enquanto a luz do dia perdurasse, Midian estava vulnerável, mas tinham de ser rápidos. O cair da noite ainda podia estar a uma boa distância, mas Midian também não ficava perto. Levar uma força-tarefa até lá para virar o local de pernas para o ar era trabalho para várias horas; e cada minuto perdido em discussão era um minuto a menos de ação.

— Debaixo do cemitério — disse Decker, recomeçando do ponto em que havia começado meia hora antes.

Eigerman fingiu não escutar. Sua euforia havia crescido em proporção direta ao número de corpos retirados do Sweetgrass Inn, uma contagem que até o momento era de dezesseis. Tinha esperanças de que houvessem mais. O único sobrevivente humano era um bebê de um ano de idade encontrado num monte de lençóis ensopados de sangue. Ele próprio o havia tirado do edifício, para o benefício das câmeras. Amanhã, o país saberia seu nome.

Nada daquilo seria possível sem a dica de Decker; claro, e era por isso que estava ali agradando ao homem, embora naquele estágio dos procedimentos, com repórteres e fotógrafos chamando, o cacete que ele iria atrás de uma meia dúzia de malucos que gostavam de morar com os mortos, coisa que Decker sugeria que ele fizesse.

Sacou do pente e começou a ajeitar os fios escassos da cabeleira, na esperança de tapear as câmeras. Não era nenhuma beleza, ele sabia. Quando isso escapava de sua mente, ele tinha Annie para lembrá-lo. Você parece um porco, ela gostava de comentar, normalmente antes de se deitar, nas noites de sábado. Mas as pessoas viam o que queriam ver. Depois daquele dia, ele iria parecer um herói.

— Está me ouvindo? — perguntou Decker.

— Estou. Tem gente profanando túmulos. Eu ouvi.

— Não estão profanando túmulos. Não são gente.

— Aberrações — disse Eigerman. — Já vi esse tipo.

— Não como esses.

— Você não está dizendo que algum deles estava no Sweetgrass, está?

— Não.

— O responsável está conosco aqui?

— Está.

— Trancafiado a sete chaves.

— Sim. Mas há outros em Midian.

— Assassinos?

— Provavelmente.

— Não tem certeza?

— Leve um pessoal seu até lá.

— Qual é a pressa?

— Já lhe disse uma dúzia de vezes.

— Então me conte de novo.

— Eles têm que ser cercados à luz do dia.

— O que é que eles são? Alguma espécie de vampiros? — soltou um risinho. — E isso?

— De certo modo... — retrucou Decker.

— Bom, de certo modo eu é que tenho que lhe dizer, isso vai ter que esperar. Tem gente aqui querendo me entrevistar, doutor. Não posso deixá-los lá fora implorando. Não é educado.

— Foda-se a educação. Você tem assistentes, não tem? Ou esta é uma cidade de um tira só?

Eigerman ficou claramente irritado com isso.

— Eu tenho assistentes.

— Então posso lhe sugerir que despachasse alguns deles a Midian?

— Para fazer o quê?

— Cavar.

— Aquilo ali provavelmente é terreno consagrado, cavalheiro — replicou Eigerman. — Campo santo.

— O que tem embaixo não é santo — respondeu Decker, com uma gravidade que calou Eigerman.

— Você confiou em mim uma vez, Irwin — ele disse. — E apanhou um assassino. Confie em mim novamente. Você tem que virar Midian pelo avesso.

2

Muitos terrores haviam acontecido, é verdade, mas os velhos imperativos continuavam os mesmos: o corpo tinha de comer, de dormir. Depois de deixar o Sweetgrass Inn, Lori satisfez a primeira necessidade, vagando pelas ruas até encontrar uma loja convenientemente anônima e ocupada, e lá comprando uma série de coisas para mastigar: rosquinhas com geléia, torta de maçã com creme, leiteinho com sabor de chocolate, queijo. Então sentou-se ao sol e comeu, sua mente entorpecida incapaz de pensar muito além

do simples trabalho de morder, mastigar e engolir. A comida a fez ficar com tanto sono que mesmo que tentasse ela não podia negar às suas pálpebras o direito de baixarem. Quando acordou, seu lado da rua, que antes estava banhado pela luz do sol, achava-se em sombras. A pedra do meio-fio estava gelada, e seu corpo doía. Mas a comida e o descanso, por mais primitivos que fossem, lhe haviam feito algum bem. Seus processos de pensamento estavam um pouco mais equilibrados.

Não tinha muito para se sentir otimista, isso era certo, mas a situação fora mais desesperançada quando ela chegara à cidade pela primeira vez, com o objetivo de encontrar o local onde Boone havia tombado. Naquela vez ela havia acreditado que o homem que amava estaria morto; fora a peregrinação de uma viúva. Agora pelo menos ele estava vivo, embora só Deus soubesse que horror, contraído nas tumbas de Midian, o possuía. Dado esse fato, talvez fosse bom que ele estivesse seguro nas mãos da lei, cujo lento processo de ação daria a ela tempo de pensar em seus problemas. O mais urgente de todos era um meio para desmascarar Decker. Ninguém podia matar tantos sem deixar algum traço de evidência. Talvez no restaurante, onde ele havia assassinado Sheryl. Ela duvidava que ele fosse levar a polícia até lá como fizera no caso do hotel. Pareceria cumplicidade demais com o acusado, saber assim de todos os locais das mortes. Ele aguardaria que o outro cadáver fosse achado por acidente, sabendo que o crime seria imputado a Boone. O que significava que — *talvez* — o local estivesse intocado, e ela pudesse ainda encontrar alguma pista que o incriminasse; ou pelo menos abrisse uma brecha naquele rosto tão imaculado.

Voltar aonde Sheryl havia morrido, e onde ela própria havia suportado as provocações de Decker, não seria nada fácil, mas era a única alternativa que tinha à derrota.

Foi rapidamente. A luz do dia, tinha esperanças de reunir a coragem para passar pela porta carbonizada. A noite, seria outra história.

3

Decker observou Eigerman dar instruções aos assistentes, quatro homens que partilhavam com seu chefe a aparência de mal-encarados bonzinhos.

— Agora eu confio em nossa fonte — ele disse magnânimo, lançando um olhar para Decker — e se ele me diz que tem algo de ruim acontecendo em Midian, então eu acho que vale a pena ouvir. Quero que vocês vasculhem um pouquinho por ali. Vejam o que puderem.

— O que exatamente nós estamos procurando? — um deles quis saber. Seu nome era Pettine. Um quarentão com o rosto largo e vazio de um comediante; e uma voz alta demais, e uma barriga grande demais.

— Qualquer coisa estranha — respondeu Eigerman.

— Como pessoas mexendo com os mortos? — perguntou o mais novo dos quatro.

— Pode ser, Tommy — disse Eigerman.

— É mais do que isso — interrompeu Decker. — Acredito que Boone tem amigos no cemitério.

— Um maluco daqueles tem amigos? — comentou Pettine.

— Quero até ver com que merda eles se parecem.

— É só pegá-los, rapazes.

— E se eles não quiserem vir?

— O que é que você está perguntando, Tommy?

— Usamos de força?

— Faça com os outros, garoto, antes que façam com você.

— São bons homens — Eigerman disse a Decker quando o quarteto foi despachado. — Se houver alguma coisa para se achar ali, eles acharão.

— Ótimo.

— Vou ver o prisioneiro. Quer vir?

— Já vi o bastante de Boone para nunca mais.

— Você é quem sabe — disse Eigerman, e deixou Decker com seus cálculos.

Ele quase se oferecera para ir com os policiais para Midian, mas havia muito trabalho para fazer ali, preparando o terreno para as revelações que viriam. Sim, porque *haveria* revelações. Embora até o momento Boone não tivesse respondido até mesmo às perguntas mais simples, no fim das contas ele acabaria quebrando o silêncio, e quando o fizesse Decker teria que responder a outras tantas questões. Não havia chance de que qualquer das acusações de Boone fosse levada a sério — o homem tinha sido encontrado com carne humana na boca, ensanguentado da cabeça aos pés — mas havia elementos de eventos recentes que confundiram até mesmo Decker, e até que cada variável do cenário houvesse sido localizada e compreendida, ele ficaria prevenido.

O que, por exemplo, havia acontecido a Boone? Como o bode expiatório recheado de balas e fichado como morto havia se tornado o monstro enlouquecido para o qual ele quase perdera a

vida na noite anterior? Boone havia chegado a afirmar que estava morto, pelo amor de Deus — e no pavor do momento Decker quase compartilhara de sua psicose. Agora ele via com mais clareza. Eigerman estava certo. Eles *eram* aberrações, ainda mais estranhos do que o normal. Coisas que desafiavam a natureza, que deviam ser tiradas debaixo de suas lápides e encharcadas de gasolina. Ele próprio ficaria muito feliz de poder acender o fósforo.

— Decker?

Afastou-se de seus pensamentos para achar Eigerman fechando a porta para o burburinho de jornalistas do lado de fora. Todos os resquícios de sua confiança anterior haviam ido embora. Estava suando muito.

— Ok, que merda está acontecendo aqui?

— Nós temos algum problema, Irwin?

— Claro que temos um problema, merda.

— Boone?

— Claro que é com o Boone.

— O quê?

— Os médicos acabaram de examiná-lo. Procedimentos de rotina.

— E?

— Quantas vezes você atirou nele? Três, quatro?

— É, por aí.

— Bom, as balas ainda estão nele.

— Não estou tão surpreso — disse Decker. — Eu lhe disse que não estamos lidando com gente comum aqui. O que os médicos dizem? Que ele deveria estar morto?

— Ele *está* morto.

— Quando foi isso?

— Não estou dizendo que ele morreu agora, seu merda — retrucou Eigerman. — Quero dizer que ele *está* lá, sentado na minha cela fodida, morto. Quero dizer que o coração dele não *está* batendo.

— Isso é impossível.

— Tem dois médicos filhos-da-puta me dizendo que o homem é um morto-vivo, e me convidando para ver por conta própria. Quer saber mais que eles, *doutor*?

XVII

Delírio

Lori estava do outro lado da rua, e ficou olhando o restaurante queimado por cinco minutos, para ver se havia algum sinal de atividade. Nenhum. Somente agora, em plena luz do dia, ela percebia como a vizinhança era miserável. Decker tinha escolhido bem. A chance de alguém tê-lo visto entrar ou sair do lugar na noite anterior era muito provavelmente zero. Mesmo no meio da tarde, nenhum pedestre passava na calçada, e os poucos veículos que usavam o asfalto seguiam disparados a caminho de algum lugar mais acolhedor.

Algo acerca do local — talvez o calor do sol, em contraste ao tûmulo anônimo de Sheryl — trouxe-lhe de volta à mente sua aventura solitária em Midian; ou, de forma mais particular, seu encontro com Babette. Não era somente sua cabeça que evocava a garota. Parecia-lhe que todo o seu corpo estava revivendo aquele primeiro encontro. Ela podia sentir o peso da criatura que havia apanhado debaixo da árvore e posto contra o peito. Aquela respiração custosa estava em seus ouvidos, o cheiro agridoce feria suas narinas.

As sensações vinham com tanta força que quase constituíam um *chamado*: o perigo do passado fazendo sinais para o presente. Ela parecia *ver* a criança olhando para ela de seus braços, embora

nunca tivesse segurado Babette em forma humana. A boca da criança abria e fechava, formando um apelo que Lori não conseguia ler somente dos lábios.

Então, como uma tela de cinema que escurece no meio do filme, as imagens desapareceram, e só lhe restava um conjunto de sensações: a rua, o sol, o edifício queimado à frente.

Não havia porque evitar o terrível momento por mais tempo. Atravessou a rua, subiu a calçada, e sem se permitir diminuir o passo um segundo sequer, entrou pela porta carbonizada para a penumbra do interior. Tudo ficou escuro tão rápido! E tão rapidamente frio! Um passo para fora da luz do sol, e ela estava em outro mundo. Seu passo reduzia-se um pouco agora, enquanto driblava o labirinto de escombros que havia entre a porta da frente e a cozinha. Tinha uma intenção única fixada claramente na cabeça: achar alguma mínima prova que condenasse Decker. Precisava manter todos os outros pensamentos afastados: nojo, tristeza, medo. Tinha de ser fria e calma. Jogar o jogo de Decker.

Segurando-se, ela passou por baixo do arco.

Mas não entrou na cozinha, e sim em *Midian*.

Ela soube onde estava no momento em que aconteceu: o frio e o escuro das tumbas eram inconfundíveis. A cozinha havia simplesmente desaparecido: cada azulejo dela. Do outro lado da câmara estava Rachel, olhando para o teto, o rosto perturbado. Por um momento ela olhou para Lori, sem registrar qualquer surpresa com sua presença. Então voltou a observar e escutar.

— O que há de errado? — perguntou Lori.

— Shh — Rachel disse áspera, e então pareceu lamentar sua dureza e abriu os braços. — Venha cá, criança — ela disse.

Criança. Então era isso. Ela não estava em Midian, estava em Babette, vendo com os olhos da criança. As lembranças que sentira de maneira tão forte na rua haviam sido um prelúdio para uma união de mentes.

— Isto é real? — ela perguntou.

— Real? — Rachel murmurou. — Claro que é real...

Suas palavras falharam, e ela olhou para a filha com uma interrogação no rosto.

— Babette? — ela perguntou.

— Não... — replicou Lori.

— Babette. O que foi que você fez?

Ela foi na direção da criança, que recuou. Sua visão por aqueles olhos roubados lhe trazia um gosto do passado de volta. Rachel parecia impossivelmente alta, sua aproximação desajeitada.

— O que foi que você fez? — ela tornou a perguntar.

— Eu trouxe ela — disse a garota. — Para ver.

O rosto de Rachel ficou furioso. Ela agarrou o braço da filha. Mas a criança era rápida demais para ela. Antes que pudesse ser apanhada, disparou para longe de Rachel. Os olhos da mente de Lori foram com ela, estonteados pela corrida.

— Volte já aqui — sussurrou Rachel.

Babette ignorou as instruções e saiu pelos túneis, virando uma curva atrás da outra com a facilidade de quem conhecia o labirinto pelo avesso. A rota levou corredora e passageiramente para longe

dos caminhos principais, para passagens mais escuras e estreitas, até que Babette teve certeza de que não continuava sendo perseguida. Elas haviam chegado a uma abertura na parede, pequena demais para permitir a passagem de adultos. Babette embarafustou-se por ali, para dentro de um espaço do tamanho de uma geladeira e tão frio quanto, que era o esconderijo da criança. Ali ela se sentava para tomar fôlego, os olhos sensíveis capazes de romper a total escuridão. Seus poucos tesouros estavam reunidos ao redor. Uma boneca feita de talos de capim e coroada com flores primaveris; dois crânios de pássaros, uma pequena coleção de pedras. Apesar de tudo o que a tornava diferente, nisso Babette era igual a qualquer criança: sensível, ritualística. Ali estava seu mundo. Deixar Lori vê-lo não era pouco.

Mas ela não havia levado Lori até ali simplesmente para que visse suas tralhas. Havia vozes lá em cima, próximas o bastante para serem ouvidas com clareza.

— *Nossa mãe!* Já viu uma merda dessas? Dava pra esconder um exército inteirinho aqui.

— Diz isso não, Cas.

— Tá se cagando de medo, Tommy?

— Não.

— Tô sentindo o cheiro.

— Vá te foder.

— Calem a boca os dois. Temos trabalho a fazer.

— Por onde a gente começa?

— Vamos procurar algum sinal de perturbação.

- Tem gente aqui. Estou sentindo isso. Decker tinha razão.
- Então vamos pegar os filhos-da-puta onde a gente possa vê-los.
- Quer dizer... *descer*? Eu não vou não.
- Não precisa.
- Então como é que vamos trazê-los pra cima, babaca?

A resposta não foi uma palavra, mas um tiro, ecoando contra a pedra.

- Vai ser como pescar peixes num barril — alguém disse. — Se não subirem, podem ficar lá embaixo permanentemente. — Poupa o trabalho de cavar uma sepultura!

Quem são essas pessoas?, pensou Lori. Assim que se fez essa pergunta, Babette levantou-se e entrou por um duto estreito que levava para fora de seu quartinho de brincar. Era do tamanho exato para acomodar seu corpinho; Lori sentiu uma ponta de claustrofobia. Mas havia uma compensação. A luz do dia logo acima, e a fragrância do ar livre, que, aquecendo a pele de Babette, aqueceu Lori também.

A passagem era aparentemente alguma espécie de sistema de drenagem. A criança esgueirou-se por um amontoado de escombros, parando apenas para olhar o corpo de uma cobra que havia morrido no duto. As vozes que vinham de cima estavam perturbadoramente próximas.

- Estou dizendo, vamos começar aqui e abrir cada maldito túmulo até encontrarmos alguma coisa para levar pra casa.
- Aqui não tem nada que eu queira levar pra casa.

— Merda, Pettine, eu quero *prisioneiros*! Tantos filhos-da-puta quanto conseguirmos apanhar!

— Não devíamos ligar antes? — perguntava agora um quarto. Essa voz dissidente ainda não tinha sido ouvida nas conversas. — Talvez o chefe tenha novas instruções para nós.

— Foda-se o chefe — disse Pettine.

— Só se ele pedir *por favor* — foi a resposta de Cas.

Entre as gargalhadas que se seguiram, vários outros comentários foram feitos, obscenidades em sua maioria. Foi Pettine quem silenciou a sessão de risos.

— Ok. Vamos logo com essa merda.

— Quanto mais cedo, melhor — disse Cas. — Pronto, Tommy?

— Sempre pronto.

A fonte da luz em cuja direção Babette engatinhava agora se tornava aparente: uma grade na lateral do túnel.

Fique longe do sol, Lori se descobriu pensando.

Está tudo bem, responderam os pensamentos de Babette. Obviamente não era a primeira vez que ela utilizava o buraco para espionar. Como um prisioneiro sem esperanças de perdão, ela se agarrava a toda distração que pudesse encontrar para amenizar a passagem do tempo. Observar o mundo dali era uma dessas distrações, e ela escolhera bem o ponto de observação. A grade oferecia uma vista das avenidas mas era de tal forma colocada na parede do mausoléu que a luz do sol não incidia diretamente sobre

ela. Babette colou o rosto à grade, para ter uma noção maior do que se passava do lado de fora.

Lori podia ver três dos quatro que falavam. Todos uniformizados; todos — apesar de contarem vantagem — pareciam homens que podiam pensar numa dezena de lugares melhores para se estar do que ali. Mesmo em plena luz do dia, armados até os dentes e a salvo no sol, não estavam à vontade. Não era difícil adivinhar por quê. Se tivessem vindo para fazer prisioneiros num cortiço, não estariam apresentando metade dos olhares furtivos e tiques nervosos que mostravam ali. Mas aquele era território da Morte, e eles se sentiam como intrusos.

Em qualquer outras circunstâncias ela teria se deleitado com o desconforto deles. Mas não ali, não naquele instante. Ela sabia do que homens com medo, e com medo de seus temores, eram capazes.

Vão achar a gente, ouviu Babette pensar.

Vamos torcer para que não achem, responderam seus pensamentos.

Mas vão achar, disse a criança. *O Profético disse.*

Quem?

A resposta de Babette foi uma imagem, de uma criatura que Lori vira de relance quando perseguira Boone nos túneis: a besta com larvas nas feridas, deitada no colchão num quarto vazio. Agora ela a via em diferentes circunstâncias, erguida sobre as cabeças da congregação por dois membros da Raça, por cujos braços suados o sangue fervente da criatura corria. Ela estava falando, embora não pudesse ouvir suas palavras. Profecias, presumiu; e entre elas, aquela cena.

Eles vão nos encontrar, e tentar matar todo mundo, pensou a criança.

E vão conseguir?

A criança ficou quieta.

Vão conseguir? Babette?

O Profético não pode ver, porque é um dos que vão morrer. Talvez eu morra também.

O pensamento não tinha voz, e então veio como emoção pura, uma onda de tristeza a que Lori não tinha como resistir ou como curar.

Um dos homens, Lori agora reparava, havia passado à frente de seu colega, e sorratamente apontava para um túmulo à sua direita. Sua porta estava ligeiramente entreaberta. Havia movimento lá dentro. Lori sabia o que iria acontecer; e a criança também. Sentiu uma tremedeira pela espinha de Babette, assim como os dedos dela se curvarem ao redor da grade, agarrando-a em antecipação do horror que viria. Subitamente os dois homens estavam na porta da tumba, e abriram-na a pontapés. Um grito veio de dentro; alguém caiu. O líder dos policiais entrou em segundos, acompanhado do parceiro, o ruído alertando o terceiro e o quarto para a porta da tumba.

— Saiam da frente! — gritou o guarda lá dentro. O policial recuou e com um sorriso de satisfação no rosto o outro arrastou o prisioneiro para fora do esconderijo, seu colega chutando-o por trás.

Lori captou apenas um lampejo da vítima, mas os olhos rápidos de Babette pensaram seu nome.

Ohnaka.

— De joelhos, filho-da-puta — o tira de trás mandou, e chutou as pernas do prisioneiro. O homem caiu, curvando a cabeça para evitar que o sol rompesse a defesa de seu chapéu de abas largas.

— Bom trabalho, Gibbs — Pettine sorriu.

— Então, cadê o resto deles? — exigiu saber o mais novo dos quatro, um garoto magrelo com gorro na cabeça.

— No subterrâneo, Tommy — anunciou o quarto homem.

— Foi o que Eigerman disse.

Gibbs aproximou-se de Ohnaka.

— Vamos levar esse cara de merda pra nos mostrar — ele disse. Olhou para o companheiro de Tommy: um homem baixo e largo. — Você é que é bom com essas coisas, Cas.

— É, até hoje ninguém nunca me disse não — replicou o homem. — Verdade ou mentira?

— Verdade — disse Gibbs.

— Quer este homem no seu caso? — Pettine perguntou a Ohnaka. O prisioneiro não disse nada.

— Acho que ele não ouviu — disse Gibbs. — Pergunte a ele, Cas.

— Com certeza.

— Com *dureza*.

Cas chegou perto de Ohnaka, esticou a mão e arrancou o chapéu de sua cabeça. Instantaneamente Ohnaka começou a gritar.

— Cale a boca, merda! — Cas gritou com ele, chutando-o no estômago.

Ohnaka continuou gritando, os braços cruzados sobre a cabeça calva para afastar o sol, e se levantou cambaleando. Desesperado, em busca do conforto da escuridão, começou a voltar para a porta aberta, mas o jovem Tommy já estava lá para bloquear o seu caminho.

— Isso mesmo, Tommy! — gritou Pettine. — Vá pegá-lo, Cas!

Forçado a voltar ao sol, Ohnaka havia começado a tremer como se estivesse tendo um ataque epilético.

— Que merda é essa? — perguntou Gibbs.

Os braços do prisioneiro não tinham mais forças para proteger a sua cabeça. Caíram para os lados do corpo, fumegando, fazendo com que Tommy olhasse direito para seu rosto. O rapaz não falava. Simplesmente deu dois passos cambaleantes para trás, deixando cair o rifle.

— O que é que você está fazendo, caralho? — gritou Pettine.

Então ele agarrou o braço de Ohnaka para impedir que ele apanhasse a arma caída. Na confusão do momento foi difícil para Lori ver o que aconteceu em seguida, mas parecia que a carne de Ohnaka estava cedendo. Cas soltou um grito de nojo, e Pettine soltou outro de fúria ao puxar a mão, deixando cair um punhado de tecido e pó.

— *Que merda é essa?* — gritou Tommy. — *Que merda é essa? Que merda?*

— Cale a boca! — Gibbs mandou, mas o rapaz estava fora de controle. Não parava de repetir a mesma pergunta?

— *Que merda é essa?*

Imobilizado pelo pânico de Tommy, Cas partiu para derrubar Ohnaka. O soco que ele desferiu fez mais do que pretendia. Quebrou o braço de Ohnaka na altura do cotovelo, e o membro caiu aos pés de Tommy. Seus gritos foram substituídos pelo vomito. Até mesmo Cas recuou, balançando a cabeça, incrédulo.

Ohnaka estava além de qualquer ajuda agora. Suas pernas cediam, seu corpo foi ficando cada vez mais fraco sob o ataque do sol. Mas foi seu rosto — virado agora para Pettine — que provocou os gritos mais altos, quando a carne caiu e os buracos de seus olhos soltaram fumaça como se o cérebro estivesse em chamas. Ele não uivava mais. Não havia força em seu corpo para isso. Simplesmente afundou ao chão, a cabeça jogada para trás como se convidando a velocidade do sol para acabar de uma vez com a agonia. Antes de atingir o chão, algum músculo em seu corpo arrebentou com um som de tiro. Os restos em decomposição voaram numa explosão de sangue e ossos.

Lori queria que Babette virasse a cara, tanto por sua causa quanto pela criança. Mas ela se recusava a desviar os olhos. Mesmo depois do horror terminado — o corpo de Ohnaka espalhado em pedaços pela avenida — ela ainda apertava o rosto contra a grade, como se para conhecer aquela morte ao sol em todos os seus detalhes. Tampouco Lori pôde deixar de olhar enquanto a criança observava. Ela partilhou cada tremor nos membros de Babette; sentiu o gosto das lágrimas que ela segurava, para não deixar que nublassem sua visão. Ohnaka estava morto, mas seus executores ainda não haviam terminado o serviço. Enquanto houvesse coisas para ver a criança continuaria olhando.

Tommy tentava limpar restos de vômito do peito do uniforme. Pettine chutava um fragmento do cadáver de Ohnaka; Cas tirava um cigarro do bolso da camisa de Gibbs.

— Me dá um fogo? — pediu. Gibbs meteu a mão trémula no bolso da calça para pegar fósforos, os olhos fixos nos restos fumegantes.

— Nunca vi nada como isso antes — disse Pettine, quase casualmente.

— Agora você se cagou, Tommy? — perguntou Gibbs.

— Foda-se — foi a resposta. A pele clara de Tommy estava vermelha de vergonha. — Cas disse que devíamos ter chamado o chefe — ele disse. — Ele tinha razão.

— Que merda Eigerman entende? — Pettine comentou, e cuspiu na poeira vermelha aos seus pés.

— Viu o rosto daquele filho-da-puta? — perguntou Tommy. — Você viu como ele olhou pra mim? Eu estava quase morto, estou lhe dizendo. Ele teria me pegado.

— O que está havendo por aqui? — Cas quis saber.

Gibbs quase acertou a resposta.

— Luz do sol — respondeu. — Já ouvi falar de doenças assim. Foi o sol que pegou ele.

— O que é isso, cara — disse Cas. — Nunca vi nem ouvi falar de nada disso.

— Bom, nós vimos e ouvimos agora — Pettine disse com mais do que uma pequena satisfação. — Não foi nenhuma alucinação.

— Então, o que vamos fazer? — Gibbs quis saber. Estava tendo dificuldades em levar o fósforo em suas mãos trêmulas até o cigarro nos lábios.

— Vamos procurar mais — disse Pettine — e continuar a procurar.

— Eu não — disse Tommy. — Vou chamar esse filho-da-puta desse chefe. Não sabemos quantos monstros assim tem lá. Podem ser centenas. Você mesmo disse isso. Podia esconder um exército inteiro, você falou.

— Do que é que está com medo? — retrucou Gibbs. — Você viu o que o sol fez a ele.

— E. E o que acontece quando o sol se põe, sua besta? — foi a resposta atravessada de Tommy.

A chama do fósforo queimou os dedos de Gibbs. Ele soltou-o com um palavrão.

— Eu já vi filmes — disse Tommy. — As coisas saem à noite.

A julgar pelo olhar no rosto de Gibbs, ele tinha visto os mesmos filmes.

— Talvez você *devesse* chamar alguma ajuda — ele disse. — Por via das dúvidas.

Os pensamentos de Lori falaram apressados com a criança.

Você precisa avisar Rachel. Dizer a ela o que vimos.

Eles já sabem, foi a resposta da criança.

Conte de qualquer forma. Me esqueça! Conte a eles, Babette, antes que seja tarde.

Não quero te deixar.

Não posso ajudar você, Babette. Não pertenco a vocês. Eu sou...

Ela tentou impedir o pensamento de surgir, mas era tarde.

...sou normal. O sol não vai me matar como mata vocês. Eu estou viva. Sou humana. Não pertenco a vocês.

Ela não teve oportunidade de qualificar essa resposta apressada. O contato foi rompido no mesmo instante — a visão dos olhos de Babette desapareceu — e Lori descobriu-se de pé à entrada da cozinha.

O som de moscas estava alto em sua cabeça. O zumbido delas não era eco de Midian, mas a realidade. Estavam circulando no aposento à sua frente. Ela sabia bem demais qual o cheiro que as havia atraído, famintas e cheias de ovos para depositar; e sabia com igual certeza que depois de tudo que tinha visto em Midian não conseguiria dar mais um passo na direção do cadáver no chão. Havia muita morte em seu mundo, dentro e fora de sua cabeça. Se não escapasse, ficaria louca. Tinha de sair para o ar livre, onde poderia respirar livremente. Talvez encontrar alguma dessas vendedoras bem comuns de loja e conversar sobre o tempo, o preço dos absorventes; qualquer coisa, desde que fosse banal, previsível.

Mas as moscas queriam zumbir nos seus ouvidos. Ela tentou afastá-las com as mãos. Mas elas continuavam em cima dela, sem cessar, asas gordurosas de morte, patas vermelhas.

— Me deixem em paz — ela soluçou. Mas sua excitação as atraía cada vez mais, saindo de sua mesa de jantar, atrás dos fogões, ao som da voz dela. Sua mente lutou para agarrar-se à realidade dentro da qual havia sido atirada, e seu corpo lutou para se virar e deixar a cozinha.

Ambos falharam, mente e corpo. A nuvem de moscas a atingiu, em número agora tão grande que eram uma escuridão em si mesmas. Mal e mal ela percebeu que tamanha multiplicidade era impossível, e que sua mente confusa estava criando esse terror. Mas seu pensamento estava distante demais para manter a loucura afastada; sua razão tentava alcançá-lo, e tentava, mas a nuvem estava em cima dela agora. Ela sentia as patinhas nos braços e rosto, deixando rastros do que quer que elas estivessem saboreando: o sangue de Sheryl, a bÍlis de Sheryl, o suor e as lágrimas de Sheryl. Eram tantas que não conseguiam encontrar bastante carne para ocupar, e por isso começaram a forçar caminho entre seus lábios, subir pelas narinas e pelos olhos.

Uma vez, sonhando com Midian, os mortos não tinham vindo como pó, de todos os quatros cantos do mundo? E ela não havia ficado no meio da tempestade — acariciada, erodida — e feliz em saber que os mortos estavam no vento? Agora vinha o sonho complementar: horror pelo esplendor do primeiro. Um mundo de moscas para compensar aquele mundo de pó; um mundo de incompreensão e cegueira, dos mortos sem enterro, e sem um vento que os levasse embora. Somente moscas para festejar sobre eles, deitar sobre eles e fazer mais moscas.

E, comparando pó com moscas, ela soube qual preferia. Soube, enquanto a consciência a abandonava completamente, que se Midian morresse — e ela deixasse —, se Pettine e Gibbs e seus amigos invadissem o refúgio da Raça da Noite, então *ela*, que um dia fora pó, e tocada pela condição de Midian — não teria para onde ser carregada, e pertenceria, de corpo e alma, às moscas.

E caiu sobre os azulejos.

XVIII

A Fúria do Justo

Para Eigerman, ideias brilhantes e excreção estavam ligadas de forma inextrincável; ele tinha seus melhores pensamentos com as calças nos tornozelos. Mais de uma vez, de cara cheia, ele explicara a quem quisesse ouvir que a paz mundial e uma cura para o câncer poderiam ser alcançadas da noite para o dia se os bons e sábios simplesmente se sentassem para cagar juntos.

Sóbrio, teria ficado chocado em partilhar essa função tão particular. O vaso era um lugar de esforço solitário, onde aqueles que carregavam o fardo pesado de altas funções tinham um pouco de tempo para sentar e meditar sobre elas.

Estudou as pichações na porta à sua frente. Não havia nada de novo entre as obscenidades, o que era tranquilizador. Só os mesmos velhos rabiscos, precisando ser raspados. Eles lhe davam coragem em face de seus problemas.

Que eram essencialmente dois. Primeiro, ele tinha um morto sob custódia. Que, como a pichação, era uma velha história. Mas zumbis pertenciam aos filmes da madrugada na televisão, como sodomia à

parede do lavatório. Não tinham lugar no mundo real. O que o levava ao segundo problema: a chamada em pânico de Tommy Caan, reportando que algo de ruim estava acontecendo em Midian. A esses dois, refletindo melhor, ele agora somava um terceiro: o Doutor Decker. Ele usava um terno bonito, e falava bonito, mas havia algo de incompleto a seu respeito. Eigerman não havia admitido a suspeita a si mesmo até então, sentado no vaso, mas, agora que pensava nisso, era tão evidente quanto seu pau. O filho-da-puta sabia mais do que estava dizendo: não apenas sobre Boone, o Morto, mas sobre Midian e o que quer que estivesse havendo lá. Se ele estava enviando a elite de Shere Neck para se estrear, teria de prestar contas, e, claro como merda, iria se arrepender.

Enquanto isso, o chefe tinha de tomar algumas decisões. Começara o dia como um herói, levando à prisão o Matador de Calgary, mas o instinto lhe dissera que o rumo dos acontecimentos podia se descontrolar muito rapidamente. Havia muitos imponderáveis naquilo tudo; muitas questões para as quais ele não tinha respostas. Existia uma saída fácil, é claro. Poderia ligar para seus superiores em Edmonton e passar a merda toda para eles se virarem. Mas se entregasse o problema entregaria também a glória. A alternativa era agir agora — antes do cair da noite, o Tommy tinha falado sem parar, e quanto tempo faltava para aquilo? Três, quatro horas? — para extirpar as abominações de Midian. Se conseguisse, ganharia mais condecorações do que poderia carregar. Num dia ele teria não apenas levado um mal humano à justiça como também arrasado o covil em que ele tinha encontrado socorro: um conceito interessante.

Mas novamente as questões respondidas levantavam suas cabeças, e não eram bonitas. Se os médicos que haviam examinado Boone e os relatórios vindos de Midian eram de confiança, então as coisas que ele havia ouvido apenas em histórias seriam verdade. Ele realmente queria confrontar sua sanidade contra mortos que andavam e monstros que a luz do sol matava?

Ele sentou, e cagou, e pesou as alternativas. Levou meia hora, mas finalmente chegou a uma decisão. Como de costume, assim que o esforço acabava, tudo parecia tão simples. Talvez naquele dia o mundo não fosse mais o que havia sido anteriormente. E no dia seguinte, Deus querendo, seria como era antes: mortos ficando mortos, e sodomia nas paredes, que era o lugar dela. Se ele não agarrasse sua chance de se tornar um homem de destino, não haveria outra, pelo menos não até que ele fosse velho demais para fazer mais do que cuidar das hemorróidas. Essa era uma oportunidade dada por Deus para que ele mostrasse sua competência. Não podia se dar ao luxo de ignorá-la.

Com uma nova convicção em suas entranhas, ele limpou o rabo, levantou as calças, deu a descarga e saiu para encarar o desafio de cabeça erguida.

2

— Eu quero voluntários, Cormack, que venham para Midian comigo e comecem a cavar.

— Para quando precisará deles?

— *Agora*. Não temos muito tempo. Comece com os bares. Leve Holliday com você.

— Vamos dizer que é pra quê?

Eigerman parou para pensar um instante: o *quê* dizer.

— Diga que estamos procurando ladrões de túmulos. Isso vai levantar um tumulto razoável. Qualquer um que tenha uma arma e

uma pá serve. Quero todos reunidos em uma hora. Menos, se puder.

Decker sorriu quando Cormack saiu para o serviço.

— Estou satisfeito por ver que seguiu meu conselho.

— Seu conselho o caralho.

Decker limitou-se a sorrir.

— Saia já daqui, merda — disse Eigerman. — Tenho trabalho a fazer. Volte quando tiver encontrado uma arma para você.

— Até que eu poderia fazer isso.

Eigerman viu-o partir, e depois pegou o fone. Tinha um número em que ele pensava em ligar desde que decidira ir para Midian, um número para o qual não tivera motivo de ligar em muito tempo. Discou-o agora. Em segundos, o Padre Ashbery estava na linha.

— Parece sem fôlego, Padre.

Ashbery sabia quem era seu interlocutor sem precisar perguntar.

— Eigerman.

— Acertou de primeira. O que tem feito?

— Estava fora, correndo.

— Boa ideia. Eliminando os pensamentos sujos no suor.

— O que deseja?

— O que acha que desejo? Um sacerdote.

- Não fiz nada.
- Não é o que o tenho ouvido.
- Não vou pagar nada, Eigerman. Deus perdoou meus pecados.
- Não é nada disso.
- Então me deixe em paz.
- Não desligue!

Ashbery detectou rapidamente a súbita ansiedade na voz de Eigerman.

- Ora, ora — disse.
- O quê?
- Você está com um problema.
- Talvez nós dois estejamos.
- O que significa...?
- Quero você aqui realmente rápido, com o que tiver em matéria de crucifixos e água benta
- .
- Para quê?
- Confie em mim.

Ashbery deu uma gargalhada.

— Não estou mais à sua disposição, Eigerman. Tenho um rebanho para cuidar.

— Então faça isso por eles.

— Do que está falando?

— Você prega sobre o Dia do Juízo Final, certo? Bom, lá em Midian estão armando isso para você.

— Quem?

— Não sei quem e não sei por quê. Tudo o que sei é que precisamos de um pouquinho de santidade do nosso lado, e você é o único sacerdote que tenho.

— Você está por sua conta, Eigerman.

— Acho que não está me escutando. Estou falando de coisa séria aqui.

— Não vou jogar um de seus jogos idiotas.

— Estou falando sério, Ashbery. Se não vir de livre e espontânea vontade, eu faço você vir.

— Eu queimei os negativos, Eigerman. Sou um homem livre.

— Tirei cópias.

O padre ficou em silêncio. E, em seguida:

— Você jurou.

— Eu menti — foi a resposta.

— Você é um filho-da-puta, Eigerman.

— E você usa calcinhas de renda. Então, quando é que pode estar aqui?

Silêncio.

— Ashbery. Fiz uma pergunta.

— Me dê uma hora.

— Você tem quarenta e cinco minutos.

— Vá se foder.

— É disso que eu gosto: uma moçoila temente a Deus.

3

Deve ser o calor, Eigerman pensou quando viu quantos homens Cormack e Holliday haviam reunido no espaço de sessenta minutos. O calor sempre deixava o povo agitado: para fornicção, talvez, ou para matar. E, Shere Neck sendo o que era, e uma vez que fornicção não era tão fácil de se ter na hora em que se quisesse, o apetite para dar uns tiros estava bem grande hoje. Havia vinte homens do lado de fora, ao sol, e três ou quatro mulheres que iriam junto; mais Ashbery e sua água benta.

Até aquela hora, tinha recebido mais duas ligações de Midian. Uma de Tommy, que recebera ordens de voltar ao cemitério para ajudar Pettine e segurar o inimigo até que os reforços chegassem, e outra do próprio Pettine, informando Eigerman de que um dos ocupantes de Midian havia tentado escapar. Ele se esgueirava pelo portão

principal enquanto cúmplices criavam uma distração. A natureza dessa distração não só explicava a tosse de Pettine enquanto fornecia seu relatório, mas também porque não conseguiram efetuar uma perseguição. Alguém havia ateado fogo aos pneus dos carros. A conflagração estava rapidamente consumindo os veículos, incluindo o rádio no qual estava sendo feito o relato. Pettine estava explicando que não haveria mais boletins quando a transmissão foi interrompida.

Eigerman manteve essa informação para si, por medo de que esfriasse o apetite pela aventura à frente. Matar estava bem para todos, mas ele não tinha muita certeza de que tantos assim estariam prontos a prosseguir se soubessem que alguns dos filhos-da-puta também estavam prontos a lutar.

Quando o comboio partiu, ele olhou para o relógio. Tinham talvez duas horas e meia de boa luz antes que o sol começasse a se pôr. Quarenta e cinco minutos até Midian, o que deixava uma hora e quarenta e cinco minutos para pegar aqueles fodidos antes que o inimigo tivesse a noite do seu lado. Era tempo o bastante, se fossem organizados. Melhor tratar isso como um desalojamento costumeiro, Eigerman supôs. Trazer os filhos-da-puta para a luz e ver o que acontecia. Se eles se desmanchassem todos, do jeito que o cagão do Tommy tanto dissera, então era toda a prova de que um juiz precisaria de que aquelas criaturas eram impuras como o inferno. Se não — se Decker estivesse mentindo, Pettine novamente drogado, e tudo isso um serviço para tapear otários — ele encontraria alguém para fuzilar para que não fosse uma viagem perdida. Talvez simplesmente voltar e colocar uma bala no zumbi da cela cinco; o homem sem pulsação e sangue no rosto.

De uma forma ou de outra, ele não ia deixar o dia chegar ao fim sem lágrimas.

Parte Cinco

A BOA NOITE

"Nenhuma espada te tocará. Exceto a minha."

Juramento do Amante (Anon)



XIX

Cara de Poucos Amigos

Por que ela tinha de acordar? Por que tinha de recuperar os sentidos? Não podia simplesmente afundar e afundar, cada vez mais para o nada em que havia buscado refúgio? Mas ele não a queria. Ela levantou-se dele, contra a vontade, e retornou à velha dor de viver e morrer.

As moscas haviam ido embora. Já era alguma coisa. Ela se levantou, o corpo desajeitado; uma vergonha. Ao tentar limpar a poeira da roupa ouviu a voz chamando seu nome. Ao que parecia, não acordara por conta própria. Por um momento pavoroso, pensou que a voz fosse de Sheryl; que as moscas haviam sido bem-sucedidas em sua ambição, e a enlouquecido. Mas, da segunda vez, ela percebeu que era de outra: Babette. A criança a estava chamando. Dando as costas para a cozinha, ela apanhou sua bolsa e abriu caminho pelos escombros até a rua. A luz mudara desde que fizera o caminho inverso; horas haviam se passado enquanto ela se debatia no sono. Seu relógio, quebrado na queda, recusava-se a dizer quantas.

Ainda estava quente na rua, mas o calor do meio-dia há muito havia passado. A tarde estava chegando ao fim. Não levaria muito tempo até o crepúsculo.

Ela começou a caminhar, sem olhar para o restaurante uma vez sequer. Fosse qual fosse a crise de realidade que a afetara ali, a voz de Babette a havia tirado dela, e se sentia estranhamente leve, como se alguma coisa acerca de como o mundo funcionava tivesse ficado clara.

Ela sabia o que era, sem ter de pensar demais. Alguma parte vital dela, coração, cabeça ou ambos, havia feito as pazes com Midian e tudo o que ela continha. Nada nas câmaras havia sido tão agonizante quanto o que ela confrontara no edifício queimado: a solidão do corpo de Sheryl, o fedor da decomposição, a inevitabilidade daquilo tudo. Contra isso, os monstros de Midian

— transformando, rearranjando, embaixadores da carne de amanhã e lembranças vivas do passado — pareciam repletos de possibilidades. Não havia lá, entre aquelas criaturas, faculdades que ela invejava? O poder de voar; de se transformar; de conhecer a condição dos monstros; de desafiar a morte?

Tudo o que havia desejado ou invejado em outros de sua espécie agora lhe parecia sem valor. Sonhos de uma anatomia perfeita — o rosto de atriz de novela, o corpo de garota da capa — haviam distraído-a com promessas de felicidade verdadeira. Promessas vãs. A carne não podia conservar seu glamor, nem os olhos o seu brilho. Breve eles iriam para o nada.

Mas os monstros eram eternos. Parte de seu interior esquecido. Seu interior escuro, sombrio e transformador. Ela desejava fazer parte deles.

Ainda havia muito o que resolver, principalmente o apetite deles por carne humana, que ela havia testemunhado em primeira mão no Sweetgrass Inn. Mas poderia aprender a compreender. Falando a sério, ela não tinha escolha. Havia sido tocada por um conhecimento que modificara sua paisagem interior além de

qualquer reconhecimento. Não havia como voltar aos pastos tranquilos da adolescência e dos primeiros anos de vida adulta. Ela tinha de ir para a frente. E, naquele dia, isso significava andar por aquela rua vazia, para ver o que a noite que descia tinha para ela.

O motor fraco de um carro no lado oposto da estrada chamou sua atenção. Ela olhou para ele. As janelas estavam todas levantadas — apesar do calor do ar — o que ela achou estranho. Ela não podia ver o motorista; tanto as janelas quanto o pára-brisa estavam muito sujos. Mas uma suspeita desconfortável crescia nela. Era óbvio que o ocupante estava esperando alguém. E, como não havia mais ninguém na rua, esse alguém era muito provavelmente ela.

Se fosse isso, o motorista só podia ser um homem, pois apenas um sabia que ela tinha um motivo para estar ali: Decker.

Começou a correr.

O motor acelerou. Ela olhou de relance para trás. O carro estava saindo de seu estacionamento, bem devagar. Não tinha porque acelerar. Não havia sinal de vida ao longo da rua. Sem dúvida haveria alguém para socorrê-la, se pelo menos ela soubesse para que lado correr. Mas o carro já tinha percorrido metade da distância que os separava. Embora ela soubesse que não poderia correr mais do que ele, correu assim mesmo, o motor cada vez mais alto atrás. Ela ouviu os pneus cantarem contra o meio-fio. Então o carro apareceu ao seu lado, marcando passo com ela metro a metro.

A porta se abriu. Ela continuou correndo. O carro manteve seu passo de acompanhante, a porta raspando o concreto. Então, lá de dentro, o convite.

— Entre.

Filho-da-puta, ele estava *tão* calmo.

— Entre logo, antes que sejamos presos.

Não era Decker. A descoberta não foi um processo lento, mas uma súbita compreensão: *não era* Decker que falava de dentro do carro. Ela parou de correr, o corpo inteiro cansado do esforço de recuperar o fôlego.

O carro também parou.

— Entre — o motorista tornou a dizer.

— Quem...? — ela tentou dizer, mas os pulmões precisavam demais de sua respiração para dar-lhe as palavras.

A resposta veio, de qualquer forma.

— Amigo de Boone.

Ela continuou afastada da porta aberta.

— Babette me disse como encontrá-la — continuou o homem.

— Babette?

— *Quer entrar?* Temos trabalho a fazer.

Ela se aproximou da porta. Ao fazê-lo, o homem disse:

— Não grite.

Ela não teve fôlego para fazer um som sequer, mas certamente teve a *inclinação*, quando seus olhos pousaram no rosto na penumbra do carro. Aquela era uma das criaturas de Midian, sem dúvida, mas não um irmão das coisas fabulosas que havia visto nos túneis. A aparição do homem era horrenda, seu rosto vermelho, em carne viva, como um fígado cru. Se fosse de outra forma ela podia

ter desconfiado dele, sabendo o que sabia a respeito de mentirosos. Mas aquela criatura não podia fingir nada: sua ferida era uma honestidade viciosa.

— Meu nome é Narcisse — ele disse. — Quer fechar a porta, por favor? Para a luz não entrar. E nem as moscas.

2

A história dele, ou pelo menos a parte essencial, durou dois quarteirões e meio. Como conhecera Boone no hospital; como fora depois para Midian, e uma vez mais o encontrara; como, juntos, eles haviam quebrado as leis de Midian, indo até a superfície. Ele tinha uma lembrança dessa aventura, contou; uma ferida no estômago do tipo que uma dama jamais poderia pôr os olhos.

— Então eles o exilaram, como Boone? — ela perguntou.

— Bem que tentaram — ele respondeu. — Mas continuei por lá, esperando talvez conseguir um perdão. Então, quando vieram os policiais, pensei: bom, fomos nós quem trouxemos isso para cá. Eu deveria tentar achar Boone. Tentar deter o que começamos.

— O sol não mata você?

— Talvez eu ainda não esteja morto há tempo suficiente, mas não... eu posso suportar.

— Sabia que Boone está na cadeia?

— Sei. Por isso pedi a criança para me ajudar a achá-la. Penso que juntos poderemos tirá-lo de lá.

— Como é que vamos fazer isso, meu Deus?

— Não sei — confessou Narcisse. — Mas é melhor tentarmos, ora. E rápido. Eles já devem ter mais gente em Midian agora, escavando tudo.

— Mesmo que possamos libertar Boone, não sei o que ele pode fazer.

— Ele entrou na câmara do Batista — Narcisse replicou, levando o dedo ao lábio e ao coração. — Ele falou com Bafomé. Pelo que ouvi, ninguém além de Lylesburg fez isso antes e sobreviveu. Estou achando que o Batista tinha alguns truques a passar adiante. Alguma coisa que nos ajudará a deter a destruição.

Lori lembrou do rosto aterrorizado de Boone quando ele saía cambaleando da câmara.

— Não acho que Bafomé tenha lhe contado alguma coisa — disse.
— Ele quase não escapou vivo.

Narcisse soltou uma gargalhada.

— Ele *escapou*, não é? Você acha que o Batista teria permitido isso se não houvesse motivo?

— Tudo bem... então como vamos chegar até ele? Deve estar fortemente guardado.

Narcisse sorriu.

— Qual é a graça?

— Você se esquece do que ele é *agora* — disse ele. — Ele tem poderes.

— Eu não *me esqueço* — Lori replicou. — Eu simplesmente não sei.

— Ele não te contou?

— Não.

— Ele foi para Midian porque achou que havia derramado sangue...

— Isso eu já tinha calculado.

— E não tinha, é claro. Não tinha culpa alguma nisso. O que o tornava uma vítima.

— Quer dizer que ele foi atacado?

— Quase morto. Mas escapou, pelo menos até a cidade.

— Onde Decker estava esperando por ele — disse Lori, terminando a história; ou começando-a. — Ele teve uma sorte muito grande para nenhum dos tiros tê-los matado.

O sorriso de Narcisse, que tinha mais ou menos ficado pendurado em seu rosto desde o comentário de Lori sobre Boone estar fortemente guardado, desapareceu.

— O que quer dizer... — ele disse — ... nenhum dos tiros o matou? O que você acha que o levou de volta a Midian? Por que acha que abriram as tumbas para ele uma segunda vez?

Ela ficou olhando sem entender.

— Não estou entendendo — disse, esperando que isso fosse verdade. — O que está me dizendo?

— Ele foi mordido por Peloquim — disse Narcisse. — Mordido e infectado. O bálsamo entrou em seu sangue... — ele parou de falar.

— Quer que eu continue?

— Sim.

— O bálsamo entrou em seu sangue. Deu-lhe os poderes. Deu-lhe a fome. E permitiu que ele se levantasse da mesa de autópsia e saísse andando...

Suas palavras diminuíram de volume ao fim da frase, em resposta ao choque no rosto de Lori.

— Ele está morto? — ela murmurou.

Narcisse fez que sim.

— Pensei que você soubesse — ele disse. — Achei que estava fazendo uma brincadeira antes... sobre ele estar... — o comentário silenciou.

— Isto é demais — disse Lori. Seu punho havia se fechado sobre a maçaneta da porta, mas ela não tinha a força para abri-la. — ... demais.

— Estar morto não é ruim — disse Narcisse. — Não é nem assim tão diferente. E apenas... inesperado.

— Está falando de experiência própria?

— Estou.

A mão de Lori largou a maçaneta. Suas últimas gramas de energia tinham se esvaído.

— Não desista agora — disse Narcisse.

Mortos; todos mortos. Em seus braços, em sua mente.

— Lori. Fale comigo. Diga alguma coisa, mesmo que seja apenas adeus.

— Como... pode... brincar sobre isso? — ela perguntou.

— Se isso não é engraçado, é o quê? Triste. Não quero ser triste. Não quer sorrir? Vamos salvar seu namorado, você e eu.

Ela não respondeu.

— Posso aceitar o silêncio como um sim?

Ela continuou calada.

— Então vou aceitar.

XX

Comandado

Eigerman só havia estado em Midian uma vez antes, quando dera reforços para a polícia de Calgary na caçada a Boone. Fora então que conhecera Decker — que havia sido o herói do dia, arriscando a vida para tentar tirar o paciente do esconderijo. Ele falhara, claro. A coisa inteira terminara na execução sumária de Boone assim que ele saíra ao ar livre. Se houve um homem que devia ter caído e morrido, era *e/e*. Eigerman nunca vira tantas balas num pedaço de carne. Mas Boone não havia caído. Pelo menos não continuara caído. Levantara-se e saíra andando, sem o coração bater e com a carne da cor de peixe cru.

Coisa nojenta. A pele de Eigerman se arrepiava só de pensar nisso. Não que fosse admitir isso a alguém. Nem mesmo aos passageiros no banco de trás, o sacerdote e o doutor, ambos os quais tinham segredos. Os de Ashbery ele conhecia. O homem gostava de vestir roupas íntimas de mulher, o que Eigerman descobrira por acaso e usava como chantagem quando precisava de perdão para um pecado ou outro. Mas os segredos de Decker permaneciam um mistério. Seu rosto não traía nada, nem mesmo para um olho tão treinado em reconhecer a culpa quanto o de Eigerman.

Reajustando o retrovisor, o chefe olhou para Ashbery, que disparou-lhe um olhar mal-humorado.

— Já exorcizou alguém? — perguntou ao padre.

— Não.

— Já viu exorcizarem?

Novamente a resposta:

— Não.

— Mas você *acredita*? — disse Eigerman.

— Em *quê*?

— Em Céu e Inferno, pelo amor de Deus.

— Defina seus termos.

— Ahn?

— O que *você* quer dizer com Céu e Inferno?

— Jesus, não quero um debate de merda. Você é padre, Ashbery. Devia acreditar no Demônio. Não é isso, Decker?

O doutor grunhiu. Eigerman foi mais fundo.

— Todo mundo já viu algo que não consegue explicar, não é? Especialmente doutores, certo? Você já teve pacientes que falavam de jeito diferente...

— Não posso dizer que sim — replicou Decker.

— Não é certo? E tudo perfeitamente científico, não é?

— Eu diria que sim.

— Você diria que sim. E o que diria sobre Boone? — pressionou Eigerman. — Virar um zumbi é científico, também, merda?

— Não sei — murmurou Decker.

— Porra, não é demais? Tenho um padre que não crê no Demônio, e um doutor que não distingue ciência do seu rabo. Isso me faz sentir realmente confortável.

Decker não respondeu. Ashbery sim.

— Você acha realmente que tem coisa lá adiante, não acha?

— o padre perguntou. — Você está suando em bicas.

— Não força, santa — disse Eigerman. — Limite-se a usar o seu livrinho de exorcismos. Quero esses monstros de volta à merda de lugar de onde vieram. Você devia saber como.

— Hoje em dia existem outras explicações, Eigerman — replicou Ashbery. — Isto aqui não é Salem. Não vamos queimar ninguém.

Eigerman voltou sua atenção para Decker, pesando de leve a pergunta seguinte.

— O que acha, doutor? Acha que dá pra colocar aquele zumbi no divã? E perguntar pra ele se já quis comer a própria irmã?

— Eigerman deu uma olhada para Ashbery. — Ou usar as calcinhas dela?

— Eu acho que estamos indo para Salem sim — respondeu Decker. Havia uma sutileza em sua voz que Eigerman não tinha ouvido antes. — E também acho que você não dá a mínima pro que eu acredito ou deixo de acreditar. Você vai queimá-los de qualquer jeito.

— Com certeza — disse Eigerman, com uma gargalhada gutural.

— £ eu acho que Ashbery está certo. Você está apavorado.

Isso parou com as gargalhadas.

— Babaca — Eigerman disse baixinho.

Percorreram o resto do caminho em silêncio, Eigerman desenvolvendo um novo ritmo para o comboio, Decker observando a luz enfraquecendo a cada momento, e Ashbery, depois de alguns minutos de introspecção, folheando seus livros de orações, virando as páginas de papel-bíblia, procurando os Ritos de Expulsão.

2

Pettine esperava por eles a cinquenta metros do portão da necrópole, o rosto sujo de fumaça dos carros, que ainda estavam queimando.

— Qual é a situação? — Eigerman quis saber.

Pettine olhou para o cemitério.

— Não houve sinal de movimentação lã desde a fuga. Mas nós *ouvimos coisas*.

— Como o quê?

— Como se estivéssemos sentados em cima de um cupinzeiro — disse Pettine. — Tem coisas se movendo lá embaixo. Não há dúvida. Dá pra sentir também.

Decker, que tinha viajado num dos últimos carros, apareceu e juntou-se à discussão, cortando Pettine no meio da palavra e dirigindo-se a Eigerman.

— Temos uma hora e vinte minutos antes que o sol se ponha.

— Eu sei contar — replicou Eigerman.

— Então, não vamos cavar?

— Quando *eu* disser, Decker.

— Decker está certo, chefe — disse Pettine. — E do sol que eles têm medo. Estou lhe dizendo, acho que não é bom a gente ficar aqui depois de anoitecer. Tem muitos deles por aqui.

— Vamos ficar o tempo que for necessário para limpar esta merda — disse Eigerman. — Quantos portões existem?

— Dois. O grande e outro no lado noroeste.

— Tudo bem. Então não deve ser difícil contê-los. Pegue um dos caminhões e coloque na frente do portão principal, e aí vamos pôr homens em intervalos ao redor do muro, só para ter certeza de que ninguém vai sair. Assim que estiverem trancados, a gente se aproxima.

— Estou vendo que trouxe uma medida de segurança — comentou Pettine, olhando para Ashbery.

— Pode ter certeza.

Eigerman virou-se para o padre.

— Pode abençoar água, não pode? Torná-la benta?

— Posso.

— Então faça isso. Com qualquer água que a gente possa encontrar. Abençoe-a. Espalhe-a entre os homens. Pode ajudar em algo se as balas não ajudarem. E você, Decker, fique fora do caminho, porra. Isto agora é serviço da polícia.

Ordens dadas, Eigerman desceu até os portões do cemitério. Atravessando o terreno de poeira, ele rapidamente compreendeu o que Pettine quisera dizer com *cupinzeiro*. Havia alguma coisa acontecendo embaixo da terra. Ele chegou a ouvir vozes que lhe trouxeram à mente pensamentos de enterros prematuros. Já vira isso uma vez; ou suas consequências. Ajudara a desenterrar uma mulher cujos gritos foram ouvidos sob a terra. Ela tivera razões para isso: dera à luz e morrera em seu caixão. A criança, um anormal, havia sobrevivido. Acabara num hospício, provavelmente. Ou talvez ali, na terra com o resto dos filhos-da-puta.

Se fosse isso, ele podia contar os minutos que lhe restavam de vida doentia em sua mão de seis dedos. Assim que mostrassem as cabeças, Eigerman os chutaria de volta para onde haviam surgido, com balas no cérebro. Que viessem. Não tinha medo. Que tentassem cavar o caminho para fora.

Seu calcanhar estava esperando.

Decker observava a organização das tropas até que isso começou a deixá-lo pouco à vontade. Então afastou-se por um momento, subindo a colina. Detestava observar o trabalho alheio. Isso o fazia sentir-se impotente. Fazia com que desejasse mostrar-lhes seu *próprio* poder. E era sempre um desejo perigoso. Seguramente os únicos olhos que podiam olhar seu desejo de matar eram olhos prestes a morrer, e mesmo assim tinha de apagá-los depois, por medo de que revelassem o que haviam visto.

Deu as costas ao cemitério e distraiu-se com planos para o futuro. Com o fim do julgamento de Boone, ele teria de estar livre para recomeçar o trabalho da Mascara. Esperava por isso com paixão. Iria mais adiante agora. Encontraria lugares para matar em Manitoba e Saskatchewan; Ou talvez em Vancouver. Ficava louco de prazer só em pensar nisso. Da maleta que carregava, quase podia ouvir o Cara-de-Botão suspirar por entre seus dentes prateados.

— Shhh — ele se pegou dizendo para a Máscara.

— O quê?

Decker virou-se. Pettine estava a um metro dele.

— Você disse alguma coisa? — o tira quis saber.

Ele vai até o muro, disse a Máscara.

— Sim — replicou Decker.

— Não ouvi.

— Só falando comigo mesmo.

Pettine deu de ombros.

— Ordens do chefe. Ele disse que vamos entrar. Não quer dar uma ajuda?

— *Estou pronta* — disse a Máscara.

— Não — disse Decker.

— Não culpo você. Você é médico só de cabeça?

— Sim. Por quê?

— Acho que poderíamos precisar de alguns médicos em pouco tempo. Eles não vão desistir sem uma luta.

— Não posso ajudar. Não gosto nem de ver sangue.

A maleta riu, tão alto que Decker teve certeza de que Pettine ouviria. Mas não.

— Então é melhor ficar afastado — ele disse, e virou-se para voltar ao local da ação.

Decker levou a maleta ao peito, e segurou-a firme. Do lado de dentro, ele podia ouvir o zíper abrindo e fechando, abrindo e fechando.

— Cale a boca, merda — ele sussurrou.

— *Não me deixe trancada* — gemeu a máscara. — *Não esta noite. Se você não gosta de ver sangue, deixe que eu veja por você.*

— Não posso.

— *Você está me devendo* — ela disse. — *Você me negou isso em Midian, lembra?*

— Não tive escolha.

— *Agora tem. Pode me dar um pouco de ar. Você sabe que gostaria disso.*

— Eu seria visto.

— *Então daqui a pouco.*

Decker não respondeu.

— *Logo!* — gritou a Máscara.

— Shhh.

— *Diga que sim.*

— ... por favor...

— *Diga.*

— Sim. Logo.

XXI

Aquele Desejo

Dois homens haviam sido deixados de guarda no posto para vigiar o prisioneiro na cela cinco. Eigerman lhes dera instruções explícitas. De forma alguma deveriam destrancar a porta da cela, fossem quais fossem os ruídos que ouvissem de dentro dela. E também não deveriam deixar qualquer agente de fora — juiz, doutor ou o próprio Deus — ter acesso ao prisioneiro. E, para fazer cumprir essas ordens, caso o reforço fosse necessário, os patrulheiros Cormack e Koestenbaum tinham recebido as chaves do arsenal, e carta branca para usar de extrema violência se a segurança do posto estivesse em perigo. Eles não ficaram surpresos. Shere Neck muito provavelmente jamais veria outro prisioneiro tão certo de entrar nos anais da atrocidade quanto Boone. Se ele fosse tirado de custódia, o bom nome de Eigerman seria amaldiçoado de costa a costa.

Mas a história tinha mais que isso, e ambos sabiam. Embora o chefe não tivesse sido explícito acerca da condição do prisioneiro, rumores correram. O homem era de alguma forma *monstruoso*, com poderes que o tornavam perigoso, mesmo por trás de uma porta fechada e trancada.

Cormack ficou grato, portanto, por ter sido deixado para guardar a frente do posto, enquanto Koestenbaum vigiava a cela. O lugar era uma fortaleza. Cada janela e porta lacrada. Agora era simplesmente questão de esperar sentado, rifle pronto, até que a cavalaria retornasse de Midian.

Não levaria muito tempo. O tipo de lixo humano que provavelmente encontrariam em Midian — viciados, pervertidos, radicais — seria cercado em poucas horas, e o comboio voltaria para liberar as sentinelas. Então, no dia seguinte, haveria uma força vinda de Calgary para tomar posse do prisioneiro, e as coisas voltariam à normalidade. Cormack não estava na polícia para ficar sentado, suando, como agora: estava ali para a sensação agradável que vinha numa noite de verão quando podia dirigir até a esquina da South com a Emmett e coagir uma das profissionais a colocar a cara em seu colo por meia hora. Era para aquilo que ele gostava da lei. Não por aquela fortaleza de merda.

— Me ajude — disse alguém.

Ele ouviu as palavras com bastante clareza. O interlocutor — uma mulher — estava bem do lado de fora da porta da frente.

— Me ajude, *por favor*.

O apelo foi tão penalizado que ele não podia ignorá-lo. Rifle engatilhado, foi à porta. Não havia vidro nela, nem sequer um olho mágico, por isso não podia ver a pessoa na porta. Mas tornou a ouvi-la. Primeiro um soluço; depois uma batida suave na porta, que já quase não era possível ouvir quando ele se aproximou.

— Você vai ter que ir para outro lugar — ele disse. — Não posso ajudá-la agora.

— Estou ferida — foi o que ela parecia ter dito, mas ele não tinha certeza. Colocou o ouvido na porta.

— Você me ouviu? — ele perguntou.— Não posso ajudar você. Vá à farmácia.

Não houve nem um soluço a título de resposta. Apenas uma respiração muito fraca.

Cormack gostava de mulheres, gostava de fazer o papel de chefe e ganha-pão da casa. Até mesmo de herói, desde que não precisasse suar muito a camisa. Ia contra seus princípios não abrir a porta a uma mulher implorando por socorro. Ela parecia jovem e desesperada. Não era seu coração que ficava duro ao pensar na vulnerabilidade dela. Verificando primeiro que Koestenbaum não estava à vista para testemunhar seu desafio às ordens de Eigerman, murmurou:

— Espere um pouco.

E destrancou a porta, em cima e embaixo.

Não tinha aberto um centímetro e uma mão disparou pela fresta, o polegar rasgando seu rosto. A ferida errou seu olho por um centímetro, mas o sangue que jorrava tornava meio mundo vermelho. Semi-cego, ele foi jogado para trás quando a força do outro lado da porta abriu-a. Mas não largou o rifle. Disparou primeiro na mulher (o tiro errou de longe) e depois em seu companheiro, que correu para ele curvado para evitar as balas. O segundo tiro, embora tão errado quanto o primeiro, tirou algum sangue. Mas não do seu alvo. Era sua própria bota, e a boa carne e osso que havia dentro dela que se espalhavam agora no chão.

— *Porra, meu Deus do céu!*

Horrorizado, ele deixou o rifle cair dos dedos. Sabendo que não seria capaz de se curvar e agarrá-lo novamente sem perder o equilíbrio, ele se virou e começou a pular na direção da mesa, onde estava seu revólver.

Mas o Polegares de Prata já estava lá, engolindo as balas como se fossem vitaminas.

Negadas as suas defesas, e sabendo que não podia ficar na vertical por mais de alguns segundos, ele começou a uivar.

2

Do lado de fora da cela cinco, Koestenbaum mantinha-se em seu posto. Tinha ordens para isso. O que quer que acontecesse além da porta que dava no posto policial propriamente dito, ele ficaria montando guarda à porta da cela, defendendo-a de todo e qualquer ataque. Era o que estava determinado a fazer, por mais que Cormack gritasse.

Apagando o cigarro, ele deslizou o visor da porta da cela e colocou os olhos no buraco. O assassino havia se movido nos últimos minutos, avançando aos pouquinhos para o canto, como se estivesse sendo caçado por uma nesga de luzinha fraca do sol que passava pela janelinha bem acima. Agora não tinha mais para onde ir. Estava preso no canto, embrulhado em si mesmo. Tirando os movimentos, parecia como antes: lixo. Não era perigo para ninguém.

As aparências enganavam, claro; Koestenbaum havia usado uniforme tempo demais para ser ingênuo quanto a isso. Mas conhecia um homem derrotado quando via um. Boone sequer olhou

para cima quando Cormack soltou outro grito. Ele simplesmente olhava a luz do sol rastejante com o canto dos olhos, e tremia.

Koestenbaum bateu o visor da porta e virou-se para observar a porta pela qual os atacantes de Cormack — quem quer que fossem — tinham de passar. Eles o encontrariam pronto e esperando, revólveres tinindo.

Não teve muito tempo para contemplar sua última defesa, porque um tiro explodiu a fechadura e metade da porta com ela, lascas e fumaça enchendo o ar. Disparou para a confusão, vendo alguém que vinha em sua direção. O homem estava jogando para o lado o rifle que usara para explodir a porta, e erguia as mãos, que brilhavam quando dardejaram nos olhos de Koestenbaum.

O patrulheiro hesitou tempo o bastante para ver o rosto de seu atacante — como algo que devesse estar sob bandagens ou sete palmos de terra — e então atirou. A bala acertou o alvo, mas sequer reduziu a velocidade do homem, e antes que pudesse disparar uma segunda vez estava contra a parede, com aquele rosto em carne viva a centímetros de distância. Agora via com muita clareza o que reluzia nas mãos do homem. Um gancho flutuava a um centímetro de seu olho esquerdo. Havia outro em sua virilha.

— Sem qual dos dois você quer viver? — perguntou o homem.

— Não há necessidade — disse uma voz de mulher, antes que Koestenbaum tivesse a chance de escolher entre visão e sexo.

— Deixe — disse Narcisse.

— Não deixe — murmurou Koestenbaum. — Por favor... não deixe.

A mulher aparecia agora. As partes dela que ele via pareciam naturais, mas ele não ia querer apostar em sua aparência sob a

blusa. Provavelmente tinha mais seios que uma puta. Ele estava nas mãos de monstros.

— Onde está Boone? — ela perguntou.

Não havia porquê arriscar seu saco, olho, ou o que fosse. Encontrariam o prisioneiro com ou sem sua ajuda.

— Ali — ele disse, olhando para a cela cinco.

— E as chaves?

— No meu cinto.

A mulher esticou a mão e tirou as chaves dele.

— Qual delas? — perguntou.

— A azul — respondeu.

— Obrigada.

E foi até a porta.

— Espere... disse Koestenbaum.

— O quê?

— ... faça ele me soltar.

— Narcisse — ela disse.

O gancho afastou-se de seu olho, mas o da virilha permanecia, espetando-o.

— Temos que ser rápidos — disse Narcisse.

— Eu sei — replicou a mulher.

Koestenbaum ouviu a porta se abrir. Olhou para o lado, para vê-la entrando na cela. Quando voltou-se, o punho veio em seu rosto, e ele caiu ao chão com o maxilar quebrado em três lugares.

3

Cormack havia sofrido o mesmo golpe sumário, mas já estava mesmo se desequilibrando quando isso aconteceu, e em vez de ficar inconsciente ficara apenas atordoado, e rapidamente se recuperara. Arrastou-se até a porta e, apoiando-se sobre as mãos, levantou. Então saiu cambaleando para a rua. A hora do rush já acabara, mas ainda havia veículos passando em ambas as direções, e a visão de um patrulheiro sem os dedos do pé, mancando no meio da rua, com os braços levantados, foi o suficiente para frear todo o fluxo de tráfego.

Mas, enquanto os motoristas e seus passageiros saíam dos carros e caminhões para vir em seu auxílio, Cormack sentiu o efeito retardado do choque do ferimento paralisando-lhe o sistema. As palavras que seus salvadores lhe diziam chegavam à mente entorpecida como coisas sem sentido.

Ele pensou (esperava) ter ouvido alguém dizer:

— *Vou pegar uma arma.*

Esperava (rezava) que sua língua dormente lhes tivesse dito onde encontrar os criminosos, mas nem mesmo disso tinha certeza.

Enquanto o anel de rostos se apagava ao seu redor, ele percebeu que de qualquer forma seu pé sangrento tinha deixado um rastro que os levaria de volta aos transgressores. Reconfortado, desmaiou.

4

— Boone — disse ela.

Seu corpo magro, nu da cintura para cima — cheio de cicatrizes e com um mamilo faltando — estremeceu quando ela falou seu nome. Mas não a olhou.

— Quer andar logo com isso?

Narcisse estava à porta, olhando para o prisioneiro.

— Não com você gritando, não senhor — ela disse. — Deixe-nos sozinhos um pouco, tá?

— Não há tempo pra trepar.

— *Quer sair daqui?*

— Ok. — ele levantou os braços como se pedisse rendição. — Estou indo.

Fechou a porta. Agora eram apenas ela e Boone. A viva e o morto.

— Levante-se — ela mandou.

Ele não fez nada além de tremer.

— Quer levantar? Não temos tanto tempo assim.

— Então me deixe — ele disse.

Ela ignorou o sentimento, mas não o fato de que ele havia rompido o silêncio.

— Fale comigo — ela pediu.

— Você não devia ter voltado — ele disse, cada palavra coberta de derrota. — Você se arrisca por nada.

Isso ela não havia esperado. Raiva talvez, por ela tê-lo deixado ser capturado no Sweetgrass Inn. Até mesmo suspeita, por ela ter vindo ali com alguém de Midian. Mas não aquela frágil e balbuciante criatura, jogada num canto como um boxeador que lutara demais. Onde estava o homem que ela tinha visto no hotel, mudando a ordem de sua própria carne na frente dela? Onde estava a força fortuita que ela havia visto, e o apetite? Ele mal parecia capaz de erguer a própria cabeça, quanto mais de levar carne aos lábios.

Essa era a questão, ela compreendeu subitamente. Aquela carne proibida.

— Ainda sinto o gosto — ele disse. Havia vergonha em sua voz; o humano que ele fora ficara enojado pela coisa em que se tornara.

— Você não respondia — ela lhe disse. — Não estava em controle de si mesmo.

— Agora estou — retrucou. — Suas unhas se enterravam no músculo dos antebraços, ela percebeu, como se ele mesmo se segurasse. — Não vou me perder. Vou esperar aqui até que venham me pegar.

— Isso não vai fazer bem algum, Boone — ela lembrou.

— *Jesus...* — A palavra morreu em lágrimas. — Você sabe de tudo?

— Sim, Narcisse me contou tudo. Você está morto. Então porque quer ser enforcado? Não podem te matar.

— Vão encontrar um jeito — ele disse. — Arrancam fora minha cabeça. Explodem meus miolos.

— Não fale assim!

— Eles têm que acabar comigo, Lori. Pôr um fim no meu sofrimento.

— Não quero isso para você — ela disse.

— Mas eu quero! — ele replicou, olhando-a pela primeira vez. Vendo seu rosto, ela se lembrou de quantos haviam sido loucos por ele, e compreendeu porquê. A dor não podia ter apologistas mais persuasivos do que seus ossos e seus olhos.

— Quero *sair* — ele disse. — Sair deste corpo. Sair desta vida.

— Não pode. Midian precisa de você. Ela está sendo destruída, Boone.

— Deixe que seja! Deixe que tudo se acabe. Midian é apenas um buraco no chão, cheio de coisas que deviam estar deitadas e mortas. Eles sabem disso, todos eles. Só não tem a coragem de fazer o que é certo.

— Nada está certo — ela se encontrou dizendo (a que ponto havia chegado, àquela relatividade vazia), — a não ser o que você sente e sabe.

A pequena fúria dele cedeu. A tristeza que a substituíra era mais profunda que nunca.

— Eu me *sinto morto* — disse. — Eu *não sei* nada.

— Não é verdade — ela replicou, dando os primeiros passos na direção dele desde que entrara na cela. Boone se encolheu, como se esperasse apanhar.

— Você me conhece — ela disse. — Você me *sente*.

Ela tomou seu braço, e puxou-o para si. Ele não teve tempo de fechar o punho. Ela pôs a palma de sua mão sobre o estômago.

— Você acha que me enjoa, Boone? Acha que me assusta? Pois não assusta.

Levou a mão dele aos seios.

— Eu ainda te quero, Boone. Midian também te quer, mas eu quero mais. Quero você frio, se você é assim. Quero você morto, se você é assim. E *eu irei* a você se não for a mim. Eu deixarei que me matem.

— Não — ele disse.

A mão dela afrouxou o toque. Ele podia ter se livrado. Mas preferiu deixar o toque nela, com apenas o fino tecido da blusa como obstáculo. Obstáculo que ela queria poder dissolver com a força de sua vontade; fazer com que a mão dele acariciasse a pele entre seus seios.

— Eles virão nos buscar mais cedo ou mais tarde — ela disse.

E também não estava blefando. Ouviu vozes do lado de fora. Um ajuntamento de linchadores. Talvez os monstros *fossem* eternos. Mas seus perseguidores também.

— Eles vão destruir nós dois, Boone. Você, pelo que é. Eu, por amar você. E nunca mais vou tê-lo novamente. Não quero isso, Boone. Não quero que sejamos pó no mesmo vento. Eu quero que sejamos *carne*.

A língua dela revelara suas intenções. Não queria ter dito aquilo de modo tão claro. Mas agora estava dito; e era verdade. Não tinha vergonha disso.

— Não vou deixar que me negue, Boone — ela disse. As palavras tinham impulso próprio. Levaram sua mão à cabeça fria de Boone. Ela agarrou um chumaço de seu cabelo grosso.

Ele não resistiu. Em vez disso, a mão no peito dela agarrou-se à camisa, e ele caiu de joelhos à sua frente, pressionando o rosto em sua virilha, lambendo-a como se a despisse e com a língua e a penetrasse com saliva e espírito de uma vez só.

Ela estava molhada, por baixo do tecido. Ele sentia o cheiro de seu tesão. Sabia que o que ela havia dito não era mentira. Beijou sua buceta, ou a roupa que a envolvia, uma, duas, três vezes.

— Você tem que se perdoar, Boone.

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela agarrou seu cabelo ainda mais, e afastou-o do êxtase de seu cheiro.

— *Diga* — insistiu. — *Diga que se perdoa*.

Boone levantou a cabeça de seu prazer, e ela pôde ver, antes que ele falasse, que o peso da vergonha havia sumido de seu rosto. Por trás de seu súbito sorriso, ela viu os olhos do monstro, escuros, e escurecendo ainda mais enquanto ele lutava por isso.

O olhar a enchia de dor.

— Por favor... — ela murmurou. — ...me ame.

Ele puxou-lhe a blusa, rasgando-a. Sua mão preencheu a brecha num movimento suave, e passou por baixo do sutiã para encontrar o seio. Aquilo, claro, era loucura. A multidão os pegaria se não fugissem rápido. Mas fora a loucura que a havia arrastado para aquele lugar de moscas e pó, em primeiro lugar; por que se surpreender com o fato de que sua jornada a tivesse trazido de volta aquela *nova* insanidade? Melhor aquilo que a vida sem ele. Melhor aquilo que praticamente nada.

Ele estava se levantando, tirando o seio dela do esconderijo, pondo sua boca fria no seio quente, lambendo o mamilo, língua e dentes em perfeita harmonia. A morte havia feito dele um amante. Dando-lhe conhecimento do barro, e de como moldá-lo, deixara-o à vontade com os mistérios do corpo. Estava em toda parte ao redor dela, trabalhando os quadris contra os dela em pequenos círculos apertados — levando a língua dos seios até a curva suada entre as clavículas, subindo a cordilheira de sua garganta até chegar à bochecha, e dali até a boca.

Somente uma vez em sua vida ela sentira uma fome tão desesperada. Em Nova York, anos antes, ela conhecera e trepara com um homem cujo nome jamais viera a saber, mas cujas mãos e lábios pareceram então tê-la conhecido melhor do que ela própria.

— Toma um drinque comigo? — ela havia dito quando os corpos se separaram.

Ele lhe dissera um não quase penalizado, como se alguém tão ignorante das regras fosse digno disso. Então ela o vira vestir-se e partir, zangada consigo mesma por ter perguntado, e com ele por tão treinado desapego. Mas sonhara com aquele homem uma

dezena de vezes nas semanas que se seguiram, revisitando seus poucos momentos juntos, faminta por tê-los de novo.

Ela os estava tendo ali. Boone era o amante daquele lado escuro, aperfeiçoado. Frio e febril, urgente e atento. Ela conhecia seu nome desta vez; mas ele ainda era um estranho. E, no fervor da posse, e no cio dela por ele, sentia que aquele outro amante, e todos os amantes que haviam chegado e partido antes dele, incendiavam-se. Tudo o que tinha deles agora eram as suas cinzas — onde suas línguas e paus haviam estado —; tinha completo poder sobre eles.

Boone estava baixando o zíper da calça. Ela sentiu todo o comprimento dele em sua mão. Agora era a vez dele de suspirar, enquanto ela corria os dedos ao longo de sua ereção, desde as bolas até onde o anel da circuncisão ostentava uma cicatriz de carne macia. Ela o acariciou ali, com pequenos movimentos para compensar o ritmo com que a língua dele entrava e saía de sua boca. Então, no mesmo impulso súbito, o tempo de excitar havia se acabado. Ele estava levantando a saia dela, rasgando sua calcinha, levando os dedos até onde apenas os dela haviam estado por tanto tempo. Ela o empurrou contra a parede; baixou a calça jeans até o meio das coxas. Então, um braço enganchado em volta dos ombros dele, a outra mão acariciando com prazer a pele sedosa do pau antes que desaparecesse, ela levou para dentro. Ele resistiu à velocidade dela, uma deliciosa guerra de desejos que levou-a a ponto de gritar em segundos. Ela nunca fora tão aberta, nem jamais havia precisado ser. Ele encheu-a até transbordar.

Então foi que realmente começou. Depois das promessas, a prova. Apoiando as costas contra a parede, ele se colocou no ângulo certo para fodê-la, sentindo o peso insistente de Lori. Ela lambeu seu rosto. Ele sorriu. Ela cuspiu nele. Ele riu e cuspiu de volta.

— *Sim* — disse Lori. — *Sim. Isso. Sim.*

Tudo o que conseguia dizer eram afirmativas. Sim ao seu cuspe; sim ao seu pau; sim àquela vida em morte, e à alegria da vida na morte para sempre e sempre.

A resposta dele foi melosa; um trabalho sem palavras, dentes trincados, testa franzida. A expressão em seu rosto provocara espasmos em sua buceta. Vê-lo fechar os olhos contra seu prazer; saber que a visão do êxtase dela tornava quase impossível que ele se contivesse. Tinham esse poder um sobre o outro. Ela exigia seu movimento com movimentos próprios, uma das mãos agarrando o tijolo ao lado da cabeça dele para poder se levantar sobre o comprimento dele e depois tornar a se empalar. Não havia dor melhor. Ela queria que jamais tivesse fim.

Mas havia uma voz na porta. Ela podia ouvi-la por debaixo do zumbido na cabeça.

— *Rápido.*

Era Narcisse.

— *Rápido* — Boone também ouviu; e o burburinho por trás da voz à medida que os linchadores se aproximavam. Ele se encaixou no ritmo dela; subiu para encontrá-la na descida.

— Abra os olhos — ela disse.

Ele obedeceu, sorrindo ao comando. Era demais para ele ver os olhos dela. O pacto acertado, eles se afastaram até que a xoxota dela não fazia mais do que sujar a cabeça de seu pau — tão molhada que podia escapar — e então se aproximaram para a estocada final.

A alegria desse instante fez com que ela gritasse, um grito que ele sufocou com sua língua, selando a erupção de ambos dentro de suas bocas. Mas não em baixo. Intocado por meses, seu gozo

transbordou e desceu correndo pelas pernas, mas frio que seu corpo ou seus beijos.

Foi Narcisse que os trouxe de volta ao mundo de dois para o mundo de muitos. A porta agora estava aberta. Ele os olhava sem embaraço.

— Acabaram? — quis saber.

Boone enxugou os lábios nos de Lori, espalhando a saliva de uma face a outra.

— Por enquanto — ele disse, olhando apenas para ela.

— Então podemos ir? — perguntou Narcisse.

— A hora que for. Para onde for.

— Midian — a resposta foi instantânea.

— Midian, então.

Os amantes se afastaram. Lori levantou a calcinha. Boone tentava colocar o pau, ainda duro, dentro da calça.

— Tem uma multidão e tanto lá fora — disse Narcisse. — Como diabos vamos conseguir passar por eles?

— São sempre os mesmos — disse Boone — sempre com medo.

Lori, costas voltadas para Boone, sentiu uma mudança no ar ao seu redor. Uma sombra subia as paredes à esquerda e direita, espalhando-se sobre suas costas, beijando-lhe a nuca, a espinha, as nádegas e o que havia entre elas. Era a escuridão de Boone. Ele estava nela em toda a sua proporção.

Até mesmo Narcisse ficou estupefato.

— Merda — ele murmurou, e escancarou a porta para deixar a noite fugir.

5

A massa estava louca por diversão. Os que tinham armas e rifles os haviam retirado dos carros; os que tinham a sorte de estar viajando com cordas nas malas começavam a fazer nós; e aqueles que não tinham corda nem armas haviam apanhado pedras. Como justificativa, não precisava mais do que os restos do pé de Cormack, espalhados sobre o piso da estação. Os líderes do grupo — que estabeleceram-se imediatamente como tais, por seleção natural (tinham vozes mais altas e armas mais poderosas) — estavam trilhando esse caminho vermelho quando um ruído próximo às celas atraiu sua atenção.

Alguém atrás da multidão começou a gritar: ' *Vamos matar os filhos-da-puta!*

Não foi a sombra de Boone a primeira coisa que os olhos famintos dos líderes viram. Foi Narcisse. Seu rosto arruinado provocou gemidos de nojo de várias pessoas da massa, e gritos de muitos outros mais.

— *Mata o filho-da-puta!*

— *No meio do peito!*

Os líderes não hesitaram. Três deles dispararam. Um atingiu o homem, a bala entrando pelo ombro de Narcisse e atravessando-o. A multidão aplaudiu. Encorajados pelo primeiro ferimento, eles

entraram no posto em números cada vez maiores, os de trás doidos para ver o sangue correndo, os da frente em sua maioria cegos para o fato de que seu alvo não havia derramado uma única gota. Ele também não caiu; isso eles viram. E agora um ou dois tentavam corrigir isso, disparando uma rajada de balas em Narcisse. A maioria dos tiros passou ao largo, mas não todos.

Quando a terceira bala atingiu o alvo, entretanto, um rugido de fúria sacudiu a sala, explodindo a lâmpada na escrivaninha e tirando reboco do teto.

Ouvindo isso, um ou dois do que acabavam de entrar mudaram de ideia. Subitamente, sem se importar com o que os vizinhos poderiam pensar, começaram a abrir caminho para fora. Ainda havia luz na rua; havia calor para cortar o frio de medo que descia por toda espinha humana que ouvira aquele grito. Mas para aqueles que estavam à frente da multidão não havia retorno. A porta achava-se obstruída. Tudo o que puderam fazer foi ficar onde estavam e apontar as armas quando o rugido emergiu da escuridão dos fundos do posto.

Um dos homens tinha sido testemunha no Sweetgrass Inn naquela manhã, e reconheceu o homem que agora aparecia como o assassino que vira ser preso. E também sabia seu nome.

— É ele! — começou a gritar — E Boone!

O homem que disparara o primeiro tiro em Narcisse apontou o rifle.

— *Mate ele!* alguém gritou.

Ele atirou.

Boone já recebera muitos tiros antes. Muitos. Aquela pequena bala, entrando em seu peito e encravando-se em seu coração silencioso, não era nada. Ele gargalhou e continuou caminhando.

Sua substância era fluida. Rompia-se em gotas e tornava-se algo de novo; parte o monstro que herdara de Peloquim, parte um guerreiro das sombras, como Lylesburg; parte o lunático Boone, finalmente contente com suas visões. E, ah, o prazer disso, de sentir essa possibilidade liberada e perdoada; o prazer de atacar esse rebanho humano e vê-lo se desfazer diante de si.

Ele sentiu o cheiro do cio deles, e teve fome. Viu o terror deles, e disso obteve forças. Essa gente roubava tal autoridade para ela própria... Tornava-se árbitro do bem e do mal, do natural e do incomum, justificando sua crueldade com leis espúrias. Agora eles viam uma lei mais simples em funcionamento, enquanto seus intestinos se lembravam do medo mais antigo: o medo de ser a caça.

Fugiram dele, o pânico se espalhando pelas fileiras desorganizadas. Os rifles e as pedras foram esquecidos no caos, enquanto os brados por sangue tornavam-se gritos de fuga. Atropelando uns aos outros na pressa, eles abriam caminho para a rua na base de socos e tabefes.

Um dos atiradores manteve sua posição, ou estava preso em estado de choque. Fosse o que fosse, a arma foi-lhe arrancada pela mão inchada de Boone, e o sujeito voou para a massa de pessoas, tentando fugir a um confronto.

A luz do dia ainda dominava a rua, e Boone não queria pisar lá, mas Narcisse era indiferente a essas frescuras. Com o caminho liberado, ele saiu para a luz, andando pela multidão em fuga sem ser notado, até chegar ao carro.

Algumas forças estavam se reagrupando, reparou Boone. Um nó de gente na outra calçada — confortados pela luz do sol, e pela distância da fera — falando acaloradamente como se discutissem. Armas caídas eram apanhadas do chão. Seria apenas uma questão

de tempo até que o choque da transformação de Boone morresse e eles tornassem a atacar.

Mas Narcisse agiu com rapidez. Já estava ligando o motor do carro quando Lori alcançou a porta. Boone a mantinha segura, o toque de sua sombra, (que ele arrastava como fumaça) mais do que o bastante para cancelar qualquer medo que ela ainda pudesse ter de sua carne retrabalhada. Na verdade, ela se pegou imaginando como seria foder com ele naquela configuração; abrir as pernas para a sombra e o animal em seu interior.

O carro estava na porta do posto agora, freando escandalosamente numa nuvem de escapamento.

— *Vá!* disse Boone, jogando-a porta afora, sua sombra cobrindo a calçada para confundir a visão do inimigo.

Com razão. Um tiro estourou o vidro de trás no instante em que ela se atirou no carro; uma chuva de pedras veio logo em seguida. Boone já estava ao seu lado, batendo a porta.

— Eles vão atrás de nós! — disse Narcisse.

— Que venham — foi a resposta de Boone.

— Até Midian?

— Não é mais segredo.

— Isso é verdade.

Narcisse pisou fundo, e o carro saiu em disparada.

— Vamos levá-los ao Inferno — disse Boone, quando um quarteto de veículos começou a persegui-los — se é para lá que eles querem ir.

Sua voz era gutural, da garganta da criatura em que havia se tornado, mas a risada que se seguiu era a risada de Boone, como se sempre houvesse pertencido àquele monstro; um humor mais extasiado do que podia caber em sua humanidade, e que havia finalmente descoberto seu propósito e sua face.

XXII

O Triunfo da Máscara

Se nunca mais visse um dia igual àquele, pensou Eigerman, não teria muito que reclamar ao Senhor, quando fosse chamado à sua presença. Primeiro a visão de Boone algemado. Depois, quando levou o bebê até as câmaras, sabendo que teria o rosto na primeira página de todos os jornais do país na manhã seguinte. E agora, isso: a visão gloriosa de Midian em chamas.

Fora ideia de Pettine, e uma muito boa por sinal, jogar gasolina pelos ralos dos túmulos, para tirar de lá qualquer coisa que estivesse debaixo da terra. Havia funcionado melhor que qualquer um deles pudesse ter antecipado. Assim que a fumaça começou a engrossar e o fogo a se espalhar, o inimigo não teve escolha senão sair de seu poço para céu aberto, onde o bom sol de Deus desfez muitos deles de um golpe só.

Mas nem todos. Alguns tiveram tempo de se preparar para aquela emergência, protegendo-se contra a luz desesperadamente, de qualquer forma que puderam encontrar. Suas invenções foram em vão. A pira estava selada: portões guardados, muros vigiados. Incapazes de escapar para o céu com asas e cabeças cobertas

contra o sol, foram levados de volta para a conflagração. Em outras circunstâncias, Eigerman poderia não ter se permitido desfrutar do espetáculo de forma tão aberta. Mas aquelas criaturas não eram humanas — isso era óbvio mesmo de uma distância segura. Eram monstros deformados, um diferente do outro, e ele tinha certeza de que até os santos aprovariam a destruição deles. Derrotar o Demônio era o próprio esporte de Deus.

Mas o combate não poderia durar para sempre. A noite cairia logo. Quando isso acontecesse, sua defesa mais forte contra o inimigo acabaria, e a sorte poderia virar. Eles teriam de deixar a fogueira queimando a noite inteira, e voltar pela manhã para desenterrar os sobreviventes de seus nichos e terminar com eles. Com cruces e água benta protegendo os muros e portões, haveria pouca chance de escape antes do nascer do dia. Ele não tinha certeza de qual força estava trabalhando para subjugar os monstros: fogo, água, luz do dia, fé: se todas, ou alguma combinação dentre elas. Não importava. Tudo o que o preocupava era que tinha o poder de quebrar-lhe as cabeças.

Um grito ao pé da colina interrompeu o fio do raciocínio de Eigerman.

— *Você tem que parar isso!*

Era Ashbery. Parecia ter ficado perto demais das chamas. Seu rosto estava meio cozido, molhado de suor.

— Parar o quê? — Eigerman gritou de volta.

— Com este massacre.

— Não estou vendo massacre algum.

Ashbery estava a poucos metros de Eigerman, mas ainda tinha de gritar por sobre o barulho lá debaixo: os gemidos dos monstros e o

crepitar das fogueiras, pontuado volta e meia por ruídos mais altos quando o calor partia uma lápide ou botava um mausoléu abaixo.

— *Eles não têm nenhuma chance!* gritou Ashbery.

— Mas não é para terem mesmo — ressaltou Eigerman.

— Mas você não sabe quem está lá em baixo! Eigerman!... *Você não sabe quem está matando!*

O chefe sorriu.

— Sei muito bem — disse, com um olhar que Ashbery só tinha visto antes em cachorros loucos. — Estou matando os mortos, e como isso pode estar errado? Hein? *Me responda, Ashbery. Como é que pode estar errado fazer os mortos se deitarem e ficarem mortos?*

— Tem crianças lá embaixo, Eigerman — replicou Ashbery, apontando na direção de Midian.

— Ah, sim. Com olhos iguais a faróis! E os dentes? Já viu os dentes daqueles putinhos? São os filhos do diabo, Ashbery.

— Você está maluco.

— Você não tem culhões para acreditar nisso, não é? Aliás, você não tem culhões mesmo!

Deu um passo na direção do padre e agarrou-o pela batina preta.

— Talvez você seja mais parecido com eles do que com a gente

— ele disse. — E isso, Ashbery? Está sentindo o seu lado selvagem chamar?

Ashbery deu um safanão para se soltar de Eigerman. Sua roupa se rasgou.

— Está certo... — ele disse. — Tentei conversar com você. Se você tem carrascos tão tementes a Deus, quem sabe um homem de Deus não possa detê-los.

— Deixe meus homens em paz! — pediu Eigerman.

Mas Ashbery já estava a meio caminho do pé da colina, sua voz elevada sobre o tumulto.

— *Parem!* ele berrou. — *Larguem suas armas!*

Posicionado em frente aos portões principais, ele era visível a um bom número dos homens do exército de Eigerman, e embora poucos, ou nenhum, houvessem pisado numa igreja desde o batismo ou o casamento, agora eles escutavam. Queriam alguma explicação dos sinais vistos na última hora; sinais dos quais teriam fugido com prazer, mas que alguma necessidade que mal reconheciam como própria os mantinha nos muros, preces da infância nos lábios.

Eigerman sabia que a lealdade deles era apenas pelas circunstâncias. Eles não lhe obedeciam porque amavam a lei. Obedeciam porque tinham mais medo de bater em retirada na frente dos companheiros do que de fazer o serviço. Obedeciam porque não conseguiam vencer a fascinação infantil de ver criaturas indefesas serem destruídas, como um garoto que observasse formigas sob um microscópio. Obedeciam porque obedecer era mais simples que não obedecer.

Ashbery podia mudar a cabeça deles. Ele tinha as roupas, ele tinha a retórica. Se não fosse detido, ainda podia estragar o dia.

Eigerman tirou a arma do coldre e seguiu o padre colina abaixo. Ashbery o viu chegando; e viu a arma em sua mão.

Elevou ainda mais a voz.

— Não é isto o que Deus quer! — ele gritou. — E também não é o que vocês querem! Vocês não querem sangue de inocentes nas mãos.

Padre até o fim, pensou Eigerman, transferindo a culpa.

— Cale a boca, sua bicha — ele gritou.

Ashbery não tinha a menor intenção de fazer isso; não quando tinha a plateia na palma da mão.

— Eles não são animais! — ele disse. — São gente. E vocês os estão matando apenas porque aquele maluco ali lhes mandou.

Suas palavras tinham peso, mesmo entre os ateus. Ele vocalizava uma dúvida que mais de um ali havia tido, mas nenhum ousara expressar. Meia dúzia de não-uniformizados começou a se retirar na direção dos carros, sem qualquer entusiasmo restante pelo extermínio. Um dos homens de Eigerman também saiu do posto no portão, sua retirada lenta tornando-se uma carreira quando o chefe disparou um tiro em sua direção.

— *Fique em seu posto!* Eigerman vociferou. Mas o homem já havia se perdido na fumaça.

— Tenho más notícias — o chefe disse, avançando para o padre.

Ashbery olhou para a direita e para a esquerda, procurando alguém que se dispusesse a defendê-lo, mas ninguém se mexeu.

— Vocês vão vê-lo me matar? — pediu. — Pelo amor de Deus, ninguém quer me ajudar?

Eigerman levantou a arma. Ashbery não tinha a menor intenção de correr mais rápido que a bala. Caiu de joelhos.

— Pai Nosso... — começou.

— Você está sozinho, boiola — murmurou Eigerman. — Ninguém está escutando.

— Não é verdade — disse alguém.

— Hein?

A oração vacilou.

— *Eu* estou escutando.

Eigerman virou as costas para o padre e viu que uma figura se destacava na fumaça, a cinco metros dele. Apontou a arma na direção do recém-chegado.

— Quem é você?

— O sol está quase se pondo. — disse o outro.

— Mais um passo e eu te fuzí-lo.

— Então fuzile — disse o homem, e deu um passo na direção da arma. Os fiapos de fumaça que se agarravam a ele desapareceram, e o prisioneiro da cela cinco apareceu no campo de visão de Eigerman, a pele brilhante, os olhos reluzentes. Estava completamente nu. Havia um buraco de bala no peito e mais feridas por toda parte, decorando o corpo.

— Morto — disse Eigerman.

— Pode apostar.

— Meu Jesus.

Recuou um passo; e outro.

— Dez minutos talvez, até o pôr do sol — disse Boone. — Então o mundo será nosso.

Eigerman balançou a cabeça.

— Você não está me alcançando — ele disse. — Não vou deixar você me pegar.

Seus passos para trás se multiplicaram, e subitamente ele fugiu correndo, sem olhar para trás. Se tivesse olhado, teria visto que Boone não estava interessado em persegui-lo. Em vez disso, foi na direção dos portões sitiados de Midian. Ashbery ainda estava de joelhos no chão.

— *Levante* — Boone lhe disse.

— Se vai matar, mate logo, sim? — pediu Ashbery. — Acabe logo com isso.

— Por que deveria matar você? — perguntou Boone.

— Sou um padre.

— E daí?

— Você é um monstro.

— E você não?

Ashbery olhou para Boone.

— Eu?

— Você está usando calcinhas por baixo da batina — disse Boone.

Ashbery cobriu-se com o tecido rasgado da roupa.

— Por que esconder isso?

— Deixe-me em paz.

— Perdoe-se — disse Boone. — Eu me perdoei.

Passou por Ashbery e dirigiu-se aos portões.

— Espere! — gritou o padre.

— Eu iria embora se fosse você. Não gostam de batina em Midian. Lembranças ruins.

— Eu quero ver — pediu Ashbery.

— Por quê?

— Por favor. Me leve com você.

— O risco é seu.

— Eu assumo isso.

Ao longe era difícil saber ao certo o que se passava nos portões do cemitério, mas de dois fatos o doutor tinha certeza: Boone havia retornado, e de alguma forma derrotara Eigerman. A primeira visão de sua chegada, Decker se abrigara num dos veículos da polícia. Era onde estava sentado naquele instante, maleta na mão, tentando planejar a próxima ação.

Era difícil com duas vozes, cada uma aconselhando uma coisa diferente. Seu *eu* público exigia retirada, antes que os eventos se tornassem ainda mais perigosos.

Saia agora, ele dizia. Pegue o carro e vá. Deixe eles todos morrerem juntos.

Havia sabedoria naquilo. Com a noite quase caindo, e Boone ali para ajudar os moradores de Midian, eles ainda poderiam triunfar. Se isso acontecesse, e encontrassem Decker, seu coração seria arrancado do peito.

Mas havia outra voz exigindo sua atenção.

Fique, ela dizia.

A voz da Máscara, erguendo-se da valise no seu colo.

Você já me negou aqui uma vez, ela disse.

Sim, sabendo então que haveria um tempo em que teria de pagar essa dívida.

— Agora não — ele murmurou.

Agora, ela disse.

Ele sabia que argumentos racionais não tinham valor contra a fome da Máscara; implorar também não.

Use seus olhos, ela disse. Tenho trabalho a fazer.

O que ela via que ele não via? Ele olhou pela janela.

Não a está vendo?

Agora ele via. Em sua fascinação por Boone, nu nos portões, deixara de ver a outra recém-chegada ao campo: a mulher de Boone.

Está vendo a piranha?, perguntou a Máscara.

— Estou.

No momento exato, não é? Nesse caos, quem é que vai me ver acabar com ela? Ninguém. E, com ela morta, não restará ninguém que conheça o nosso segredo.

— Ainda sobra o Boone.

Ele jamais testemunhará, gargalhou a Máscara. Pelo amor de Deus, ele está morto. O que vale a palavra de um zumbi, pode me dizer?

— Nada — respondeu Decker.

Exato. Não representa perigo para nós. Mas a mulher sim. Deixe-me silenciá-la.

— E se você for visto?

E se eu for?, retrucou a Máscara. *Vão pensar que eu era do clã de Midian.*

— Você não — disse Decker.

Pensar em seu precioso Outro confundido com os degenerados de Midian o enojava.

— Você é pura — ele disse.

Deixe-me provar, reclamou a Máscara.

— Só a mulher?

Só a mulher. Então partiremos.

Ele sabia que o conselho fazia sentido. Nunca mais teria uma oportunidade melhor de matar aquela putinha. Começou a destrancar a maleta. Dentro, a Máscara ficava agitada.

Rápido ou vamos perdê-la.

Seus dedos deslizavam sobre os números do segredo.

Rápido, merda.

O dígito final foi para o seu lugar com um último clic. A fechadura se abriu.

O Velho Cara-de-Botão nunca esteve mais bonito.

Embora Boone tivesse aconselhado Lori a ficar com Narcisse, a visão de Midian em chamas fora o suficiente para afastar seu companheiro da segurança do morro e fazê-lo descer para os portões do cemitério. Lori foi com ele uma parte do caminho, mas sua presença parecia uma invasão de privacidade, de modo que recuou alguns passos, e na fumaça e na noite que caía logo se separou dele.

A cena à sua frente era de uma profunda confusão. Qualquer tentativa de completar o ataque à necrópole havia cessado desde que Boone despachara Eigerman. Tanto seus homens quanto o apoio civil haviam se retirado do cerco nos muros. Alguns já tinham ido embora em seus carros, muito provavelmente com medo do que aconteceria quando o sol desaparecesse no horizonte.

A maioria, entretanto, permanecera, preparada para bater em retirada se necessário, mas hipnotizada pelo espetáculo de destruição. O olhar de Lori ia de um para outro, procurando algum sinal do que estavam sentindo, mas todos os rostos estavam neutros. Pareciam máscaras mortuárias, pensou, despidas de qualquer emoção. Só que agora ela *conhecia* os mortos. Andara com eles, conversara com eles. Vira-os se emocionar e chorar. Quem, então eram os *verdadeiros* mortos? Aqueles cujo coração não batia mais, que ainda conheciam a dor, ou seus torturadores de olhos esgazeados?

Uma brecha na fumaça descobriu o sol, equilibrando-se na borda do mundo. A luz vermelha a estonteou. Ela fechou os olhos.

Na escuridão, ouviu uma respiração um pouco atrás de si. Abriu os olhos e começou a se virar, sabendo que ia se machucar. Tarde demais para escapar. A Máscara estava a um metro dela, e se aproximava.

Ela tinha apenas segundos antes que a faca a encontrasse, mas era tempo bastante para ver a Máscara como ela nunca vira antes. Ali

estava a neutralidade das faces que havia estudado, mais aperfeiçoada; o inimigo humano tornado mito. Não adiantava chamá-la de *Decker*. Não era Decker. Não adiantava chamá-la de nada. Estava além de nomes, assim como ela estava além de qualquer condição de dominá-lo.

Seu braço foi ferido. Uma, duas vezes.

Não houve palavras dessa vez. Ela havia chegado simplesmente para matá-la.

As feridas doíam. Instintivamente ela levou a mão a elas, seu movimento dando-lhe oportunidade de derrubá-la com uma rasteira. Não teve tempo de preparar a queda. O impacto esvaziou seus pulmões. Soluçando, buscando fôlego, ela virou o rosto para o chão para afastá-lo da faca. A terra parecia tremer abaixo dela. Certamente uma ilusão. Mesmo assim, continuou a tremer.

Lori olhou para a Máscara. Ela também havia sentido os tremores, e estava olhando na direção do cemitério. Sua distração seria a única chance dela; tinha que aproveitá-la. Rolando para fora do alcance da Máscara, levantou-se. Não havia sinal de Narcisse ou Rachel; nem muita esperança de ajuda das máscaras mortuárias, que abandonavam sua vigília e fugiam correndo da fumaça à medida que os tremores se intensificavam. Fixando os olhos no portão através do qual Boone tinha passado, ela desceu cambaleando colina abaixo, o solo poeirento dançando em seus pés.

A fonte da agitação era Midian. Sua deixa, o desaparecimento do sol, e com ele a luz que prendia a Raça debaixo da terra. Era o ruído dela que fazia o solo tremer, a medida que destruíam seu refúgio. O que estava abaixo não podia mais permanecer abaixo.

A Raça da Noite estava se erguendo.

Saber disso não fez com que se desviasse. O que quer que estivesse solto dentro dos portões, ela já havia feito as pazes e podia esperar misericórdia. Do horror às suas costas, correndo atrás dela, não podia esperar nenhuma.

Havia somente as fogueiras nos túmulos adiante para guiar seu caminho na escuridão, agora um caminho atulhado com as ruínas do cerco: latas de gasolina, pás, armas jogadas. Ela estava quase nos portões quando viu Babette se aproximando do muro, o rosto apavorado.

— *Corra!* — gritou, com medo de que a Máscara ferisse a criança.

Babette fez o que lhe foi dito, seu corpo parecendo transformar-se em animal quando se virou e disparou pelos portões. Lori passou pouco depois, mas quando cruzou os umbrais a criança já tinha desaparecido, perdida pelas avenidas cheias de fumaça. Os tremores ali eram fortes o suficiente para deslocar as pedras do calçamento e derrubar os mausoléus, como se alguma força subterrânea — Bafomé, talvez, Aquele que Criou Midian — sacudisse suas fundações para destruir o lugar. Ela não havia antecipado tamanha violência; as chances que tinha de sobreviver ao cataclisma eram ínfimas.

Mas melhor ser soterrada nos escombros do que sucumbir à Máscara. E ficar lisonjeada por, no final, o Destino ter pelo menos lhe oferecido uma escolha entre mortes.

XXIII

Aflição

Na cela em Shere Neck, as lembranças do labirinto de Midian haviam atormentado Boone. Fechando os olhos contra o sol, ele se descobrira perdido ali, apenas para abri-los novamente e descobrir o labirinto que ecoava nas impressões nas pontas de seus dedos e nas veias de seus braços. Veias onde não havia calor; lembretes, como Midian, de sua vergonha.

Lori havia quebrado aquele feitiço de desespero, vindo a ele não implorando, mas *exigindo* que ele se perdoasse.

Agora, de volta às avenidas das quais surgira sua condição de monstro, sentia o amor dela por ele como a vida que seu corpo não mais possuía.

Ele precisava daquele conforto, em meio ao pandemônio. A Raça da Noite não estava simplesmente botando Midian abaixo, mas apagando toda e qualquer pista relativa à sua natureza ou lembranças de sua passagem. Ele os via em ação por toda parte, trabalhando para acabar o que oflagelo de Eigerman havia começado. Reunindo os pedaços de seus mortos e jogando-os nas

chamas; queimando suas camas, suas roupas, tudo que não pudessem levar.

Não eram os únicos preparativos para a fuga. Ele vislumbrou a Raça em formas que jamais tinha visto antes: asas que se desdobravam, membros que despontavam. Um se tornando muitos (um homem, um rebanho); muitos tornando-se um (três amantes, uma nuvem). Por toda parte, os ritos de partida.

Ashbery estava parado ao lado de Boone, sem palavras.

— Para onde eles estão indo?

— Cheguei tarde demais — disse Boone. — Estão deixando Midian.

A tampa de um caixão voou, e uma forma fantasmagórica elevou-se para o céu noturno como um foguete.

— Lindo — disse Ashbery. — O que são? Por que nunca ouvi falar deles?

Boone balançou a cabeça. Não tinha maneira de descrever a Raça que não fosse a maneira antiga. Não pertenciam ao Inferno; e também não pertenciam ao Céu. Eram o que a espécie à qual ele pertencera um dia não podia suportar ser. O não-povo; a anti-tribo; uma sacola de humanidade colocada de qualquer jeito e costurada novamente com a lua dentro.

E agora, antes que ele tivesse uma chance de conhecê-los — e, conhecendo-os, conhecer *a si mesmo* — estava perdendo-os. Estavam encontrando transporte em suas celas, e sumindo na noite.

— Tarde demais — ele disse novamente, a dor da despedida levando lágrimas aos seus olhos.

Os fugitivos estavam tomando impulso. Por todos os lados, portas eram lançadas longe, lápides jogadas para o alto, enquanto os espíritos ascendiam em inumeráveis formas. Nem todos voavam. Alguns saíam como cabra ou tigre, correndo através das chamas até o portão. A maioria ia sozinha, mas alguns — cuja fecundidade nem a morte nem Midian havia reduzido — saíam com famílias de seis ou mais, os menores nos braços. Boone estava testemunhando, e sabia disso, o fim de uma era, que havia começado no momento em que pisara pela primeira vez no solo de Midian. Ao fazer isso, ele a destruíra. Nem mesmo Lori poderia persuadi-lo a se perdoar quanto a isso. O pensamento poderia tê-lo tentado a se atirar às chamas, se não tivesse ouvido a criança chamar seu nome. Ela era humana o bastante para usar palavras; o resto era animal.

— Lori — ela disse.

— O que aconteceu com ela?

— A Máscara pegou-a.

A Máscara? Só poderia ser Decker.

— *Onde?*

2

Perto, cada vez mais perto.

Sabendo que não conseguiria correr mais do que a Máscara, ela tentou ser mais *corajosa* do que ela, indo onde esperava que ela não fosse. Mas ela queria muito a vida de Lori para sentir medo. Seguiu-a a um território onde o chão entrava em erupção sob seus pés, e choviam pedras fumegantes ao seu redor.

Mas não era a sua voz que a chamava.

— Lori! Por aqui!

Ela arriscou um olhar desesperado, e lá — *Bendito seja!* estava Narcisse, chamando. Lori fez uma curva fechada no caminho, ou no que dele havia restado, na direção de Narcisse, mergulhando entre dois mausoléus no momento em que seu vidro manchado explodiu, e um rio de sombra, repleto de olhos, deixou seu esconderijo em busca das estrelas. Era como um pedaço do próprio céu da noite, ela se maravilhou. Pertencia ao céu.

A visão reduziu sua passada a um passo exausto e fatal. A Máscara venceu o abismo entre ambas e agarrou-a pela blusa. Ela se atirou para a frente para evitar a facada que certamente viria em seguida, o tecido rasgando enquanto ela caía. Daquela vez ela a tinha. Mesmo tentando alcançar a parede para se levantar ela sentia a mão enluvada em sua nuca.

— *Cabeça filha-da-puta?*— alguém chamou.

Ela levantou os olhos para ver Narcisse do outro lado da passagem entre os mausoléus. Ele havia conseguido atrair a atenção de Decker. A mão em sua nuca afrouxou. Não era o bastante para que ela se safasse, mas se Narcisse conseguisse distraí-lo um pouco mais, talvez desse.

— *Tenho algo pra você* — ele disse, e tirou as mãos do bolso para mostrar os ganchos de prata nos polegares. Ele bateu os ganchos um no outro. Soltaram fagulhas.

Decker deixou o pescoço de Lori deslizar entre os dedos. Ela escapuliu e começou a correr, cambaleante, na direção de Narcisse. Ele descia a passagem rumo a ela, ou melhor, a Decker, em quem seus olhos estavam fixos.

— *Não* — Lori disse. — Ele é perigoso.

Narcisse ouviu-a — ele sorriu com o aviso — mas não respondeu. Simplesmente passou por ela para interceptar o matador.

Lori olhou de relance para trás. Quando a dupla chegou a um metro de distância um do outro, a Máscara puxou uma segunda faca, sua lâmina tão larga quanto a de um machete, de sua jaqueta. Antes que Narcisse tivesse chance de se defender, o açougueiro desferiu um golpe de cima para baixo que separou a mão esquerda de Narcisse do pulso de uma só vez. Balançando a cabeça, Narcisse deu um passo para trás, mas a Máscara foi até ele, levantando o facão uma segunda vez e desceu-o sobre o crânio de sua vítima. O golpe dividiu a cabeça de Narcisse em duas, do topo ao pescoço. Era uma ferida à qual nem mesmo um morto poderia sobreviver. O corpo de Narcisse começou a tremer, e então — como Ohnaka, apanhado na luz do sol — desmanchou-se com um som quebradiço, um coro de uivos e suspiros que emergiam, e se desmaneceram.

Lori deixou escapar um soluço, mas segurou-se. Não havia tempo para chorar. Se parasse para derramar uma única lágrima, a Máscara viria apanhá-la, e o sacrifício de Narcisse teria sido em vão. Ela começou a recuar, as paredes tremendo a cada lado, sabendo que devia simplesmente correr, mas incapaz de se desligar da visão da depravação da Máscara. Parado no meio da carnificina, ela espetou uma metade da cabeça de Narcisse na lâmina mais fina, e depois repousou a faca sobre o ombro, com troféu e tudo, antes de recomeçar a perseguição.

Agora ela corria, para fora da sombra dos mausoléus e voltando à avenida principal. Mesmo que a memória lhe pudesse ter oferecido um guia quanto a seu paradeiro, todos os monumentos haviam se tornado parte dos mesmos destroços; ela não sabia distinguir norte do sul. No fim era tudo uma coisa só. Por qualquer caminho que seguisse, via as mesmas ruínas, e o mesmo perseguidor. Se ele iria

atrás dela assim, sem parar — e iria — de que adiantava viver com medo? Que as coisas fossem logo do jeito cruel dele. Seu coração batia forte demais para sentir pressão.

Mas, quando já começava a se resignar à faca, o calçamento entre ela e seu assassino se abriu, uma pluma de fumaça ocultando-a da Máscara. Um instante depois toda a avenida se abriu. Ela caiu. Não ao chão. Não havia chão. Mas dentro da terra...

3

—... caindo! — disse a criança.

O choque quase a fez cair dos ombros de Boone. Ele levantou as mãos para segurá-la. Ela se agarrou com mais força em seus cabelos.

— Firme? — ele perguntou.

— Estou.

Ela não deixara que Ashbery os acompanhasse. Ele fora deixado por conta própria naquele turbilhão, enquanto saíam à procura de Lori.

— Lá na frente — disse Babette, direcionando sua montaria. — Não está muito longe.

As fogueiras estavam morrendo, depois de terem devorado tudo em que puderam meter suas línguas. Confrontados com tijolos frios, tudo o que podiam fazer era lambê-los até ficarem pretos, e depois morrer. Mas os tremores de baixo não tinham cessado. Seus movimentos ainda jogavam pedra contra pedra. E, sob as

reverberações, havia outro som, que Boone não ouviu tanto quanto sentiu: em suas entranhas, testículos, dentes.

A criança virou a cabeça dele com suas rédeas.

— Pra lá — disse.

As fogueiras que morriam tornavam o progresso mais fácil; o brilho que produziam não era para os olhos de Boone. Agora ele ia mais rápido, embora as avenidas tivessem sido assoladas pelo tremor e ele corresse por terra revirada.

— Falta muito? — perguntou.

— *Shh* — ela disse.

— O quê?

— Pare.

— Você também ouviu? — ele perguntou.

— Ouvi.

— E o que é?

Ela não respondeu no começo, mas tornou a escutar. Então disse:

— *Bafomé.*

Em suas horas preso, ele pensara mais de uma vez na câmara do Batista; no tempo frio que passara como testemunha do Deus dividido. Ele não lhe dissera profecias? Não sussurrava em sua cabeça e exigira que Boone ouvisse? Ele tinha previsto essa destruição. Dissera-lhe que a última hora de Midian era iminente. Mas não houvera acusações, embora ele deva ter sabido que falava

com o responsável por isso. Em vez de acusar, tinha se portado quase como um íntimo, o que aterrorizara Boone mais do que qualquer ataque. Ele não podia ser o confidente de divindades. Fora apelar para Bafomé como um dos recém-mortos, pedindo um lugar na terra. Mas havia sido saudado como um ator de algum drama futuro. Chamado por outro nome, inclusive. Não queria nada disso. Não queria os augúrios; não queria o nome. Lutara contra eles, dando as costas ao Batista; saíra cambaleante, expulsando os sussurros da cabeça.

Isso ele não havia conseguido. A lembrança da presença de Bafomé suas palavras, e aquele nome, voltaram como Fúrias.

Você é Cabala, ele dissera.

Boone negara então; e negava agora. Por mais que sentisse pena da tragédia de Bafomé, sabendo que não poderia escapar àquela destruição em sua condição de ferido, tinha necessidades mais urgentes para si próprio.

Não podia salvar o Batista. Mas podia salvar Lori.

— Ela está lá! — disse a criança.

— Onde?

— Logo em frente. Olhe!

Só o caos era visível. A avenida à frente deles havia sido aberta ao meio; luz e fumaça brotavam pela terra fendida. Não havia sinal de qualquer coisa viva.

— Não estou vendo — ele disse.

— Está debaixo da terra — replicou a garota. — No poço.

— Me leve até lá então.

— Não posso continuar.

— Por que não?

— Me desce. Já te levei até onde podia. — Um pânico mal disfarçado subiu por sua voz. — *Me põe no chão* — ela insistiu.

Boone agachou-se, e a criança pulou fora de seus ombros.

— O que foi? — ele perguntou.

— Não posso ir com você. Não é permitido.

Depois de tudo por que haviam passado, o desespero dela era inacreditável.

— Do que é que você está com medo? — ele perguntou.

— Não posso olhar — ela replicou. — O Batista não.

— Ele está aqui?

Ela fez que sim, afastando-se no instante em que um novo e violento tremor abriu a fissura adiante ainda mais.

— Vá pegar a Lori — ela disse. — Traz ela pra fora. Você é tudo que ela tem.

Então sumiu, duas pernas tornando-se quatro patas no ato da fuga, deixando Boone à beira do poço.

A consciência de Lori apagou-se no instante em que ela caiu.

Quando voltou a si, segundos depois, estava deitada com metade do corpo para cima, ou para baixo, de uma encosta íngreme. O teto sobre ela ainda estava intacto, mas bem rachado, fendas abrindo-se diante de seus olhos, previsão de um futuro colapso. Se não andasse rápido, seria enterrada viva. Olhou na direção do topo da encosta. O túnel que o atravessava estava aberto para o céu. Ela começou a rastejar nessa direção, com a terra caindo em cascatas em sua cabeça, as paredes rangendo, forçadas a se renderem.

— *Ainda não...* — ela murmurou. — *Por favor, ainda não...*

Só quando chegou a um metro e meio do topo foi que reconheceu a encosta. Ela havia carregado Boone pelo mesmo caminho certa vez, fugindo do poder que residia na câmara ao fundo. Será que a coisa ainda estava lá, observando seu esforço de fuga? Ou todo aquele cataclisma seria uma evidência de sua partida: o adeus do arquiteto? Ela não conseguia sentir a vigilância dele, mas também não sentia muita coisa. Seu corpo e sua mente funcionavam porque o instinto os comandava. Havia vida no topo da encosta. Centímetro a centímetro, com muito esforço, ela se arrastava naquela direção.

Outro minuto e ela alcançou o túnel, ou seus restos, sem teto. Ficou ali deitada por algum tempo, olhando o céu. Recuperando o fôlego, levantou-se e examinou o braço ferido. Os cortes estavam empapados de terra, mas pelo menos o sangue tinha parado de correr.

Quando ordenou as pernas que se movessem, algo caiu à sua frente, molhado de sujeira. Narcisse olhava para ela com meio rosto. Ela disse seu nome num soluço, virando os olhos para

encontrar a Máscara. Decker atravessou o túnel como um coveiro, e então pulou para dentro, para juntar-se a Lori.

A ponta do facão estava apontada para o coração dela. Se tivesse sido mais forte, a faca teria encontrado seu destino, mas a terra no topo da colina cedeu quando Lori recuou, e ela não teve forças para evitar a queda, de cabeça para baixo, encosta abaixo...

Seu grito orientou Boone. Ele pulou por sobre placas reviradas de asfalto e entrou nos túneis expostos, passando pelo labirinto de paredes caídas e fogueiras moribundas em direção a ela. Mas não foi a sua figura o que ele viu na passagem à frente, voltando-se para recebê-lo com facas prontas para cortar.

Era o doutor, finalmente.

Da segurança precária da encosta Lori viu a Máscara voltar-lhe as costas, distraída de seu propósito. Havia conseguido impedir a queda agarrando-se com a mão boa a uma fenda na parede, que cumpriu sua missão tempo suficiente para que ela vislumbrasse Boone na passagem acima. Ela vira o que o machete havia feito a Narcisse. Até mesmo os mortos eram mortais. Mas antes que pudesse proferir qualquer palavra de aviso a Boone, uma onda de poder frio subiu a encosta atrás dela. Bafomé não havia abandonado seu fogo. Ainda estava lá, e sua força despregava os dedos dela da parede.

Incapaz de resistir, ela deslizou para trás, caindo na câmara em erupção.

Os êxtases da Raça não haviam contaminado Decker. Ele partiu para cima de Boone como um açougueiro para terminar um serviço interrompido: sem floreios, sem paixão.

Isso o tornava perigoso. Atacou rápido, sem sinalizar sua intenção. A lâmina fina correu reta para o pescoço de Boone.

Para desarmar o inimigo, Boone simplesmente deu um passo para trás. A faca deslizou por entre os dedos de Decker, ainda presa na carne de Boone. O doutor não fez qualquer tentativa de pegá-la de volta. Em vez disso, pegou o facão que restara com as duas mãos. Agora ele fazia um som: um gemido baixo que se tornou arfante quando ele se atirou para a frente para despachar sua vítima.

Boone desviou-se do golpe, e a faca enterrou-se na parede do túnel. Ambos ganharam um banho de terra quando Decker puxou-a de volta. Então virou-se novamente, dessa vez errando o rosto de seu alvo por um dedo. Sem equilíbrio, Boone quase caiu, e ao baixar os olhos deu com o troféu de Decker. O rosto deformado era inconfundível. Narcisse; cortado e morto na terra.

— *Seu filho-da-puta!* Rugiu.

Decker parou por um momento, e observou Boone. Então falou. Não com sua própria voz, mas com a voz de outro; uma voz fina e sarcástica.

— Você pode morrer — disse.

Enquanto falava, balançava a lâmina para frente e para trás, sem tentar tocar Boone, mas simplesmente para demonstrar sua autoridade. A lâmina gemia como a voz; a música de uma mosca num caixão, voando de um lado para outro entre as paredes.

Boone recuou ante a exibição, com um terror mortal nas entranhas.

Decker tinha razão. Os mortos *podiam* morrer.

Tomou fôlego, pela boca, pela garganta dolorida. Havia cometido um erro fatal ficando como humano na presença da Máscara. E por quê? Por alguma absurda ideia de que aquele confronto

final deveria ser de homem para homem, de que eles trocariam palavras enquanto lutassem, e de que ele destruiria o ego do doutor antes de destruir-lhe a vida.

Não seria desse jeito. Aquilo não era a vingança de um paciente sobre seu médico corrompido: era um monstro e um carniceiro, dentes e faca.

Ele exalou, e a verdade em suas células surgiu como mel. Em seus nervos corria o êxtase; seu corpo latejava enquanto inchava. Em vida ele jamais se sentira tão vivo quanto naqueles momentos, despindo sua humanidade e vestindo-se para a noite.

— *Não mais...* — disse, e deixou a fera dentro dele sair por todos os poros.

Decker levantou o machete para destruir o inimigo antes que a mudança terminasse. Mas Boone não esperou. Ainda se transformando, rasgou o rosto do açougueiro, arrancando fora a máscara — com botões, zíper e tudo — para revelar as enfermidades por baixo dela.

Decker urrou ao ser revelado, pondo a mão sobre a face para tentar escondê-la do olhar da fera.

Boone pegou a máscara do chão e começou a rasgá-la, as garras estraçalhando o linho. Os uivos de Decker aumentaram. Deixando cair a mão do rosto, ele começou a desferir golpes em Boone com um abandono insano. A lâmina apanhou o peito de Boone, abrindo-o, mas quando voltou para um segundo golpe Boone soltou os trapos e bloqueou-o, jogando o braço de Decker contra a parede com tanta força que lhe quebrou os ossos. O machete caiu no chão, e Boone estendeu a garra para o rosto do doutor.

O uivo agudo parou quando as garras se aproximaram. A boca se fechou. As feições relaxaram. Por um instante, Boone estava

olhando para um rosto que havia estudado por horas, pesando cada palavra por ele pronunciada. Ao pensar nisso, sua mão foi do rosto ao pescoço e ele agarrou a traquéia de Decker, que produzira tantas mentiras. Cerrou o punho, as garras rasgando a carne do pescoço de Decker. Então puxou. O organismo se desfez num jato de sangue. Os olhos de Decker se arregalaram, fixos em seu silenciador. Boone puxou uma, duas vezes. Os olhos ficaram vidrados. O corpo tremeu, e depois começou a relaxar.

Boone não o deixou cair. Segurou-o como numa dança, e destruiu carne e ossos como havia destruído a máscara, farrapos do corpo de Decker batendo nas paredes. Os crimes de Decker contra ele agora não eram mais que lembranças distantes em sua cabeça. Ele rasgava com o cuidado de um membro da Raça, tirando uma satisfação monstruosa de um ato monstruoso. Depois que o estrago já estava feito, jogou os restos na terra, e terminou a dança com o parceiro sob seus pés.

Aquele corpo não se ergueria do túmulo. Não haveria esperança de ressurreição terrena. Mesmo no auge de seu ataque Boone contivera a mordida que teria transmitido a vida após a morte para o sistema de Decker. Sua carne pertencia somente às moscas e seus filhotes; sua reputação, às lembranças dos que quisessem contar sua história. Boone não ligava. Se jamais se livrasse dos crimes que Decker havia colocado em suas costas, pouco importava agora. Não era mais inocente. Com aquela chacina ele se tornara o assassino que Decker o persuadira de que era. Ao assassinar o profeta ele tomara a profecia verdadeira.

Deixou o corpo cair, e foi procurar Lori. Só havia um lugar para onde ela poderia ter ido: descendo a encosta, para a câmara de Bafomé. Havia um esquema naquilo, ele percebia. O Batista *a havia trazido* até ali, desfazendo o chão de sob os pés dela para trazer Boone em seguida.

A chama que o corpo dividido do Batista ocupava jogava um encanto frio em seu rosto. Ele começou a descer a encosta naquela direção, vestido no sangue de seu inimigo.

XXIV

Cabala

Perdido na terra devastada, Ashbery foi encontrado por uma luz que tremeluzia e se elevava por entre as pedras quebradas do calçamento. Seus raios eram terrivelmente frios, e pegajosos de um jeito que nenhuma luz tinha direito de ser, aderindo à sua manga e mão antes de se desvanecer. Intrigado, ele foi à procura de sua fonte, de uma erupção a outra, cada ponto mais brilhante do que o anterior.

Tendo estudado muito na juventude, teria reconhecido o nome Bafomé se alguém o tivesse sussurrado para ele, e compreendido por que a luz, que surgia da chama dessa divindade, exercia tamanha atração sobre ele. Ele teria reconhecido a divindade como deus e deusa num só corpo. Teria sabido também como seus adoradores haviam sofrido por devoção a ela, queimando como hereges ou por crimes contra a natureza. Poderia ter temido um poder que exigisse tal homenagem, e faria bem em temê-lo.

Mas não havia ninguém para lhe dizer isso. Só havia a luz, que o atraía.

2

O Batista não estava só em sua câmara, descobriu Boone. Ele contou onze membros da Raça ao redor das paredes, ajoelhados, com os olhos vendados, de costas para o fogo. Entre eles, o senhor Lylesburg e Rachel.

No chão à direita da porta jazia Lori. Havia sangue em seu braço e no rosto, e estava com os olhos fechados. Mas, quando foi em seu auxílio, a coisa nas chamas pôs os olhos nele, fazendo-o virar-se com um toque gelado. Tinha negócios com ele, coisas que não iria adiar.

— *Aproxime-se* — disse. — *De livre e espontânea vontade.*

Boone estava com medo. As chamas que saíam do solo eram duas vezes maiores do que da última vez em que entrara, e batiam no teto da câmara. Fragmentos de terra, transformados em gelo ou cinza, caíam numa chuva reluzente e atulhavam o chão. A dez metros das chamas, a energia que emanava delas era brutal.

Mesmo assim, Bafomé convidava-o a chegar ainda mais perto.

— *Você está seguro* — ele disse. — *Veio com o sangue de seu inimigo. Isso o manterá aquecido.*

Deu um passo na direção do fogo. Embora tivesse sido atingido por balas e lâminas em sua vida desde a morte, e não tivesse sentido nada, o frio das chamas de Bafomé o tocava com muita intensidade. Dava alfinetadas em sua nudez; criava um tipo de congelamento em seus olhos. Mas as palavras de Bafomé não eram promessas vazias. O sangue que o cobria ficava mais quente à medida que o ar ao seu redor esfriava. Tirou conforto disso, e avançou os últimos passos.

— *A arma* — disse Bafomé. — *Desfaça-se dela.*

Havia esquecido a faca em seu pescoço. Puxou-a da carne e jogou-a de lado.

— *Mais perto* — disse o Batista.

A fúria das chamas escondia tudo, exceto relances de seu conteúdo, mas o suficiente para confirmar o que seu primeiro encontro com Bafomé lhe ensinara: que se aquela divindade houvesse feito criaturas à sua própria imagem, ele jamais poria os olhos nelas. Mesmo em sonhos, nada havia que se aproximasse do Batista. Era um e um somente.

Subitamente, alguma parte dela saiu das chamas em sua direção. Seus membros, órgãos ou ambos, ele não teve chance de ver. A coisa agarrou-lhe o pescoço e cabelos e puxou-o para o fogo. O sangue de Decker não o protegia agora; o gelo queimava seu rosto. Mas não havia como se livrar. Ela imergiu-lhe a cabeça nas chamas, segurando-o firme. Ele soube o que isso significava no instante em que o fogo se fechou ao redor de sua cabeça: era o *batismo*.

E, para confirmar essa crença, a voz de Bafomé em sua cabeça:

— *Você é Cabala* — ela disse.

A dor estava passando. Boone abriu a boca para tomar fôlego, e o fogo desceu por sua garganta e penetrou-lhe no estômago e pulmões, espalhando-se por todo seu sistema. Carregava um novo nome consigo, batizando de dentro para fora.

Ele não era mais Boone. Era *Cabala*. Uma aliança de muitos. Daquele momento de purificação em diante ele seria capaz de sentir paixão, sangrar, fazer filhos: era o presente de Bafomé, o que a divindade lhe dava. Mas ele também seria frágil, ou mais frágil do

que antes. Não só porque sangrava, mas porque tinha agora um propósito.

— *Preciso esconder-me esta noite* — disse Bafomé. — *Todos temos inimigos, mas os meus viveram mais tempo e aprenderam mais crueldades que os outros. Eu serei levado daqui e ocultado deles.*

Agora a presença da Raça fazia sentido. Eles haviam ficado para trás para levar uma fração do Batista com eles e escondê-la de quaisquer forças que os perseguissem.

— *Foi você quem fez isso, Cabala* — disse Bafomé. — *Não o acuso. Tinha que acontecer. Nenhum refúgio é eterno. Mas eu encarrego você...*

— Sim? — ele disse. — Ordene-me.

— *de reconstruir o que destruiu.*

— Uma nova Midian?

— *Não.*

— O que, então?

— *Você deve descobrir um novo lugar para nós no mundo dos humanos.*

— Ajude-me — ele pediu.

— *Não posso. De agora em diante, é você quem deve me ajudar. Você destruiu o mundo. Agora deve reconstruí-lo.*

As chamadas estremeceram. Os Ritos de Batismo estavam quase terminados.

— Como começo? — perguntou Cabala.

— *Cure-me* — replicou Bafomé. — *Ache-se e cure-me. Salve-me de meus inimigos.*

A voz que de início se dirigira a ele havia mudado profundamente seu tom. Todo traço de exigência desaparecera. Só restava aquele pedido de cura e proteção, sussurrado suavemente ao seu ouvido. Até mesmo a cabeça de Cabala tinha sido solta, o que o deixara livre para olhar para a esquerda e para a direita. Um chamado que ele não ouvira havia convocado os ajudantes de Bafomé do lugar onde estavam. Apesar de suas vendas, eles caminharam com passos firmes até a beira do fogo, que perdera muito de sua ferocidade. Levantaram os braços, dos quais pendiam sudários, e a parede de chamas quebrou-se quando pedaços do corpo de Bafomé foram jogados nos braços que esperavam, para serem embrulhados na mesma hora e escondidos.

A separação dos pedaços era agonizante. Cabala sentiu a dor como se fosse dele próprio, preenchendo-o até o limite do suportável. Para escapar a ela, começou a se afastar das chamas.

Mas, ao fazer isso, o último pedaço restante apareceu na frente de seu rosto. A cabeça de Bafomé. Ela virou-se para ele, vasta e branca, uma simetria fabulosa. Todo o corpo de Cabala eriçou-se: cabeça, tronco e membros. Seu coração começou a bater, curando sua parte danificada à primeira pulsação. Seu sangue congelado liquefez-se como a relíquia de um santo, e começou a correr. Seus testículos ficaram apertados; esperma subiu pelo seu pau. Ejaculou nas chamas, pérolas de sêmen voando de encontro ao rosto do Batista.

Então o encontro acabou. Ele saiu cambaleante do fogo quando Lylesburg — o último dos assistentes a permanecer na câmara — recebeu a cabeça das chamas e embrulhou-a.

Os hospedeiros partindo, a ferocidade das chamas redobrou.

Cabala cambaleou para trás diante da terrível e vigorosa erupção.

No chão acima, Ashbery sentiu a força aumentar, e tentou afastar-se dela, mas sua mente estava cheia do que havia presenciado, e o peso disso reduziu sua velocidade. O fogo o apanhou, varrendo-o em sua ascensão. Ele soltou um grito de terror ao toque, e ao gosto de Bafomé que inundou seu sistema. Suas muitas máscaras foram incineradas. Primeiro a batina, depois as calcinhas que nunca, em nenhum momento de sua vida adulta, conseguira deixar de usar. Em seguida, a anatomia sexual de que nunca gostara muito. E finalmente a carne, limpando-o completamente. Ele caiu de volta à terra mais nu do que estivera no ventre de sua mãe, e cego. O impacto esmagou-lhe as pernas e braços de forma irremediável.

Embaixo, Cabala lutou para se recobrar do torpor da revelação. O fogo havia aberto um buraco no teto da câmara, e estava se espalhando dali para todas as direções. Consumiria carne tão facilmente quanto terra ou pedra. Tinham de sair dali antes que os encontrasse. Lori estava acordada. Pela suspeita que seus olhos mostraram quando ele se aproximou, era óbvio que ela havia visto o Batista, e sentido medo.

— Sou eu — ele disse. — Ainda sou eu.

Estendeu-lhe a mão. Lori apanhou-a, e ele a levantou.

— Eu carrego você — ele disse.

Ela balançou a cabeça. Seus olhos foram de Cabala para algo no chão mais atrás. Ele acompanhou seu olhar. A lâmina de Decker estava perto da fissura, onde o homem que ele fora antes do Batismo a havia jogado de lado.

— Você a quer? — ele perguntou.

— Quero.

Protegendo a cabeça dos destroços, ele retraiu os passos e apanhou-a.

— Ele está morto? — Lori perguntou quando ele voltou.

— Está.

Não havia sinal do cadáver para confirmar a afirmação dele. O túnel, desabando, havia enterrado-o, assim como estava enterrando toda Midian. Um túmulo para os túmulos.

Com tanto já arrasado, não foi difícil achar o caminho para os portões. Não viram sinal dos habitantes de Midian no percurso. Ou o fogo consumira seus restos, ou pedras e terra os havia coberto.

Logo do lado de fora, onde não poderiam deixar de ver, uma lembrança de alguém que Lori rezara para escapar sem problemas. A boneca de Babette — feita de talos de grama, e com uma coroa de flores do campo — jazia num pequeno círculo de pedras. Quando os dedos de Lori fizeram contato com o brinquedo, ela viu pela última vez pelos olhos da criança: uma paisagem movendo-se enquanto alguém a levava correndo em busca de segurança. A visão foi muito breve. Ela não teve tempo de dizer uma prece de boa sorte para a criança antes que o contato se desfizesse por um ruído às suas costas. Virou-se para ver que os pilares que haviam suportado os portões de Midian estavam começando a desabar. Cabala puxou-a pelo braço quando os dois cilindros de pedra bateram um no outro, cabeça com cabeça, como adversários de luta-livre, e então caíram de lado, atingindo o solo onde momentos antes eles haviam estado.

3

Embora não tivesse relógio para ver as horas, Cabala era dono de sentidos aguçados — presente de Bafomé, talvez —, sabendo quanto tempo tinham até o sol nascer. Em sua mente ele podia ver o planeta como o mostrador de um relógio decorado com mares, e a divisão mágica de dia e noite correndo ao seu redor.

Não tinha medo da aparição do sol no horizonte. O batismo lhe dera uma força negada aos seus irmãos e irmãs. O sol não o mataria. Isso ele sabia sem questionar. Sem dúvida, seria um desconforto para ele. O nascer da lua sempre seria uma visão mais bem-vinda que o nascer do sol. Mas seu trabalho não ficaria restrito às horas da noite. Não precisaria esconder sua cabeça do sol do jeito que seus companheiros da Raça eram obrigados. Mesmo agora estariam procurando um lugar de refúgio antes que a manhã surgisse.

Imaginou-os sobre o céu da América, ou correndo no acostamento de suas rodovias, grupos se dividindo quando alguns entre eles ficassem cansados, ou achassem um refúgio provável: o resto em marcha, mais desesperado a cada momento. Silenciosamente, ele lhes desejou jornadas seguras e um porto seguro.

Mais: prometeu-lhes que os encontraria novamente em tempo. Reuni-os-ia e os uniria como Midian havia feito. Sem o desejar, ele os ferira. Agora, tinha de curar essa ferida, por mais que demorasse.

— Preciso começar hoje à noite — ele disse a Lori. — Ou as trilhas deles vão esfriar. Então jamais os encontrarei.

— Você não vai sem mim, Boone.

— Não sou mais Boone — ele disse.

— Por quê?

Eles se sentaram na colina sobre a necrópole, e ele recitou a ela tudo o que aprendera no batismo. Lições difíceis, que ele tinha poucas palavras para comunicar. Ela estava cansada, e tremia, mas não deixou que ele parasse.

— Continue... — dizia quando ele parava. — Conte-me tudo.

Ela sabia da maior parte. Fora instrumento de Bafomé tanto quanto ele, ou mais. Parte da profecia. Sem ela, ele jamais teria retornado a Midian para salvá-la, e para falhar. As consequências desse retorno e dessa falha eram a tarefa à sua frente.

Mesmo assim ela se revoltou.

— Não pode me abandonar — disse. — Não depois de tudo que aconteceu.

Ela pôs a mão em sua perna.

— Lembre-se da cela... — murmurou.

Ele olhou-a.

— Você sugeriu que eu me perdoasse. E foi um bom conselho. Mas não quer dizer que eu possa dar as costas ao que aconteceu aqui. Bafomé, Lylesburg; todos eles... Eu destruí a única casa que eles já tiveram.

— Você não a destruiu.

— Se eu jamais tivesse vindo aqui, ela ainda estaria de pé — ele replicou. — Tenho de desfazer esses danos.

— Então me leve com você — ela disse. — Vamos juntos.

— Não pode ser assim. Você está viva, Lori. Eu não. Você ainda é humana. Eu não.

— Você pode mudar isso.

— O que está dizendo?

— Você pode fazer comigo o mesmo que aconteceu com você. Não é difícil. Uma mordida e Peloquim o transformou para sempre. Então me *transforme*.

— Não posso.

— *Não vai*, você quer dizer.

Ela virou a ponta da lâmina de Decker na poeira.

— Você não quer estar comigo. E simples, não é? — Ela deu um sorrisinho, os lábios comprimidos. — Não tem coragem de dizer isso?

— Quando eu tiver terminado meu trabalho... — ele respondeu. — Talvez aí...

— Ah, em cem anos, mais ou menos? — ela murmurou, lágrimas começando a brotar. — Aí você vai voltar pra mim? Me desenterrar, me beijar toda? Me dizer que teria aparecido mais cedo, mas os dias passaram *tão rápido...*

— *Lori*.

— Cale a boca — ela disse. — Não me dê mais nenhuma desculpa. São só insultos. — Ela estudava a lâmina, e não ele. — Você tem

suas razões. Eu acho que elas são uma merda, mas você as mantém. Vai precisar de algo em que se agarrar.

Ele não se moveu.

— Pelo que está esperando? Não vou dizer que está tudo bem. Vá. Não quero nunca mais te ver.

Cabala se levantou. A raiva dela doía, mas era mais fácil do que lágrimas. Ele recuou três ou quatro passos, então — compreendendo que ela não lhe daria um sorriso ou sequer um olhar — virou-lhe as costas.

Só então ela levantou o olhar. Os olhos dele estavam desviados. Era agora ou nunca. Ela colocou a ponta da faca de Decker na barriga. Sabia que não poderia enfiá-la com uma das mãos, então ajoelhou-se, apoiou o cabo na terra, e deixou o peso do corpo jogá-la de encontro à lâmina. Foi uma dor horrível. Ela gritou desesperada.

Ele se virou para encontrá-la se contorcendo, o sangue manchando o solo. Correu de volta para ela, virando-a. Ela já sentia os espasmos da morte.

— *Eu menti*— ela murmurou. — Boone... eu menti. Você é tudo o que quero ver.

— Não morra — ele disse. — Meu Deus do céu, não morra.

— Então me impeça.

— Não sei como.

— Me mate. Me morda... me dê o bálsamo.

A dor contorcia seu rosto. Ela perdeu o fôlego

.

— Ou me deixe morrer, se não puder me levar com você. É melhor do que viver sem você.

Ele aninhou-a, soltando lágrimas sobre seu rosto. As pupilas dela estavam revirando sob as pálpebras. Sua língua estava sofrendo espasmos em seus lábios. Em segundos estaria morta, ele sabia. Uma vez morta, estaria além de seu poder trazê-la de volta.

— Quer dizer... que... *não*? — ela perguntou. Não conseguia vê-lo mais.

Ele abriu a boca para dar sua resposta, erguendo o pescoço dela para a mordida. Sua pele tinha um cheiro amargo. Mordeu fundo no músculo, sentindo o sangue suculento na língua, o bálsamo subindo pela garganta para entrar na corrente sanguínea dela. Mas os tremores em seu corpo já haviam cessado. Ela relaxou no abraço.

Ele levantou a cabeça do pescoço rasgado, engolindo o que tinha arrancado. Esperara muito tempo. Merda! Ela era sua mentora e professora, e ele a deixara escapar. A morte a havia levado antes que ele tivesse tido tempo de tornar a mordida numa promessa.

Pasmo por sua última e mais lamentável falha, ele a colocou no chão à sua frente.

Quando afastou os braços, ela abriu os olhos.

— Nunca vou te deixar — ela disse.

XXV

Fica Comigo

Foi Pettine quem encontrou Ashbery, mas só Eigerman reconheceu nos restos o homem que ele fora. O padre ainda tinha vida, um fato — dada a gravidade de seus ferimentos — que beirava o milagroso. Suas duas pernas foram amputadas nos dias que se seguiram, e um dos braços até a altura do peito. Não saiu do coma após as cirurgias, nem tampouco morreu, embora todos os cirurgiões opinassem que suas chances eram praticamente zero. Mas o mesmo fogo que o deformara havia lhe emprestado uma força que não era natural. Contra todas as possibilidades, ele resistiu.

Não ficou sozinho durante os dias e as noites de inconsciência. Eigerman estava ao seu lado vinte e quatro horas por dia, esperando como um cão espera restos de comida dos donos à mesa, certo de que o sacerdote poderia levá-lo ao mal que destruíra suas vidas.

Conseguiu mais do que havia esperado. Quando Ashbery finalmente emergiu das profundezas, após dois meses beirando a extinção, emergiu falante. Insano, mas falante. Chamava Bafomé. Chamava Cabala. Dizia, nos hieróglifos dos irremediavelmente loucos, como a

Raça havia apanhado os pedaços de corpo de sua divindade e ps escondido. Mais do que isso. Disse que podia encontrá-los novamente. Tocado pelo fogo do Batista, e seus sobreviventes, ele queria o toque novamente.

— Sinto o cheiro de Deus — ele dizia sem cessar.

— Pode nos levar até Ele? — perguntou Eigerman.

A resposta era sempre sim.

— Então serei seus olhos — ofereceu-se Eigerman. — Iremos juntos.

Ninguém mais queria as provas que Ashbery oferecia. Havia absurdos demais para serem considerados do jeito que as coisas já estavam, sem se acrescentar o peso da realidade. As autoridades deixaram com prazer, Eigerman ter a custódia do padre. Eles mereciam um ao outro, era a opinião geral. Não tinham em comum uma única célula de sanidade.

Ashbery era profundamente dependente de Eigerman: incapaz, pelo menos no começo, de comer, evacuar ou se lavar sem ajuda. Por mais repugnante que fosse cuidar do imbecil, Eigerman sabia que Ashbery era um presente de Deus. Através dele, ainda poderia se vingar pelas humilhações das últimas horas de Midian. Codificadas nas loucuras que Ashbery dizia estavam as pistas do paradeiro do inimigo. Com tempo, ele as decifraria.

E quando o fizesse — *ah, quando o fizesse* — o dia do Juízo Final não seria nada, perto do dia desse ajuste de contas.

Os visitantes chegavam à noite, furtivamente, e se refugiavam onde podiam.

Alguns revisitaram esconderijos de que seus antepassados gostavam; cidades sob amplos céus nas quais os crentes ainda cantavam aos domingos e as cercas de madeira ainda eram pintadas toda primavera. Outros escolheram as cidades grandes: Toronto, Washington, Chicago, esperando evitar melhor a detecção onde as ruas eram mais apinhadas, e a corrupção de ontem era o comércio de hoje. Num lugar daqueles, sua presença poderia não ser notada por um, dois ou três anos. Mas não para sempre. Fossem quais fossem os refúgios, na cidade, baía ou deserto, nenhum deles se iludia pensando que era uma residência permanente. Com o tempo, eles seriam descobertos, e afastados. Havia um novo frenesi no exterior, em particular entre seus velhos inimigos, os cristãos, que faziam um espetáculo diurno, falando de seu mártir e exigindo purgações em Seu nome. No momento em que descobrissem a Raça em seu meio, as perseguições recomeçariam.

Portanto, discrição era a palavra-chave. Só tocariam carne quando a fome se tornasse insuportável, e somente com vítimas que não tivessem quem as procurasse depois. Eles se conteriam para não infectar outros, para não entregar sua presença. Se um fosse descoberto, nenhum outro arriscaria se expor para salvá-lo. Leis difíceis, mas não tão difíceis quanto as consequências de quebrá-las.

O resto era paciência, e eles estavam acostumados a isso. Um dia o seu libertador viria, se pudessem sobreviver à espera. Poucos tinham qualquer pista da forma em que ele apareceria. Mas todos sabiam seu nome.

Cabala, ele era chamado. *Aquele que destruiu Midian*.

Suas preces eram cheias dele. *Que ele venha no próximo vento.* Se não agora, pelo menos amanhã.

Não teriam rezado com tanta paixão se soubessem que mudanças sua vinda traria. Poderiam até não ter rezado se soubessem que rezavam para si mesmos. Mas aquelas eram revelações para o futuro. Por hora, suas preocupações eram mais modestas. Manter as crianças afastadas dos telhados à noite, impedir os loucos de gritarem alto demais e os jovens, no verão, de se apaixonarem pelos humanos.

Era uma vida.





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**